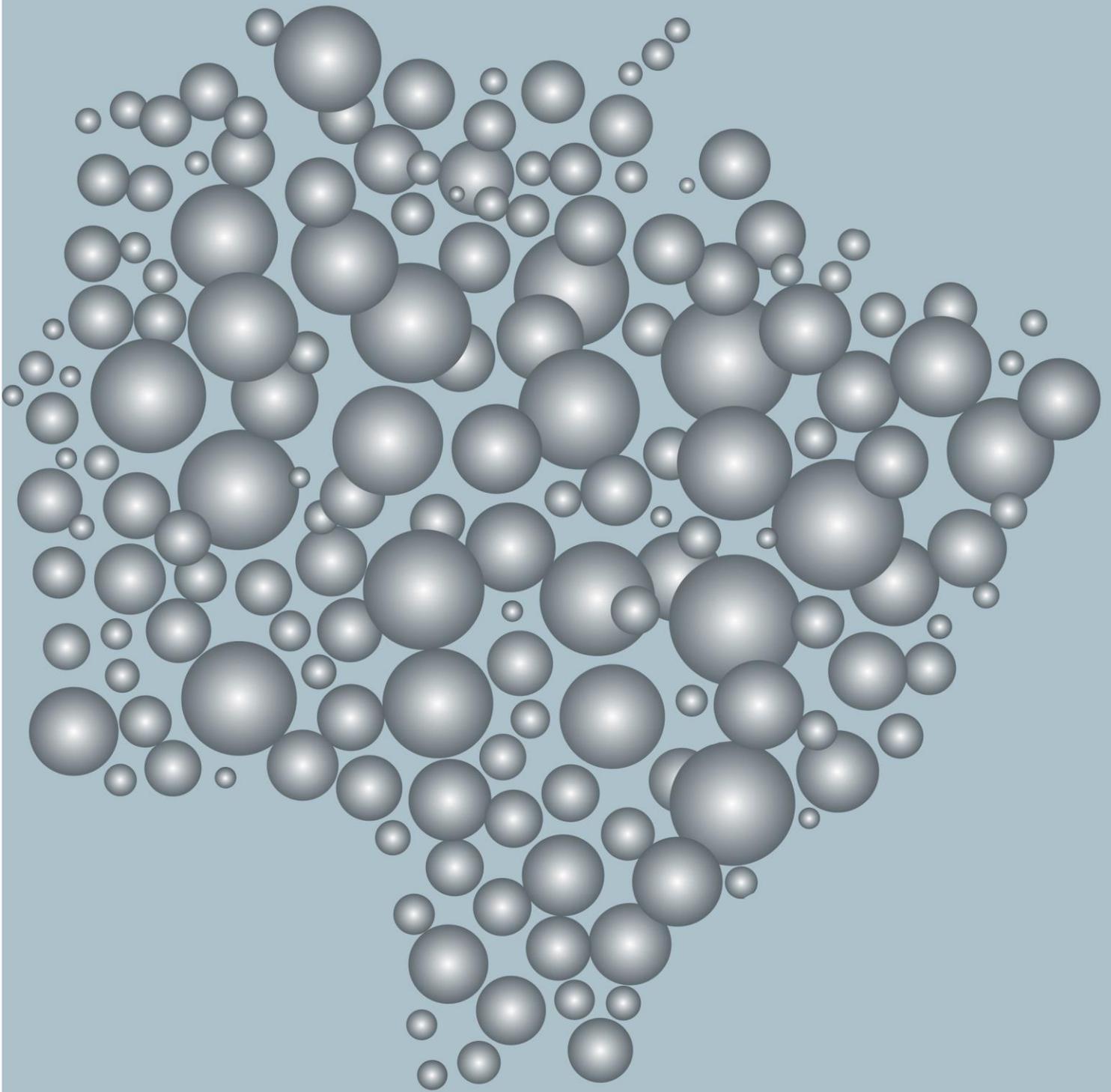




Mato Grosso do Sul

Diagnóstico Socioeconômico



SEMADE

**SEMADE – Secretaria de Estado de Meio Ambiente e
Desenvolvimento Econômico**

DIAGNÓSTICO SOCIOECONÔMICO DE MATO GROSSO DO SUL – 2015

SUMÁRIO

Apresentação	004
Siglas	005
Dados Básicos	006
1 - Introdução	007
2. Aspectos Gerais de Mato Grosso do Sul	009
3. Aspectos Demográficos	028
4. Aspectos Econômicos	049
4.1. Setor Primário	049
4.1.1. Estrutura Fundiária	050
4.1.2. Agricultura	051
4.1.3. Pecuária	065
4.2. Setor Secundário ..	078
4.2.1. Produto Interno Bruto	078
4.2.2. Estabelecimentos Industriais	081
4.2.3. Bioenergia – Setor Sucroalcooleiro	085
4.3. Setor Terciário	088
4.3.1. Crescimento do Setor	088
4.3.2. Comércio	089
4.3.3. Educação	093
4.3.4. Comércio Exterior	101
4.3.5. Mercosul	102
4.3.6. Turismo	105
4.3.7. Comunicação	108
4.3.8. Energia Elétrica	107
4.3.9. Transportes	114
4.3.10. Armazenagem	121
4.3.11. Receita Tributária	124
4.3.12. Saneamento	124
4.3.13. Reforma Agrária	129
5. Governadores de Mato Grosso do Sul	131
Referências Bibliográficas	132
Autoridades	133
Elaboração	134

APRESENTAÇÃO

O Diagnóstico Socioeconômico de Mato Grosso do Sul é um documento que contempla um conjunto de análises técnicas resultantes do levantamento de informações acerca do desempenho das áreas econômicas, demográficas, sociais, além de uma síntese das características ambientais do Estado.

Por meio do levantamento periódico de dados socioeconômicos é construída a base para a interpretação do desenvolvimento dos setores da economia estadual, como também da retrospectiva histórica e sua evolução.

Embora esteja composto por um conjunto de séries estatísticas, gráficos e mapas ilustrativos que o referenciam, não esgota a possibilidade de uma visão analítica mais crítica da economia do Estado, por meio do seu conteúdo e de outras informações disponíveis.

O desenvolvimento deste trabalho esta estruturado de forma a dar uma visão da dinâmica do Estado de Mato Grosso do Sul, nos seus aspectos gerais considerando os setores primário, secundário e terciário da economia estadual.

JAIME ELIAS VERRUCK

Secretário de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Econômico

SIGLAS

AGESUL – Agência Estadual de Gestão de Empreendimentos de Mato Grosso do Sul
 AGRAER – Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural
 ALCA – Área de Livre Comércio das Américas
 ASEMA – Ações Sócio-Educativas em Meio Aberto
 ANEEL – Agência Nacional de Energia Elétrica
 BCP – Benefício de Prestação Continuada
 BDE/MS - Banco de Dados do Estado de Mato Grosso do Sul
 BOH – Boletim de Ocupação Hoteleira
 BRASIL TELECOM S/A
 CAGED – Cadastro Geral de Emprego e Desemprego
 CDI – Conselho de Desenvolvimento Industrial
 CE – Comunidade Europeia
 CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento
 DEIC – Departamento de Indústria e Comércio
 DFA – Delegacia Federal de Agricultura
 DNPM - Departamento Nacional de Produção Mineral
 ENERSUL – Empresa Energética de Mato Grosso do Sul
 ELEKTRO – Elektro Eletricidade e Serviços S.A.
 FERRONORTE – Ferrovia do Norte S.A.
 FNRH – Fundo Nacional de Registro de Hóspedes
 FNS – Fundação Nacional de Saúde
 GEREST – Gerência de Estatística e Sistemas de Comércio Exterior
 IAGRO – Departamento de Inspeção e Defesa Agropecuária de Mato Grosso do Sul
 IBAMA – Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
 IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
 ICMS – Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços
 INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
 LOAS – Lei Orgânica da Assistência Social
 LSPA – Levantamento Sistemático da Produção Agrícola
 MAS – Ministério da Assistência e Promoção Social
 MDIC – Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior
 MERCOSUL – Mercado Comum dos Países do Cone Sul
 MME – Ministério de Minas e Energia
 MRG – Microrregião Geográfica
 MTE – Ministério do Trabalho e Emprego
 NOB – Norma Operacional Básica
 PAM – Produção Agrícola Municipal
 PEA – População Economicamente Ativa
 PETI – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil
 PIB – Produto Interno Bruto
 PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
 PPM – Pesquisa da Pecuária Municipal
 SAC – Serviços de Ação Continuada
 SANESUL – Empresa de Saneamento de Mato Grosso do Sul
 SEAP/PR/MS – Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca da Presidência da República
 SECEX – Secretaria de Comércio Exterior
 SEMADE – Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Econômico
 SEPAF – Secretaria de Estado de Produção e Agricultura Familiar
 SEFAZ – Secretaria de Estado de Fazenda
 SEDHAST – Secretaria de Estado de Direitos Humanos, Assistência Social e Trabalho
 SIF – Serviço de Inspeção Federal
 SNIC – Sindicato Nacional da Indústria do Cimento
 SUIC – Superintendência de Indústria e Comércio
 UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

DADOS BÁSICOS DE MS

CRIAÇÃO DO ESTADO

Lei Complementar: nº 31 de 11 de Outubro de 1.977

Data de Instalação: 1º de Janeiro de 1.979

LOCALIZAÇÃO

Norte: - 17°01'00" - Latitude
 Sul: - 24°05'45" - Latitude
 Leste: - 50°56'00" - Longitude
 Oeste: - 58°10'00" - Longitude

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

Região Centro-Oeste

LIMITES

Norte - Mato Grosso e Goiás
 Sul - Paraguai e Paraná
 Leste - Minas Gerais e São Paulo
 Oeste - Paraguai e Bolívia

BACIAS HIDROGRÁFICAS

Bacia do Rio Paraguai

Bacia do Rio Paraná

ÁREA DO ESTADO: 357.145,53 Km²

POPULAÇÃO: 2.505.088 (Estimativa-2012 - IBGE)

PIB *Per Capita*/2012: R\$ 21.744,32

DENSIDADE DEMOGRÁFICA/2012: 7,01 hab/km²

NÚMERO DE MICRORREGIÕES: 11

MUNICÍPIOS: 79

DISTRITOS: 84

CAPITAL: Campo Grande

MUNICÍPIOS MAIS POPULOSOS - 2012

MUNICÍPIOS	POPULAÇÃO
Campo Grande	805.397
Dourados	200.729
Corumbá	104.912
Três Lagoas	105.224
Ponta Porã	80.433
Naviraí	47.899

FONTE: Estimativa 2012 - IBGE

1. INTRODUÇÃO

O Estado de Mato Grosso do Sul foi constituído a partir do desmembramento do Sul do antigo Mato Grosso. Sua criação foi resultado do compromisso da instalação de um Estado modelo em gestão organizacional e administrativa, o que fatalmente o transformaria rapidamente em um novo Eldorado econômico, por conta de suas potencialidades e vocações naturais corretamente apontadas naquele momento.

Sua instalação, em 1979, contou com o apoio do Governo Militar, que tinha como estratégia política interiorizar o desenvolvimento nacional, reduzir os vazios demográficos e apoiar e potencializar novas fronteiras de produção agropecuária e agroindustrial, possibilitando o surgimento de inúmeras atividades produtivas em escala comercial e com uso mais intensivo de capital e tecnologia, como pode ser exemplificado com a modernização da atividade agropastoril ocorrida nas últimas três décadas principalmente nos cerrados do oeste brasileiro.

Nesse contexto, o jovem Estado de Mato Grosso do Sul necessitava firmar-se dentro da Federação como uma nova unidade territorial, capaz de atender às demandas de investimentos em infraestrutura que o habilitasse efetivamente como uma nova alternativa emergente de ocupação e expansão econômica, de forma sustentável e duradoura, idealizada naquele momento no Centro-Oeste brasileiro.

Entretanto, nos primeiros anos de sua existência como Unidade Politicamente Autônoma da Federação, teve que enfrentar indefinições e incertezas no campo político, em razão das dificuldades de entendimento de suas lideranças.

As dificuldades enfrentadas inicialmente no campo político, além de levar o Estado a ter quatro governadores no período de 1979 a 1985 – dos quais três nomeados pelo Governo Federal – produziram instabilidades de conjuntura política que influenciaram negativamente na negociação de recursos financeiros para investimentos na modernização da infraestrutura de apoio produtivo, o que exigiu esforços que superavam a capacidade do Tesouro Estadual, gerando desequilíbrios nas suas finanças públicas.

Em que pesem essas dificuldades inicialmente enfrentadas tanto no campo político como no financeiro, são notáveis os avanços experimentados nas áreas de infraestrutura, tais como: transportes, o Estado conta atualmente com aproximadamente 65.679 km de rodovias, sendo mais de 7.950 km de rodovias pavimentadas; telecomunicações com mais de 614.000 terminais telefônicos fixos instalados e mais de 3.700.000 acessos a telefonia móvel celular; energia elétrica com expansão na eletrificação rural, atendendo mais de 87.600 consumidores, quanto na área urbana, em que todos os municípios passaram a contar com a rede de energia, atendendo atualmente mais de 847 mil consumidores em todo o Estado.

Superando todas as adversidades de conjuntura interna e externa, como a segunda crise do petróleo, em 1979, e a Crise Financeira Internacional, provocada pela moratória de dívida externa mexicana, com grandes impactos no sistema financeiro global no início da década de 1980, verificaram-se avanços extraordinários na economia dos estados do interior do Brasil, como a consolidação da agricultura moderna de alta produtividade e em grande escala no Centro-Oeste brasileiro, o que contribuiu para colocar o País no clube dos maiores produtores mundiais de grãos.

Inserida nesse contexto, a economia de Mato Grosso do Sul experimentou no período de 1980/2012 fases que poderiam ser classificadas de avanços econômicos, principalmente no setor agropecuário e na agroindústria, com a modernização e incorporação tecnológica na pecuária e o aumento expressivo na produção de grãos, notadamente na década de 1980, com crescimento superior a 8% a.a., impulsionado pelo ganho de produtividade e expansão em novas áreas.

A modernização do setor primário potencializou o Estado como grande produtor de matéria-prima, e se constituiu como fator decisivo para a agroindustrialização iniciada nos anos de 1980, posicionando-se como setor que efetivamente vem agregando valor à produção estadual, possibilitando a capitalização do produtor sul-mato-grossense e ampliando oportunidades de emprego e renda internamente.

Destacam-se outras oportunidades ainda pouco exploradas que se constituem riquezas potenciais, como as imensas oportunidades para o turismo e ecoturismo em áreas da região do Pantanal, do entorno de Coxim e Costa Rica, além do turismo rural em todo o Estado. Mato Grosso do Sul também é grande detentor de riquezas minerais, atualmente subexploradas. Com a autossuficiência energética alcançada com a instalação das termelétricas de Campo Grande e Três Lagoas para o aproveitamento do gás boliviano, viabilizar-se-á a implantação de futuros polos petroquímicos e minero-siderúrgicos no eixo de Três Lagoas a Campo Grande, chegando a Corumbá.

O potencial de expansão da economia sul-mato-grossense foi fortalecido nos últimos anos com o recebimento de expressivos investimentos em eixos estruturadores, concentrados principalmente na área energética com o Gasoduto Bolívia/Brasil e a construção de duas termelétricas, além da Usina Hidrelétrica de Costa Rica e outras, privatização da Novoeste, implantação da ferrovia Ferronorte e Hidrovias Paraná-Tietê e Paraguai-Paraná, expansão da malha rodoviária pavimentada e crescimento da rede armazenadora de grãos.

Diante disso, o Estado de Mato Grosso do Sul se coloca numa posição de destaque não só pelo seu potencial de recursos naturais e da infraestrutura moderna voltada para o apoio ao setor produtivo, como também por estar geograficamente localizado numa posição estratégica entre mercados potenciais como o MERCOSUL e grandes centros consumidores brasileiros, constituindo-se em fatores extremamente favoráveis ao desenvolvimento de atividades agroindustriais e de expansão do intercâmbio comercial.

Todas as condicionantes retratam que o ritmo de desenvolvimento que o Estado atravessa denota a busca de excelência nos setores estratégicos e potenciais de produção, possibilitando ao Mato Grosso do Sul avançar rapidamente na conquista de novos mercados e na agregação de valores principalmente dentro daquelas cadeias de maior potencial como: carnes, grãos, minérios, siderurgia e florestas, turismo e sucoalcooleiro.

As oportunidades potenciais do Estado para o seu desenvolvimento são inegavelmente positivas, embora o seu aproveitamento esteja sempre diretamente relacionado à capacidade do governo, da sociedade e, em especial, dos empresários em capitalizar as oportunidades oferecidas em projetos de investimentos que realmente transformem o leque de riquezas existentes em resultados no setor real da economia, como forma de garantir melhores oportunidades de emprego e renda e projetar um cenário com maior conforto à população sul-mato-grossense.

2. ASPECTOS GERAIS

2.1 LOCALIZAÇÃO

Mato Grosso do Sul, localizado na região Centro-Oeste, tem uma superfície de 357.145,53 km² encontra-se numa posição privilegiada, em função da proximidade dos grandes centros consumidores e distribuidores do País, onde se destacam as regiões Sul e Sudeste.

FIGURA 2.1 – LOCALIZAÇÃO DE MATO GROSSO DO SUL NO PAÍS E NA AMÉRICA DO SUL



A localização geográfica aliada à infraestrutura econômica existente permite ao Estado exercer o papel de centro redistribuidor de insumos e produtos, oriundos dos grandes centros de produção para a região Centro-Oeste e Norte do Brasil.

Limitando-se a Leste com os Estados de Minas Gerais, São Paulo e Paraná, com infraestrutura viária adequada, Mato Grosso do Sul apresenta um enorme potencial no que se refere ao aproveitamento hidroviário na Bacia do Paraná e do Paraguai.

Ao Norte, limita-se com os Estados de Mato Grosso e Goiás, possibilitando através da BR-163 a saída para Cuiabá, Goiânia, Brasília, Porto Velho, Rio Branco e Manaus.

Mato Grosso do Sul possui também limites internacionais, com o Paraguai e a Bolívia. O Rio Paraguai, que lhe faz fronteira, permite o intercâmbio comercial por via navegável com os países do Mercado Comum do Cone Sul - Mercosul e o resto do mundo.

2.2 FÍSICO

2.2.1 - TERRITÓRIO

O território de Mato Grosso do Sul compreende a maior parcela das bacias dos rios Paraná e Paraguai na Região Centro-Oeste. Delimita-se com os estados de Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais, São Paulo e Paraná, e seu extremo meridional delimita-se com a República do Paraguai que juntamente com a Bolívia definem a linha de fronteira ocidental brasileira.

Sua extensão territorial de aproximadamente 36 milhões de hectares o coloca como a 6ª Unidade da Federação em área, em que foi registrada uma população residente de 2.505.088 habitantes pela estimativa realizado pelo IBGE em 2012, possuindo densidade demográfica de 7,01 hab/km².

Apresenta duas grandes unidades, do ponto de vista geográfico:

- O Planalto Sedimentar da Bacia do Rio Paraná, situado a Leste, possui aproximadamente 176.000 km² de área, relevo de topografia suave (variando de 200 m a 600 m), clima quente (ainda que com inverno bastante frio no extremo Sul) e semiúmido (com máxima de precipitação no verão e mínima no inverno); solos predominantemente arenosos em suas porções Nordeste, Leste e Sul, recobertos pelo cerrado, e mais férteis, de origem basáltica a terra roxa, em sua área a Sudoeste, nas bacias dos rios Brilhante, Dourados e Vacaria.

- A Baixada Paraguaia, uma das maiores planícies interiores da Terra, constitui a segunda maior unidade geográfica de Mato Grosso do Sul. Com cerca de 180.000 km² de superfície e feições planas (altitude variando de 100 m a 300 m), sua parte inundável – o Pantanal – nas cheias pode ficar recoberto por lençol d'água contínuo de até 25 km de largura. Também de clima quente e úmido, tem primavera e verão muito quentes e o inverno sob a ação de massas polares. Pode apresentar temperatura de 0°C. Em sua maior parte, seus solos são argilosos e arenosos nas áreas mais altas, podendo ser derivados de rochas calcárias e xistosas nas elevações isoladas, como na Serra da Bodoquena, que possui extensas jazidas de calcário, granito e mármore e no Maciço de Urucum, com reservas de manganês e minério de ferro.

Somadas as extensões dos principais rios das bacias dos rios Paraguai e Paraná, temos cerca de 9.200 km, dos quais 38% navegáveis por embarcações comerciais, com profundidade mínima de 2,10 metros, em 90% do tempo. Os rios afluentes apresentam um pequeno potencial hidrelétrico, em contrapartida, um enorme potencial pesqueiro e turístico – especialmente no Pantanal.

O território de Mato Grosso do Sul está dividido em 11 microrregiões geográficas e 79 municípios a partir de 2013, cujas áreas variam entre 64.962,72 km² (Corumbá) e 280,79 km² (Douradina), sendo que 44 municípios compõem a Faixa de Fronteira Internacional com as Repúblicas do Paraguai e da Bolívia, perfazendo uma extensão total de aproximadamente 1.520,5 km, dos quais 724,2 km sem cursos d'água.

FIGURA 2.3 – MATO GROSSO DO SUL / LIMITES, LINHA DE FRONTEIRA E CENTROS URBANOS



2.2.2 - RECURSOS MINERAIS

Muito embora centrada na agropecuária, a economia de Mato Grosso do Sul destaca-se ainda por suas reservas minerais, que estão entre as maiores do País, embora o setor da mineração não exerça contribuição expressiva nos resultados econômico-financeiros do Estado, ressentindo-se da falta de implantação de um Polo Minerio-Siderúrgico e Gás-Químico, o que estimularia a criação de um mercado local para os minérios de ferro e manganês.

A extração de minerais engloba, desde a garimpagem de diamantes ao aproveitamento de rocha para brita, argila para a indústria cerâmica e oleira, areia e cascalho, materiais de ampla utilização na construção civil. Muito importante ainda, é a lavra das rochas carbonatadas pertencentes a associações de rochas cognominadas Grupo Cuiabá (parcial) e que sustentam o corpo principal da Serra da Bodoquena, a qual se comporta como uma jazida inesgotável de rochas calcárias, tanto para aplicação direta como para indireta, na construção civil na forma de brita, cal, “*petit pavê*” para calçamento, mármore para revestimento, ornamentação e cimento.

Na área drenada pelo médio curso do rio Miranda, cujo substrato é constituído por rochas metamorfizadas do Grupo Cuiabá (quartzitos, xistos, filitos e calcários), destaca-se a lavra de bens minerais de aplicação na construção civil como: brita, cascalho, cal, areia e argila. Os cascalhos quartzosos dessa unidade não só se prestam ao uso da construção civil, como também são empregados nos altos fornos de ferro-liga sediados em Corumbá.

Predominam na região fronteira com a Bolívia, na forma de um aglomerado de morros que compõem o Maciço de Urucum; nas imediações de Corumbá e a Serra do Amolar, mais ao Norte, as rochas do Grupo Jacadigo (Formação Urucum e Santa Cruz), que encerram as mais importantes jazidas minerais do Estado: manganês e ferro, concentradas nos municípios de Corumbá e Ladário.

TABELA 2.1 – VOLUME PRODUZIDO DOS PRINCIPAIS MINERAIS EM MATO GROSSO DO SUL – 1990 - 2011

ANO	SUBSTÂNCIAS MINERAIS EXTRAÍDAS (t)			
	Ferro Bruto	Manganês Bruto	Calcário Bruto	Cimento
1990	1.487.026	486.869	904.091	305.385
1991	1.572.144	418.978	777.104	283.990
1992	833.889	447.603	1.152.495	230.847
1993	609.258	395.589	1.227.372	324.969
1994	1.304.237	290.471	1.291.582	465.009
1995	1.926.055	219.805	1.066.010	497.276
1996	1.958.656	259.594	1.161.297	591.702
1997	2.336.474	278.450	1.561.667	816.707
1998	2.456.260	284.014	1.492.403	787.615
1999	2.156.159	251.912	1.320.075	711.669
2000	2.255.688	294.998	1.486.067	792.490
2001	2.084.043	249.362	1.531.961	751.023
2002	2.803.753	359.990	1.838.813	707.710
2003	3.163.871	468.223	1.693.538	617.609
2004	3.382.230	367.475	1.932.055	653.222
2005	⁽¹⁾ 4.936.622	472.615	1.287.977	653.076
2006	⁽¹⁾ 6.578.084	454.521	⁽¹⁾ 1.535.349	670.102
2007	⁽¹⁾ 7.148.458	⁽¹⁾ 345.709	⁽¹⁾ 2.155.158	746.608
2008	⁽¹⁾ 9.118.236	⁽¹⁾ 316.121	⁽¹⁾ 2.582.134	877.514
2009	⁽¹⁾ 5.694.272	215.307	2.246.034	872.031
2010	6.518.789	203.784	3.201.836	889.968
2011	7.451.189	301.734	3.500.419	972.895

FONTE: MME. SNIC

Elaboração: SEMAC/MS

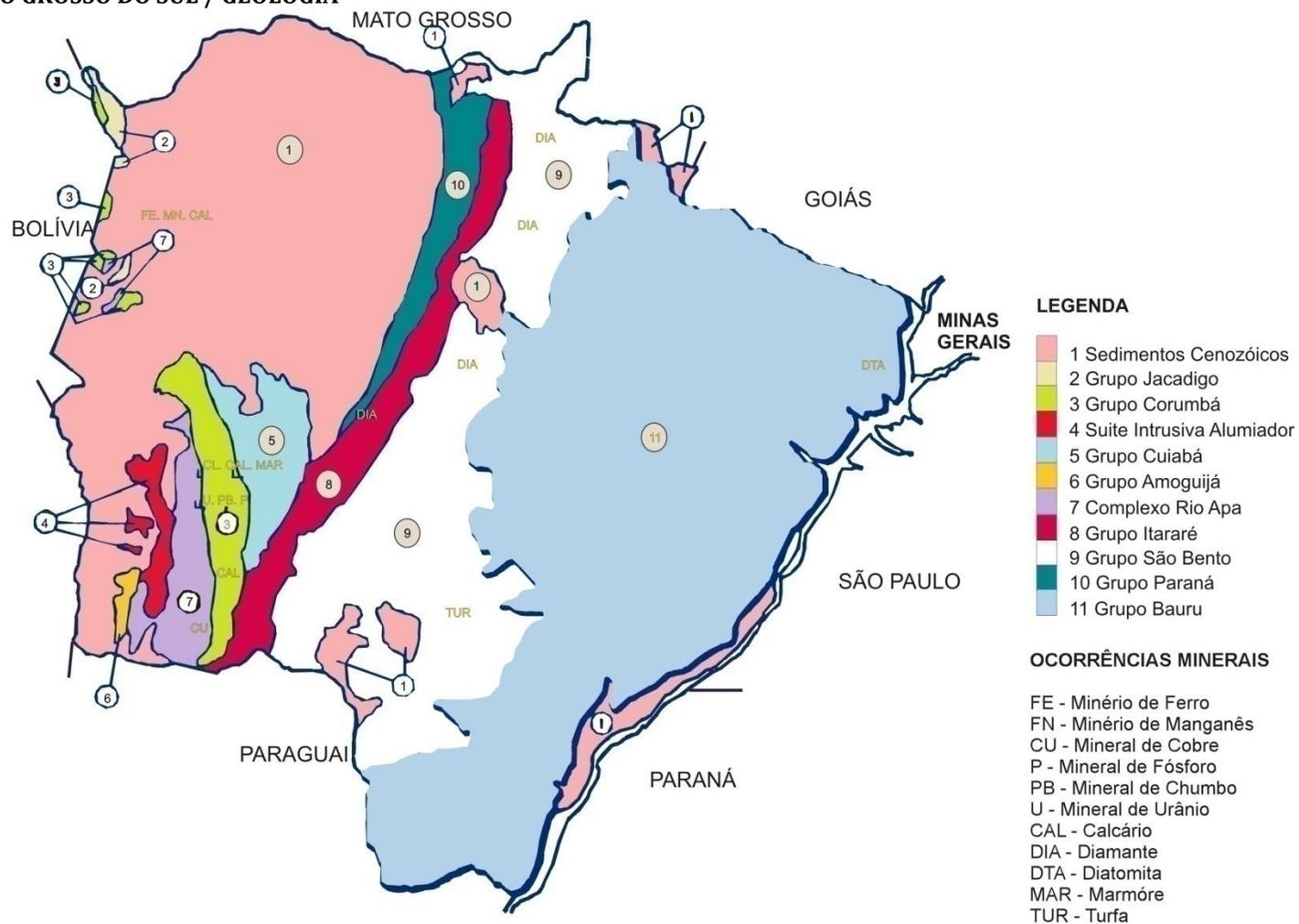
(1) Dados retificados pela fonte.

Destaca-se como Distrito Mineral a microrregião do Pantanal, em virtude principalmente da exploração de ferro, manganês e calcário. As principais reservas destes minérios no Estado estão estimadas em 6,1 bilhões de toneladas de ferro (terceira maior reserva do país), incluindo reservas: medida, indicada e inferida; 31,3 milhões de toneladas de manganês (terceira maior reserva nacional), incluindo reservas: medida, indicada e inferida; 19,9 bilhões de toneladas de calcário, com destaque para os Municípios de Bodoquena e Miranda, e 623,0 milhões de m³ de mármore concentrado e afins, no Município de Bonito, conforme dados publicados no Anuário Mineral Brasileiro de 2006.

Dentre os principais produtos e substâncias minerais produzidos e extraídos mensalmente no Estado, destacam-se: ferro e manganês, ferro-liga, calcário corretivo, cimento, cal, cerâmica, olarias, brita e areia, conforme a tabela 2.1.

Neste contexto, a produção das olarias, a qual, embora significativa, é desenvolvida de modo rudimentar por inúmeras microunidades ou empresas familiares, conforme informações na figura 2.4.

FIGURA 2.4 - MATO GROSSO DO SUL / GEOLOGIA



Fonte: SEMAC/MS
 Programação Visual: SEMAC/SUPLAN/CAES

2.2.3 - GEOMORFOLOGIA E RELEVO

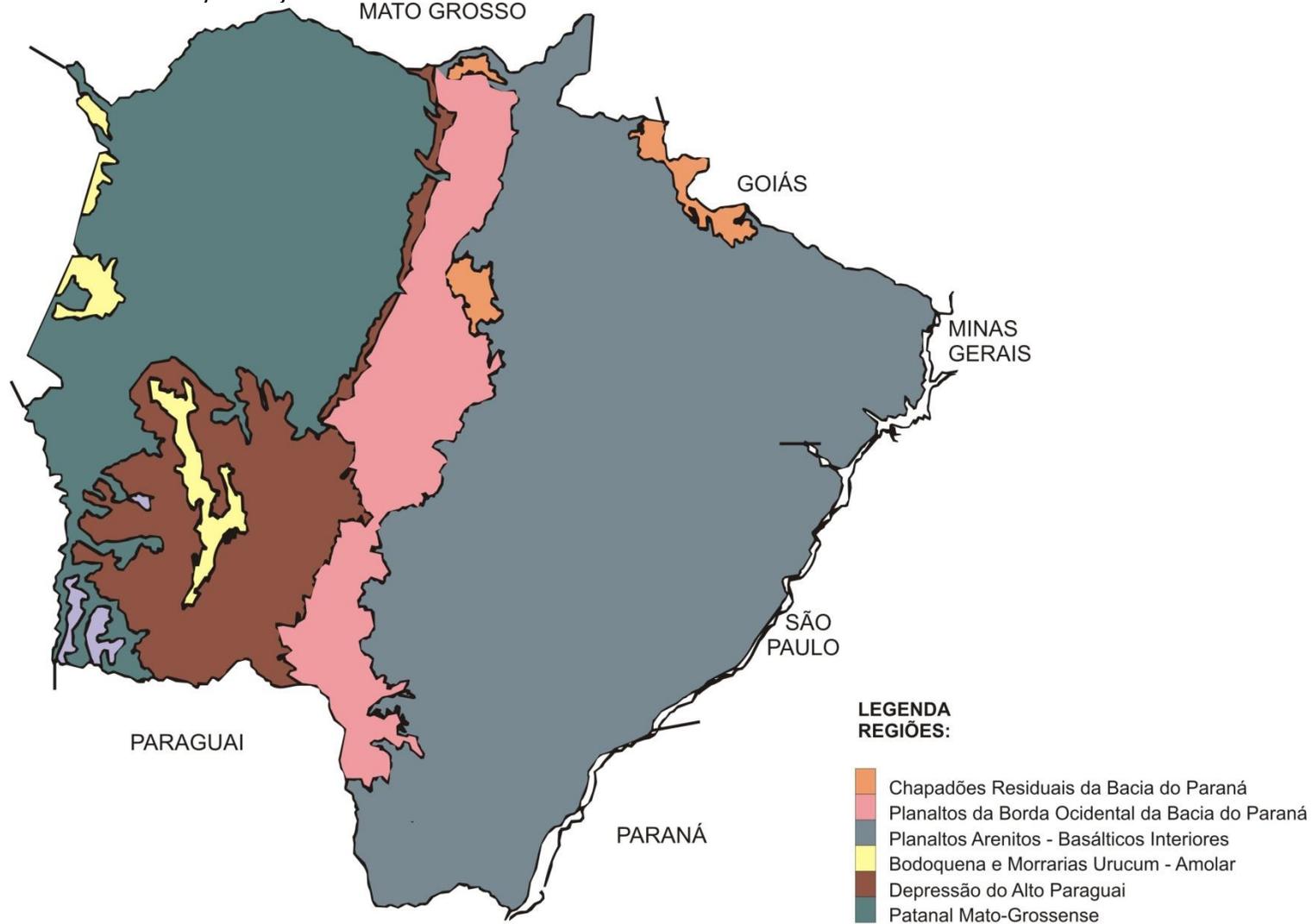
O Estado de Mato Grosso do Sul apresenta quatro fisionomias distintas no relevo. A parte oriental compreende um relevo alçado constituído por planaltos, patamares e chapadões inseridos na Bacia Sedimentar do Paraná.

De sua borda ocidental em direção Oeste estende-se vasta superfície rebaixada recoberta por sedimentos quaternários – a região do Pantanal Mato-Grossense e a Depressão do Alto Paraguai. Em meio a essas regiões rebaixadas erguem-se relevos elevados da Bodoquena e as morrarias do Urucum-Amolar.

A origem e a evolução das diferentes fisionomias do relevo regional acham-se intimamente relacionadas a movimentos de compensação isostáticas muito antigas, como o soerguimento dos Andes e da Bacia Sedimentar do Paraná, e o abatimento entre os dois, onde se instalou a atual Bacia do Paraguai.

As menores altitudes do Estado estão próximas à calha do Rio Paraguai e variam de 80 m a 90 m. As maiores altitudes são encontradas ao Sul do Município de Ladário, na morraria do Urucum, onde chegam a 1.000 m, e também no extremo Norte do Município de Costa Rica, onde atingem 890 m, conforme informações na figura 2.5.

FIGURA 2.5 – MATO GROSSO DO SUL / ESBOÇO GEOMORFOLOGIA
MATO GROSSO



Fonte: SEMAC/MS
Programação Visual: SEMAC/SUPLAN/CAES

2.4 - SOLO

Em Mato Grosso do Sul foram identificadas e caracterizadas vinte e cinco classes de solos com variações na fertilidade natural, os quais são encontrados sob diferentes condições de relevo, erosão, drenagem, vegetação e uso.

Os solos de maior ocorrência no Estado são os latossolos, apresentando-se normalmente com textura média e com caráter álico. Ocupam basicamente a Bacia do Paraná, estando amplamente distribuídas na porção central do Estado, estendendo-se ao Sul e Nordeste. Apresentam grande variação entre as diferentes classes, das quais o Latossolo Vermelho Escuro é o de maior expressividade, seguido do Latossolo Roxo, que se concentra na MRG da Grande Dourados, e finalmente o Latossolo Vermelho-Amarelo, conforme tabela 2.2.

TABELA 2.2 – DISTRIBUIÇÃO QUANTITATIVA DAS DIFERENTES CLASSES DE SOLOS

CLASSES	ÁREA OCUPADA	
	km ²	%
Latossolo Vermelho-Escuro	83.418,97	23,36
Latossolo Roxo	38.719,13	10,84
Latossolo Vermelho-Amarelo	1.642,93	0,46
Terra Roxa Estruturada	785,76	0,22
Podzólico Vermelho-Escuro	17.572,29	4,92
Podzólico Vermelho-Escuro Latossólico	4.428,79	1,24
Podzólico Vermelho-Amarelo	13.607,81	3,81
Podzol Hidromórfico	29.205,15	8,18
Brunizém Avermelhado	1000,05	0,28
Planassolo	27.644,22	7,74
Planassolo Solódico	7.357,50	2,06
Solonetz Solodizado	14.893,59	4,17
Plintossolo	2.642,98	0,74
Plintossolo Solódico	1.857,24	0,52
Glei Húmico Vértico	392,87	0,11
Glei Pouco Húmico	12.241,61	3,43
Areias Quartzosas Hidromórficas	2.607,27	0,73
Solos Orgânicos	214,29	0,06
Areias Quartzosas	59.181,49	16,57
Regossolo	8.178,97	2,29
Solos Aluviais	35,71	0,01
Vertissolo	5.714,57	1,60
Vertissolos Solódicos	1.420,84	0,40
Solos Litólicos	11.464,85	3,21
Rendzinas	2.716,96	0,76
Associações Complexas	5.500,27	1,54
TOTAL	354.446,11	99,24
Massa d'água	2.699,42	0,76
TOTAL DO ESTADO	357.145,53	100,00

FONTE: Macrozoneamento Geoambiental – SEMAC/MS

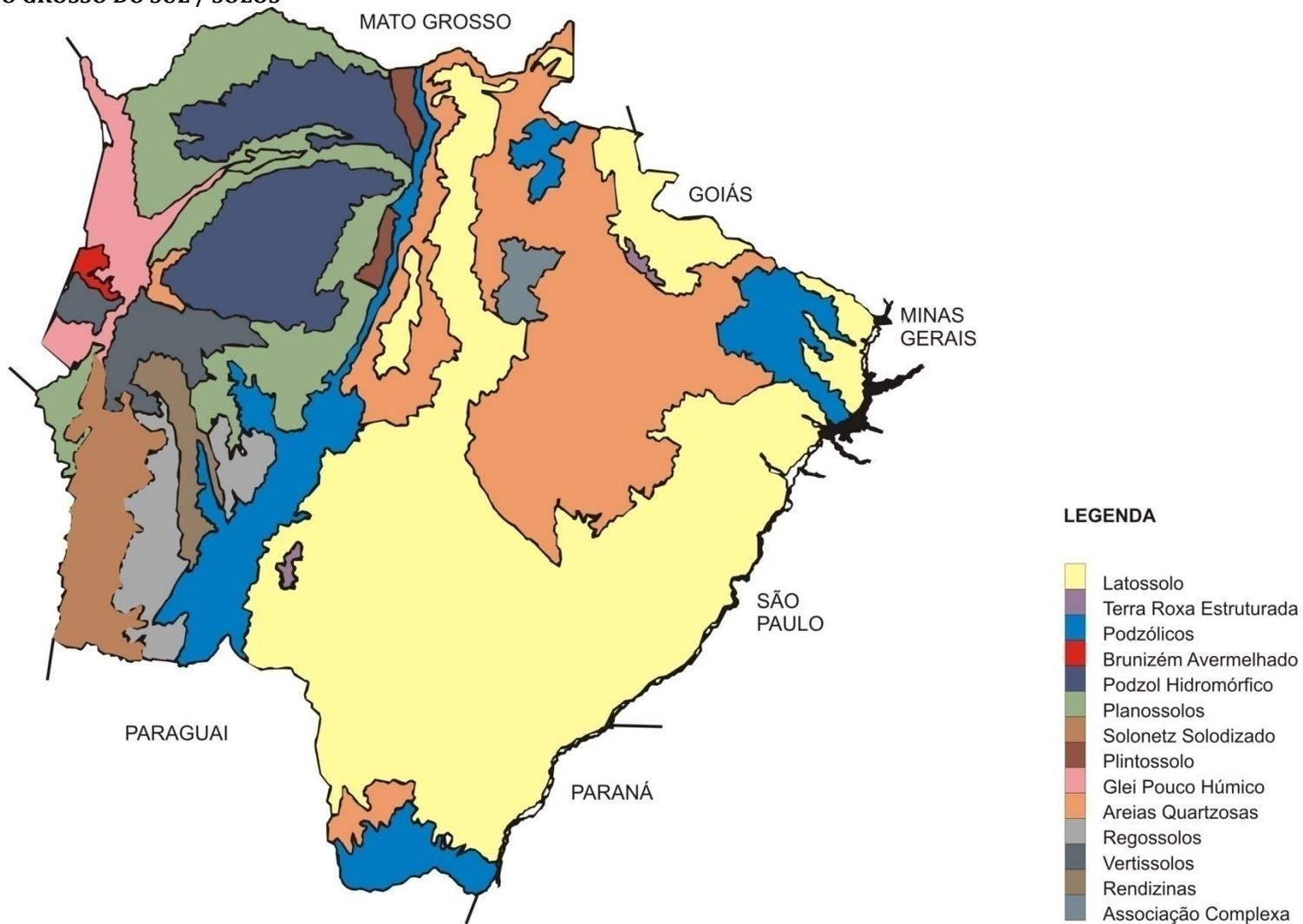
Na porção Centro-Oeste do Estado, verifica-se a ocorrência disseminada das Areias Quartzosas, que compreendem solos bastante arenosos, bem drenados e com baixa fertilidade natural, encontrados também margeando as Serras de Aquidauana, de Maracaju e do Pantanal, e correspondem à segunda classe de maior expressividade no Estado.

Com relação à Bacia do Paraguai, tem-se a ocorrência de solos hidromórficos diversos com características distintas e que, no entanto, apresentam em comum, normalmente, baixa fertilidade natural, textura arenosa e principalmente a intensa influência exercida pela água, quer através do transbordamento de corpos d'água, quer da subida do lençol freático à superfície.

Na área da Depressão do Pantanal, ocorrem amplamente o Podzol Hidromórfico, Planossolo e Glei Pouco Húmico. Na região periférica à Depressão, ocorrem vários tipos de solos como: o Solonetz Solodizado, localizado a Sudoeste do Estado, margeando em ampla faixa o Rio Paraguai, desde Corumbá até Porto Murtinho; o Regossolo e as Rendizinas. Ocorrem ainda, Brunizém Avermelhado junto às Morrarias e os Vertissolos em manchas de dimensão significativa próximo a Corumbá.

Em menor proporção, mas ainda com ocorrência significativa, encontram-se na Bacia do Paraná os solos Podzólicos, concentrando-se na região Sul do Estado, e de forma menos expressivas margeando cursos d'água, afluentes do rio Paraná e ainda, na região Nordeste e às margens do rio Paraná, em faixa de largura variável, são encontrados solos aluviais, Gleis Húmicos, Orgânicos, entre outros, de acordo com a figura 2.6.

FIGURA 2.6 – MATO GROSSO DO SUL / SOLOS



Fonte: SEMAC/MS
 Programação Visual: SEMAC/SUPLAN/CAES

2.3 BIOLÓGICO

2.3.1 - VEGETAÇÃO

A vegetação do Estado de Mato Grosso do Sul reflete o contato e a interpenetração de três províncias florísticas: Amazônica, Chaquenha e da Bacia do Paraná, resultando em paisagens fitogeográficas muito diversificadas. Suas formações naturais vão desde campos limpos, completamente destituídos de árvores, a cerrados e até florestas exuberantes.

A análise da cobertura vegetal em 1985 mostrava um pequeno predomínio das formações naturais sobre as áreas antrópicas.

Naquela data, cerca de 56% do território estadual mantinha-se com cobertura original ou apenas ligeiramente alterada. A razão deste fato prende-se à existência de extensas planícies pantaneiras, as quais se mantêm com aspectos primitivos devido ao longo período de inundação, dificultando a sua ocupação. Essa situação tende a se inverter e em alguns locais, o avanço incontrolável dos desmatamentos e a própria substituição de campos naturais por gramíneas exóticas estão deixando em risco a estabilidade ambiental.

TABELA - 2.3 - ÁREAS DE COBERTURA VEGETAL NATURAL E ANTRÓPICA

COBERTURA VEGETAL	ÁREA	
	Km ²	%
Savana (cerrado)	233.930,32	65,5
Vegetação Chaquenha (Savana Estépica)	13.571,53	3,8
Floresta Estacional Semidecidual	31.785,95	8,9
Floresta Estacional Decidual	5.714,33	1,6
Áreas das Formações Pioneiras	5.000,04	1,4
Áreas de Tensão Ecológica	64.286,19	18,0
Massa d'água	2.857,16	0,8
Total	357.145,53	100,0

FONTE: DNPM

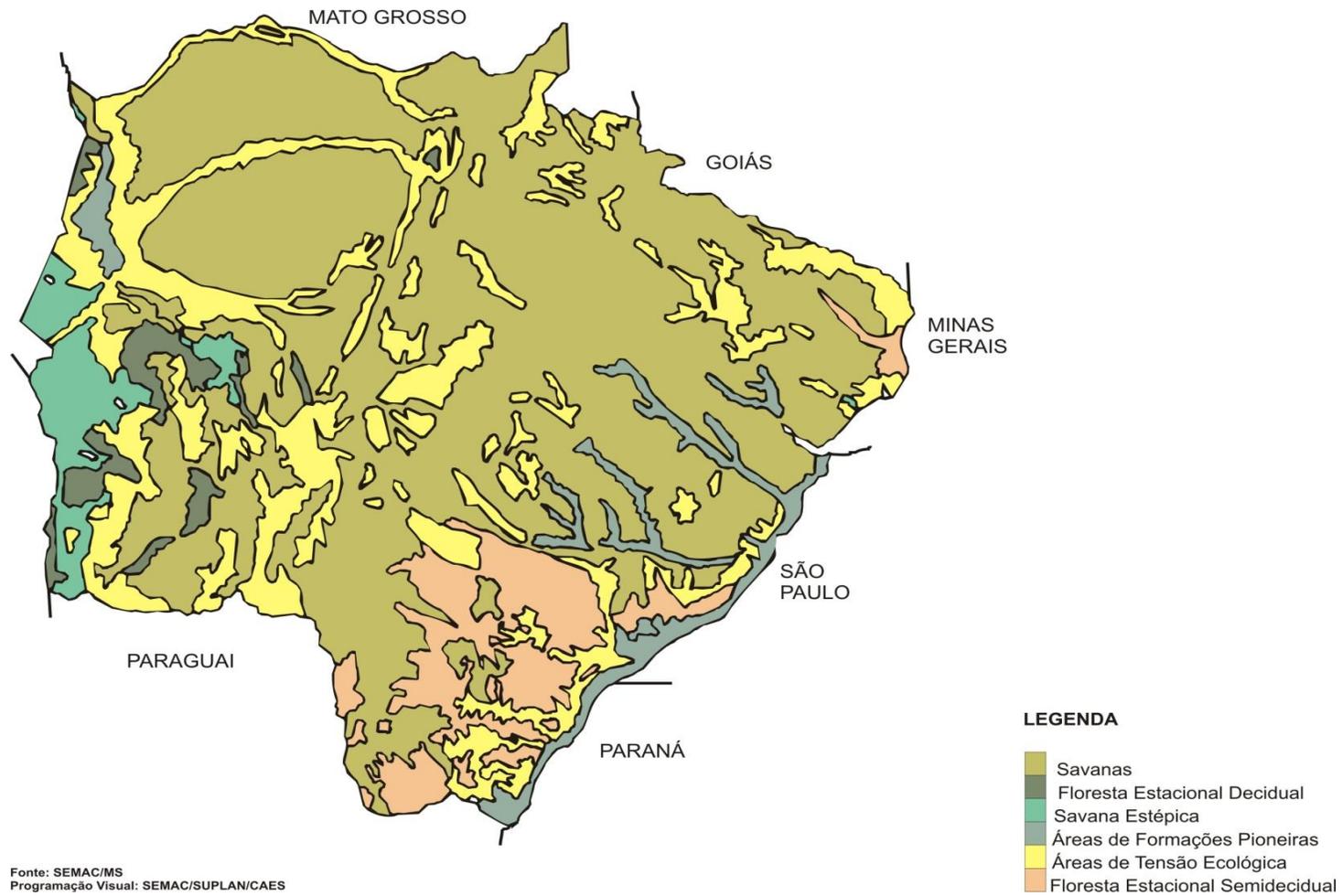
O Estado caracteriza-se por apresentar, dentro dos seus limites territoriais, quatro regiões fitoecológicas distintas:

- 1 - Savana (Cerrado) é uma denominação utilizada para as várias formações de estrutura predominantemente campestre, intercalada por pequenas plantas lenhosas até arbóreas e em geral serpenteadas por floresta-de-galeria. Encontra-se praticamente em todo o Estado, destacando-se nas chapadas areno-argilosas, que se estendem de Sudeste a Norte e Nordeste.
- 2 - Vegetação Chaquenha (Savana Estépica) é uma região composta de elementos arbóreos xeromorfos, cactáceos e lenhosos, espinhosos, cobrindo um tapete gramíneo cespitoso, perene, entremeado de ervas anuais. Distribui-se nas áreas da Depressão do Rio Paraguai em toda sua extensão Norte-Sul e pelas planícies e Pantanaís Mato-Grossenses, nas superfícies por onde se distribuem os solos salinos.
- 3 - Floresta Estacional Decidual reveste os terrenos predominantemente calcários, ocorrendo sobre o Planalto da Bodoquena e as elevações da Depressão do Rio Paraguai, compreendidos entre as altitudes de 100 m a 150 m.
- 4 - Floresta Estacional Semidecidual situa-se nas porções Sul e Sudeste do Estado, recobrando os terrenos mais elevados e de litologias mais antigas.

As áreas das Formações Pioneiras ocorrem ao longo dos cursos d'água ou das depressões com água. No Estado essas áreas apresentam-se pouco significativas, registrando sua presença apenas nas ilhas do Rio Paraná e nas áreas próximas aos rios Dourados e Brilhante, conforme figura 2.7.

As áreas de Tensão Ecológica têm distribuição generalizada, fato que se repete com relação às Áreas Antrópicas, representam contato entre duas ou mais regiões fitoecológicas e que se manifestam na forma de interpenetração de espécies (ecótono ou mistura) ou interpenetração sem se misturar (enclaves).

FIGURA 2.7 – MATO GROSSO DO SUL / ESBOÇO VEGETAÇÃO



2.4 RECURSOS HÍDRICOS

2.4.1 - HIDROGRAFIA

Mato Grosso do Sul divide-se basicamente em duas grandes bacias hidrográficas – a do Paraná, a Leste, e a do Paraguai, a Oeste.

O divisor das águas compreende a Serra das Araras, a Serra de Camapuã e parte da Serra de Maracaju. Entre as duas bacias há um pronunciado desnível e o contato se dá por meio de escarpas, figura 2.8.

Bacia Hidrográfica do Paraná

É constituída de chapadões, planaltos e vales, com altimetria variando de 250 m a 850 m.

A rede hidrográfica é composta pelo rio Paraná e seus afluentes, destacando-se os rios Aporé, Sucuriú, Verde, Pardo, Ivinhema, Amambai e Iguatemi. Possui um imenso potencial hidrelétrico, em parte já aproveitado, como é o caso do rio Pardo, onde está implantada a Usina de Salto Mimoso. No rio Paraná, na região fronteira com o Estado de São Paulo, estão implantadas as Usinas de Jupia e Ilha Solteira, integrando o Complexo Urubupungá. Encontra-se nessa região a Usina de Porto Primavera.

Do potencial ainda não aproveitado podem ser citados os rios Sucuriú e Aporé.

Bacia Hidrográfica do Paraguai

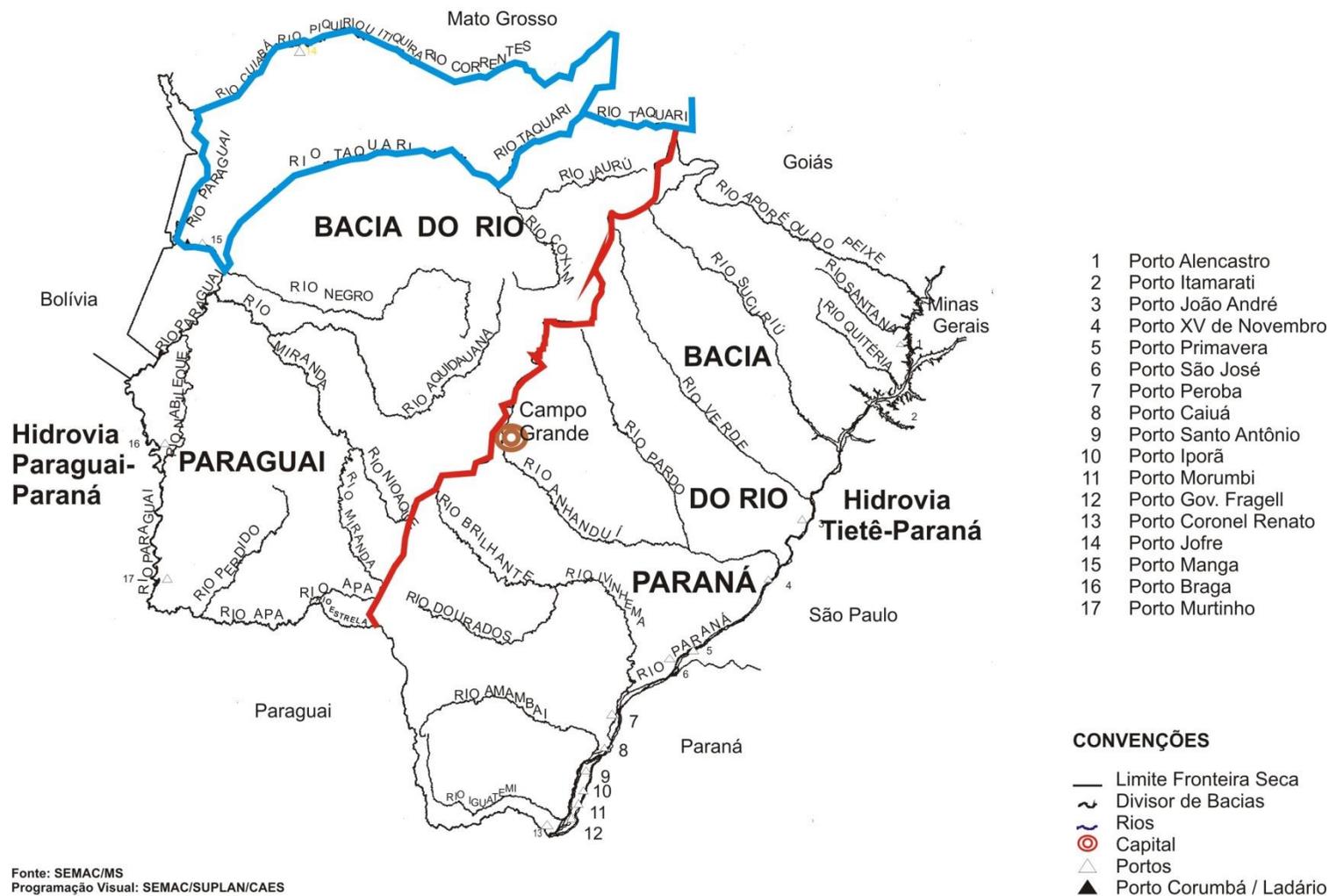
Esta bacia é constituída de patamares, depressões e depressões interpatamares, esculpidos em rochas do pré-cambriano e parte em litologias paleozóicas e mesozóicas, tendo ainda uma grande área de sedimentos holocênicos e pleistocênicos, representada pelas Regiões Chaquenha e Pantaneira – formando o Pantanal Mato-Grossense.

A rede hidrográfica tem uma potencialidade natural diversificada, destacando-se, além do próprio Paraguai, os rios Piquiri ou Itiquira, Taquari, Coxim, Aquidauana, Miranda, Negro e Apa.

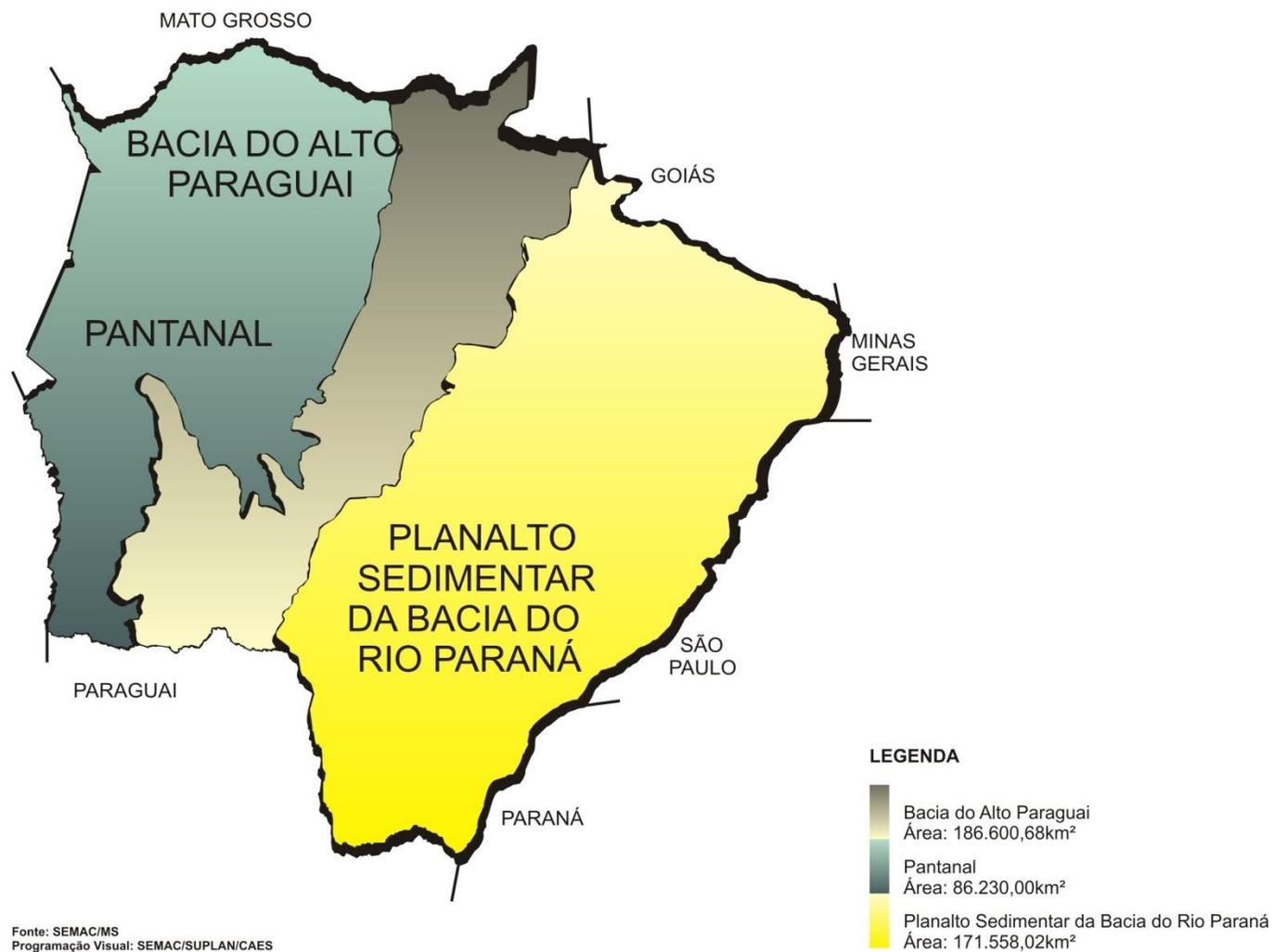
Nas atividades de navegação, sobressai-se o rio Paraguai – rio de Planície apresenta condições de navegabilidade em cerca de 90% do seu curso.

O potencial hidrelétrico é pequeno, comparado com a bacia do Paraná. Foram instaladas só usinas de pequeno porte, como as de São João I e São João II, no Rio São João; São Gabriel do Oeste, no rio Coxim, e César Galvão, no rio Taquarizinho. O rio Negrinho, apesar de apresentar pontos possíveis de aproveitamento, ainda não foi utilizado.

FIGURA 2.8 – MATO GROSSO DO SUL / BACIAS HIDROGRÁFICAS E HIDROVIAS



Fonte: SEMAC/MS
Programação Visual: SEMAC/SUPLAN/CAES

FIGURA 2.9 – MATO GROSSO DO SUL / GRANDES UNIDADES GEOGRÁFICAS

2.5 CLIMA

As condições climáticas de Mato Grosso do Sul se assemelham, em grande parte, às do resto da região Centro-Oeste do Brasil.

Segundo classificação de *Koppen*, ocorrem no Estado dois tipos climáticos: o de maior abrangência na área é o AW (clima tropical úmido com estação chuvosa no verão e seca no inverno) e o CFA (clima mesotérmico úmido sem estiagem) em que a temperatura do mês mais quente é superior a 22°C, apresentando no mês mais seco uma precipitação superior a 30 mm de chuva. Este último ocorre na parte Sul do Estado.

Conforme a classificação dos climas biológicos, proposta por *Bagnouls & Gaussen*, ocorrem no Estado três sub-regiões climáticas: a Termoxeroquimênica atenuada, de ocorrência na região da Bodoquena, na região Centro-Norte do Estado e arredores de Paranaíba, onde as temperaturas médias do mês mais frio estão acima de 20°C e abaixo de 24°C, as precipitações anuais chegam a 1.500 mm, e o período seco normalmente é de três meses; a Mesoxeroquimênica modificada, que engloba as regiões Sudoeste, Centro-Sul e Nordeste do Estado, onde as temperaturas médias do mês mais frio são menores que 20°C e maiores que 18°C, o período seco estende-se até cinco meses, e a precipitação é regular entre 1.000 mm e 1.700 mm anuais; e a Eumesaxérica, e que incide na região Sul do Estado, onde a curva térmica é sempre positiva, o período seco ausente, apresenta precipitações regulares durante o ano entre 1.400 mm e 1.700 mm, as temperaturas médias do mês mais frio estão entre 14°C e 15°C, cujas mínimas absolutas de inverno são baixas, de 4°C a 6°C nas invasões polares de inverno.

3. ASPECTOS DEMOGRÁFICOS

A população do Estado de Mato Grosso do Sul em 2010, segundo o Censo Demográfico realizado pelo IBGE, contava com 2.449.024 habitantes, dos quais, 2.097.238 hab. residiam na cidade e 351.786 hab. na área rural, apresentando uma taxa de 85,64% de urbanização. A tendência de urbanização veio crescendo nos últimos 30 anos, considerando-se que essa taxa passa de 67,0% em 1980, para 79,4% em 1991, 84,08% em 2000, chegando a 85,64% no Censo de 2010 quando a população alcançou 2.449.024 habitantes.

A comparação do resultado do último Censo com os anteriores mostra que ainda não cessou o deslocamento do homem em direção às áreas urbanas, embora venha diminuindo a velocidade nos últimos anos, como função do já reduzido contingente populacional no meio rural embora com tendência de reversão desse fluxo provocado por alguma melhoria de vida no campo e as políticas de assentamentos rurais, fatores que certamente contribuíram para a inversão da queda observada a partir de 1996, apresentando crescimento nos anos seguintes conforme tabela 3.1. O crescimento demográfico no Estado foi mais acelerado na década de 1970, com uma taxa de 3,2% a.a. em razão do elevado índice de natalidade e movimentos migratórios. Já na década de 1980 esse desempenho foi de 2,4% a.a., no intervalo dos últimos três Censos Demográfico (Censo 1991/2010) esse crescimento cai para 1,69% na média anual. Essa acentuada queda nas taxas de crescimento populacional foi influenciada principalmente pela redução dos fluxos migratórios e maior controle da natalidade através de métodos anticoncepcionais.

Fazendo um paralelo entre o período intercensitário do parágrafo acima entre os censos 2000 e 2010 observa-se uma continuidade na queda da taxa de crescimento demográfico total, que evolui a uma média anual de 1,66% a.a. No entanto, há uma reversão na população rural que apresenta crescimento médio de 0,61% a.a, provavelmente refletindo o avanço ocorrido nos últimos anos no número de assentamento rurais que registra entre 2000 e 2010 um total de 100 novos assentamentos, ampliando em 17.989 famílias beneficiadas.

A população encontra-se distribuída em 11 Microrregiões Geográficas, das quais as MRG de Campo Grande e de Dourados agregavam 56,1% da população estadual em 2010, com elevada taxa de urbanização: 94,5% e 81,7% respectivamente. Essa urbanização ocorreu de forma acentuada em todas as MRG do Estado, superando a taxa mínima de 72% observada na MRG de Aquidauana, conforme tabela 3.2.

A partir da década de 1980, com a expansão da agricultura comercial e com as dificuldades de sobrevivência dos pequenos produtores rurais, aliadas ao incentivo para a industrialização e à realização de grandes investimentos infraestruturais, criaram-se oportunidades de emprego nas regiões urbanas. Estes fatores contribuíram efetivamente para a intensificação da urbanização, acelerando as migrações para as áreas urbanas em busca de melhores condições de vida.

Ostentando ainda uma baixa densidade populacional, de 6,86 hab./km², contra 22,40 hab./km² no Brasil, 52,40 hab./km² no Paraná e 17,65 hab./km² em Goiás, o Estado vem buscando consolidar o seu processo de ocupação através do fortalecimento de novas fronteiras econômicas, como expansão de áreas agrícolas principalmente ao norte, apoio ao turismo com destaque na região do Pantanal e a criação de pólos industriais em diversas regiões, conforme tabela 3.3.

Os vazios demográficos predominam com destaque nas MRG do Baixo Pantanal com 1,67 hab./km² e Alto Taquari com 2,81 hab./km², no entanto, Mato Grosso do Sul ainda conta com uma expressiva população jovem, somando 837.704 habitantes com menos de 20 anos de idade, o que representa 34,2% da sua população, 437.184 com idade entre 20 e 29 anos e uma população de meia idade entre 30 e 59 anos com 934.866 habitantes, representando 38,2% do seu contingente populacional, demonstrando que existe uma grande força de trabalho da juventude prestes a adentrar no mercado, ajudando a consolidar o processo de desenvolvimento e fazer a ocupação de novos espaços dentro do cenário econômico estadual nos próximos anos.

TABELA 3.1 – TAXA GEOMÉTRICA DE CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO RESIDENTE – 1970-2010

SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO	POPULAÇÃO							TAXA DE CRESCIMENTO MÉDIO (%)					
	1970	1980	1991	1996 ⁽¹⁾	2000	2007 ⁽¹⁾	2010 ⁽²⁾	1970/80	1980/91	1991/00	1996/07	2000/10	1970/10
Rural	546.087	450.444	365.926	323.516	330.895	349.834	351.786	- 1,91	- 1,87	- 1,11	0,71	0,61	-1,09
Urbana	452.117	919.123	1.414.447	1.604.318	1.747.106	1.915.440	2.097.238	7,35	4,00	2,37	1,62	1,84	3,91
Total	998.204	1.369.567	1.780.373	1.927.834	2.078.001	2.265.274	2.449.024	3,21	2,41	1,73	1,48	1,66	2,27

FONTE: IBGE – Censos Demográficos

(1) Contagem da População.

(2) Resultados Preliminares do Universo.

TABELA 3.2 – DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE SEGUNDO AS MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS - 2010

MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS	POPULAÇÃO		TOTAL	TAXA DE URBANIZAÇÃO (%)	PARTICIPAÇÃO RELATIVA DA REGIÃO SOBRE O TOTAL DO ESTADO (%)
	Urbana	Rural			
Bodoquena	82.684	22.570	105.254	78,6	4,3
Campo Grande	826.044	47.807	873.851	94,5	35,7
Cassilândia	52.633	7.676	60.309	87,3	2,5
Aquidauana	75.872	29.535	105.407	72,0	4,3
Iguatemi	163.905	62.428	226.333	72,5	9,2
Tres Lagoas	131.167	25.079	156.246	84,0	6,4
Alto Taquari	98.754	18.420	117.174	84,3	4,8
Paranaíba	65.493	10.975	76.468	85,7	3,1
Baixo Pantanal	122.098	16.594	138.692	88,0	5,7
Dourados	409.456	91.463	500.919	81,7	20,5
Nova Andradina	69.132	19.239	88.371	78,2	3,6
Total	2.097.238	351.786	2.449.024	85,6	100,0

FONTE: IBGE – Censo Demográfico 2010

TABELA 3.3 – POPULAÇÃO, ÁREA E DENSIDADE DEMOGRÁFICA, SEGUNDO AS MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS - 2010

MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS	POPULAÇÃO	ÁREA (km ²)	DENSIDADE DEMOGRÁFICA (hab./km ²)
Bodoquena	105.254	22.612	4,65
Campo Grande	873.851	28.261	30,92
Cassilândia	60.309	12.863	4,69
Aquidauana	105.407	27.731	3,80
Iguatemi	226.333	22.447	10,08
Três Lagoas	156.246	50.495	3,09
Alto Taquari	117.174	41.673	2,81
Paranaíba	76.468	17.188	4,45
Baixo Pantanal	138.692	83.038	1,67
Dourados	500.919	37.359	13,41
Nova Andradina	88.371	13.458	6,57
Total	2.449.024	357.125	6,86

FONTE: IBGE – Censo Demográfico 2010.

TABELA 3.4 – DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE POR FAIXA ETÁRIA, SEGUNDO AS MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS - 2010

MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS	FAIXA ETÁRIA				TOTAL
	0 a 4	5 a 9	10 a 14	15 a 19	
Bodoquena	8.602	9.329	10.592	10.033	38.556
Campo Grande	63.730	63.683	72.969	78.353	278.735
Cassilândia	4.407	4.553	5.147	5.365	19.472
Aquidauana	8.860	9.509	10.337	9.947	38.653
Iguatemi	19.017	19.918	22.109	22.030	83.074
Três Lagoas	12.377	12.456	13.924	13.868	52.625
Alto Taquari	8.839	9.425	10.510	10.687	39.461
Paranaíba	5.097	5.405	6.591	6.644	23.737
Baixo Pantanal	11.978	12.960	14.527	13.696	53.161
Dourados	41.909	43.320	47.572	47.458	180.259
Nova Andradina	6.980	7.271	7.810	7.910	29.971
Total	191.796	197.829	222.088	225.991	837.704

FONTE: IBGE – Censo Demográfico 2010.

3.1 DINÂMICA DEMOGRÁFICA

O Estado de Mato Grosso do Sul caracterizava-se em 1950/60 pelo elevado nível de crescimento, média de 6,65% a.a., marcado por consideráveis níveis de fecundidade e migração. Esse comportamento também se verificava nas demais regiões brasileiras.

Observa-se um declínio na taxa média geométrica de crescimento populacional, tanto na área urbana como na rural. Como se verifica na tabela 3.5. No meio urbano, a década de 1950/60 apresentou um crescimento de aproximadamente 8% a.a. e de 5,85% na área rural. A partir dos anos de 1960, observa-se um declínio nas taxas de crescimento, com destaque para o a população rural que já na década de 1970 começa a perder contingente, apresentando taxas negativas, posição que é revertida no final dos anos de 1990 conforme se observa na comparação dos dados da contagem populacional de 1996 a 2007 e Censo de 2000 a 2010.

TABELA 3.5 – TAXA MÉDIA GEOMÉTRICA DO CRESCIMENTO POPULACIONAL – 1950-2010

Descrição	TAXA MÉDIA GEOMÉTRICA							
	1950/60	1960/70	1970/80	1980/91	1991/00	⁽¹⁾ 1996/07	2000/10 ⁽²⁾	⁽¹⁾ 2007/10 ⁽²⁾
Urbana	7,92	6,44	7,35	4,00	2,37	1,62	1,84	3,10
Rural	5,85	4,80	-1,91	-1,87	-1,11	0,71	0,61	0,17
Total	6,65	5,51	3,21	2,65	1,73	1,48	1,65	2,63

FONTE: IBGE – Censos Demográficos

(1) Contagem da População.

Na década de 1950, a Taxa Média Geométrica de crescimento da população urbana apontava um crescimento maior que na área rural. Em 1970 a ruralização da população era de 54,70% no Estado, a partir de 1980 a situação se inverte, passando a área urbana a contar com 67,11% da população residente, demonstrando tendência de evolução para elevada urbanização, se confirmando em levantamentos seguintes, chegando a 85,64% em 2010, conforme tabela 3.6.

A interpretação mais provável seria a de que o Estado teria sofrido um processo de urbanização de áreas anteriormente consideradas rurais. Esta é uma característica da modernização agrícola, onde a alta tecnologia está aliada à baixa demanda de mão de obra, ocasionando ausência da atividade de subsistência no campo, induzindo a população a buscar alternativas de vida na cidade.

Na comparação da população residente por MRG, os dados demonstram que antes da criação do Estado, a MRG de Dourados detinha o maior índice de participação, onde concentrava 24,60% da população. A partir de 1980, a MRG de Campo Grande passa a deter a maior concentração relativa em nível regional com 24,70% da população. No ano de 2000, a MRG de Campo Grande mantém a posição de principal pólo populacional dentro do Estado, abrigando 34,83% dos seus habitantes, seguida da MRG de Dourados com 19,60%. No Censo de 2010 as duas MRG continuam ampliando seu peso demográfico dentro do Estado contribuindo com 56,13%, conforme se observa na tabela 3.7.

TABELA 3.6 – EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO NO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL – 1950-2010

POPULAÇÃO	1950	1960	1970	1980	1991	1996 ⁽¹⁾	2000	2007 ⁽¹⁾	2010 ⁽²⁾
Urbana	113.018	242.184	452.117	919.123	1.414.447	1.604.318	1.747.106	1.915.440	2.097.238
%	36,87	41,48	45,29	67,11	79,45	83,22	84,08	84,56	85,64
Rural	193.553	341.665	546.044	450.444	365.926	323.516	330.895	349.834	351.786
%	63,13	58,52	54,70	32,89	20,55	16,78	15,92	15,44	14,36
Total	306.571	583.849	998.211	1.369.567	1.780.373	1.927.834	2.078.001	2.265.274	2.449.024

FONTE: IBGE – Censos Demográficos

(1) Contagem da População.

TABELA 3.7 – POPULAÇÃO RESIDENTE NO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL, SEGUNDO AS MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS – 1970-2010

MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA	1970	%	1980	%	1991	%	2000	%	2010 ⁽¹⁾	%
Bodoquena	50.277	5,04	61.075	4,46	86.277	4,85	100.422	4,83	105.254	4,30
Campo Grande	184.771	18,51	338.293	24,7	575.934	32,35	723.962	34,84	873.851	35,68
Cassilândia	12.476	1,25	17.040	1,24	37.217	2,09	47.233	2,27	60.309	2,46
Aquidauana	62.730	6,28	80.550	5,88	88.207	4,95	98.259	4,73	105.407	4,30
Iguatemi	115.865	11,61	174.321	12,73	203.467	11,43	202.448	9,74	226.333	9,24
Três Lagoas	72.644	7,28	86.661	6,34	104.007	5,84	125.391	6,03	156.246	6,38
Alto Taquari	57.643	5,77	77.969	5,69	90.357	5,08	104.028	5,01	117.174	4,78
Paranaíba	51.779	5,19	56.816	4,15	65.072	3,65	70.765	3,41	76.468	3,12
Baixo Pantanal	101.264	10,14	101.626	7,42	113.200	6,36	124.330	5,98	138.692	5,66
Dourados	245.522	24,6	322.979	23,58	355.563	19,97	405.512	19,51	500.919	20,45
Nova Andradina	43.240	4,33	52.237	3,81	61.072	3,43	73.651	3,54	88.371	3,61
Total	998.211	100,00	1.369.567	100,00	1.780.373	100,00	2.078.001	100,00	2.449.024	100,00

FONTE: IBGE – Censos Demográficos

A taxa de fecundidade, historicamente, sempre foi elevada em todo o Brasil até o início da década de 1980. O Censo Demográfico de 1940 registrou uma fecundidade média de 6,2 filhos e em 1980 foi apontada pelo IBGE uma taxa de 4,4 crianças por mulher em idade fértil. A partir do inquérito censitário de 1991 observou-se o nascimento de uma prole de 2,9 filhos por mulher, vindo confirmar a tendência de queda sensível nesse parâmetro, já sinalizado no Censo de 1970, comportamento esse que não foi diferente na região Centro-Oeste, onde a taxa no período de 1960/1970 apontou 5,5 filhos por mulher e entre 1975/1980 ocorreram 4,0 nascimentos em média por mulher.

No Estado de Mato Grosso do Sul a média de filhos tidos por mulher em 1970/1980 foi de 4,63, reduzindo para 2,86 entre 1980/1991, 2,46 no período de 1991/1996 e de 2,40 no Censo Demográfico de 2000, no Censo de 2010 essa taxa estava na casa de 2,0 filhos por mulher, devendo alcançar 1,87 filhos por mulher em 2021, conforme a tabela 3.8.

TABELA 3.8 - TAXA DE FECUNDIDADE NO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL - 1980-2021

ANO	TAXA DE FECUNDIDADE TOTAL
1980	4,63
1991	3,33
1996	2,46
2000	2,40
2001	2,23
2006	2,07
2011	1,97
2016	1,91
2021	1,87

FONTE: IBGE

Quanto à esperança de vida ao nascer, houve uma sensível melhoria devido ao desempenho dos diversos setores da área social, refletindo no aumento da expectativa de vida que em 1980 era de 62,5 anos, em 1991 passa para 66,9 anos, em 2000 estava estimada em 70,4 anos de vida, chegando em 2010 a uma idade de 73,8 anos, já em 2011 segundo dados do IBGE, o brasileiro estava vivendo em média 74,1 anos.

Nas últimas décadas o Brasil alcançou resultados que indicam uma significativa melhoria das condições de saúde da população. A mortalidade infantil declinou cerca de oito vezes desde 1950, de 135 óbitos por mil nascidos naquele ano para 82,8 por mil em 1980 e 27,4 por mil em 2000. Nos últimos anos continuou caindo, chegando em 2010 com uma taxa de 15,9 óbitos de crianças por mil nascidos vivos. No Estado de Mato Grosso do Sul, verifica-se que em 1980 a taxa de mortalidade infantil foi de 49,8 por mil, em 1990 caiu para 31,7 por mil, em 2000 para 22,2 e em 2010 em 15,2 conforme a Tabela 3.9.

TABELA 3.9 - EVOLUÇÃO DA TAXA DE MORTALIDADE INFANTIL -%.

ANOS	1950	1960	1970	1980	1990	2000	2010
Brasil	135,0	124,0	115,0	82,8	48,3	27,4	15,9
MS	-	-	-	49,8	31,7	22,2	15,2

Fonte: IBGE, Ministério da Saúde - MS/SINASC

A rápida redução da mortalidade infantil deve-se ao fácil acesso a bens e serviços básicos e à política de municipalização dos investimentos sociais que se faz presente no Estado. As ações de saneamento básico se ampliaram, melhorando a qualidade e tornando o atendimento mais humanizado em consequência da capacitação dos profissionais de saúde, assim como o controle de endemias e a cobertura das vacinações, combatendo a carência da população.

TABELA 3.10 – EVOLUÇÃO DA ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO MS – 1980-2010

IDADE (em anos)	1980	1991	2000	2010
0 - 19	721.882	821.785	854.609	837.704
20 - 29	240.667	331.663	367.811	437.184
30 - 39	158.599	253.563	319.450	382.085
40 - 49	114.572	163.436	233.995	323.278
50 - 59	70.797	105.074	145.049	229.503
60 - 69	40.709	64.306	92.534	135.071
70 - 79	17.314	30.481	46.137	73.152
80 ou +	4.061	10.065	18.487	31.047
Total	1.368.601	1.780.373	2.078.072	2.449.024

FONTE: IBGE – Censos Demográficos

A evolução demográfica apresentada pelos últimos Censos populacionais levantados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística demonstra que a população de Mato Grosso do Sul vem apresentando um rápido envelhecimento, fruto principalmente de redução nas taxas de natalidades, tendo como consequência uma rápida redução nos percentuais de população jovem, com idade até 19 anos. Analisando os dados da tabela 3.9, observa-se uma importante redução do contingente populacional no extrato de (0 – 19 anos) que passou de uma participação de 52,74% em 1980 para 34,21 em 2010, todos os demais extratos tiveram ganho de participação na composição da população do Estado no mesmo período.

Os maiores crescimento ocorreram nas faixas de idades mais avançadas, se analisarmos a somatória dos extratos de 60 anos de idade ou mais, os dados dos Censos mostram que houve um aumento de mais de 100% na participação desse contingente populacional de 1980 para 2010, passando de 4,53% para 9,77% no último Censo Demográfico, quando se observa o comportamento da população com 80 anos ou mais, a participação aumenta em aproximadamente 4 vezes, passando de um percentual de 0,30% em 1980 para 1,28% em 2010.

Por outro lado, no que se refere à qualidade de vida tendo como foco a redução nas taxas de mortalidade infantil no interior do Estado, os dados da Secretaria Estadual de Saúde, tabela (3.11) demonstram que houve aumento somente na mortalidade da Microrregião de Coxim, que passa de 17,7‰ em 2005 para 18,7‰, região que fica ao norte, tendo como base econômica a agropecuária, no entanto os dados mostram quedas importantes na mortalidade em cinco Microrregiões, Ponta Porã, Três Lagoas, Naviraí e Aquidauana.

As menores taxas de mortalidade foram encontradas em 2010 foram observadas nas Microrregiões de Campo Grande, Nova Andradina e Três Lagoas todas abaixo de média do Estado que foi de 15,2‰, já a maiores taxas foram detectadas nas Microrregiões de Ponta Porã com 20,6‰, região que faz fronteira com a República do Paraguai, e Coxim com 18,7‰, localizada no Norte do Estado.

TABELA 3.11 – COEFICIENTE DE MORTALIDADE INFANTIL, SEGUNDO AS REGIÕES DE SAÚDE - 2005-2010

%

REGIÃO DE SAÚDE/MUNICÍPIOS	ANOS					
	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Mato Grosso do Sul	19,3	18,8	19,2	16,5	18,30	15,2
Capital Campo Grande	13,6	14,0	14,1	13,3	12,36	13,2
Macrorregião de Campo Grande	16,7	16,6	16,6	14,5	16,05	14,2
Microrregião de Aquidauana	22,2	21,1	23,7	15,6	20,76	15,4
Microrregião de Campo Grande	14,1	14,5	14,1	13,3	13,29	12,8
Microrregião de Corumbá	22,3	27,4	25,0	18,0	23,66	17,8
Microrregião de Coxim	17,7	13,2	16,1	14,1	18,82	18,7
Microrregião de Jardim	23,5	18,1	19,7	19,3	23,11	17,9
Macrorregião de Dourados	23,8	24,2	23,9	20,7	22,27	17,5
Microrregião de Dourados	19,7	19,6	21,4	20,0	20,46	16,1
Microrregião de Naviraí	26,1	25,3	27,8	22,4	23,36	18,4
Microrregião de Nova Andradina	16,7	21,2	17,7	9,0	16,88	13,2
Microrregião de Ponta Porã	31,3	31,1	28,0	25,7	26,29	20,6
Macrorregião de Três Lagoas	19,6	13,4	19,4	15,2	18,68	13,8
Microrregião de Três Lagoas	21,8	14,0	17,9	15,5	19,14	13,2
Microrregião de Paranaíba	15,6	12,2	22,4	14,5	17,68	15,2

FONTE: Datasus - Ministério da Saúde

NOTA: nº de óbitos infantis por 1.000 nascidos vivos.

A população idosa, acima de 60 anos, vem crescendo rapidamente em Mato Grosso do Sul, superando a taxa de crescimento geral da população, verificando-se que em 1991 existiam 104.852 idosos que representavam 5,9% do total de habitantes e em 2010 passaram para 239.270 ou 9,8% do contingente populacional do Estado, a taxa de crescimento dessa parcela da população naquele período supera em muito o crescimento do total da população, enquanto esta cresceu a uma taxa média de 1,69% ao ano, a população idosa cresceu a uma taxa média de 4,44% ao ano, esta tendência mostra que a população sul-mato-grossense está envelhecendo como resultado da redução das taxas de natalidade e aumento da expectativa de vida. Os dados do Censo 2010 mostram que Mato Grosso do Sul continua tendo a maior proporção estadual de idosos entre os Estados da Região, embora dentro do Centro Oeste, Goiás tenha o maior contingente populacional com mais de 60 anos em número absoluto, 561.625 idosos, de acordo com a tabela 3.12.

TABELA 3.12 – EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO IDOSA – 1991-2010

UF	1991			2000			2010 ⁽¹⁾		
	Pop. total	Pop.> de 60 anos	%	Pop. total	Pop.> de 60 anos	%	Pop. total	Pop.> de 60 anos	%
MS	1.780.353	104.852	5,89	2.078.001	157.093	7,56	2.449.024	239.270	9,77
MT	2.027.231	88.080	4,34	2.504.353	144.318	5,76	3.035.122	239.626	7,90
GO	4.018.903	230.435	5,73	5.003.228	358.816	7,17	6.003.788	561.625	9,35
DF	1.601.094	64.206	4,01	2.051.146	109.638	5,34	2.570.160	197.613	7,69
CO	9.427.581	487.573	5,17	11.636.738	769.865	6,62	14.058.094	1.238.134	8,81
Brasil	146.825.475	10.722.705	7,30	169.799.170	14.536.029	8,56	190.755.799	20.590.559	10,79

FONTE: IBGE – Censos Demográfico

Dentro da região Centro-Oeste, o peso da população idosa no Mato Grosso do Sul supera os demais estados, e a média regional na análise dos diversos extratos de idade acima de 60 anos, exceção ao Estado de Goiás que se iguala no extrato 60/64. Em relação ao Brasil o Mato Grosso do Sul tem uma taxa de envelhecimento da população inferior ao observado em nível nacional, conforme tabela 3.13, tendo como base o Censo Demográfico de 2010.

TABELA 3.13 – POPULAÇÃO RESIDENTE, COM 60 ANOS OU MAIS DE IDADE - 2010

ESTADOS	POPULAÇÃO RESIDENTE	ABSOLUTA	RELATIVA	60/64	65/69	70/74	75 OU +
Mato Grosso do Sul	2.449.024	239.270	9,8	3,1	2,4	1,8	2,5
Mato Grosso	3.035.122	239.626	7,9	2,7	2,0	1,4	1,7
Goiás	6.003.788	561.625	9,4	3,1	2,3	1,7	2,2
Distrito Federal	2.570.160	197.613	7,7	2,7	1,9	1,4	1,7
Centro-Oeste	14.058.094	1.238.134	8,8	3,0	2,2	1,6	2,1
Brasil	190.755.799	20.590.559	10,8	3,4	2,5	2,0	2,9

FONTE: IBGE – Censo Demográfico 2010.

NOTA: Participação percentual por faixa etária no total da população residente.

Na comparação dos dois Censos Demográficos 2010/2000, observa-se um aumento no número de mulheres como chefe de domicílios, sendo que em 2010 dos 759.299 domicílios registrados, 63,6% eram chefiados por homens e 36,4% tinham mulheres como responsáveis. Em 2000 dos 562.902 domicílios de Mato Grosso do Sul, 77,8% tinham homens como responsáveis e 22,2% eram chefiados pelas mulheres. Os dados permitem concluir que dos 196.397 novos domicílios registrados entre os Censos Demográficos de 2000 e 2010, 71.488 deles, ou seja, 36,4% tinham a mulher como chefe.

O levantamento do Censo 2000 demonstra que na década dos anos de 1990 houve uma redução do número de chefes de domicílios sem instrução dentro do Estado, passando de 21,5% em 1991 para 14,9% em 2000, chegando em 2010 com 9,4% de chefes analfabetos. O Censo 2010 apontou que 90,6% dos 764.004 chefes de domicílios eram alfabetizados no Mato Grosso do Sul, observando o nível de alfabetização pelo sexo do chefe dos domicílios, o maior índice de alfabetização estava entre os chefes homens, onde 91,6% deles eram alfabetizados, contra 88,8% das mulheres chefes alfabetizadas, em 2010 486.829 homens se declararam responsáveis pelos domicílios, os demais responsáveis eram mulheres, 277.175 chefe femininas.

Quanto ao nível de rendimento do responsável pelos domicílios no Mato Grosso do Sul, o Censo Demográfico de 2010 mostra que a maior parcela de pessoas estava na classe de mais de um a dois salários mínimos, representando 29,9% dos responsáveis, que eram seguido de perto pela classe que vai até um salário mínimo com 28,8% das pessoas, recebendo mais de cinco salários mínimos se declararam 10,2% dos chefes de domicílios, na classe de mais de dois a cinco salários mínimos foi registrado 20,0% dos responsáveis, porém 77.653 pessoas, representando 10,1% se declaram sem rendimento.

O Censo de 2010 mostra que os chefes de domicílios com mais de 60 anos representavam 19,1% do total de pessoas que declararam responsáveis pelos domicílios no Mato Grosso do Sul (764.004), percentual superior ao observado na Região Centro-Oeste, onde 17,6% dos chefes tinham mais de 60 anos em um universo de (4.351.211 chefes), já no Brasil o percentual de chefes de domicílios idoso chega a 21,9% de um universo de 57.449.271 responsáveis.

TABELA 3.14 – POPULAÇÃO RESIDENTE, COM 60 ANOS OU MAIS DE IDADE, RESPONSÁVEIS PELO DOMÍCIO - 2010

ESTADOS	TOTAL	HOMENS	MULHERES	HOMENS (%)	MULHERES (%)
Mato Grosso do Sul	146.128	86.261	59.867	59,03	40,97
Mato Grosso	146.628	92.602	54.026	63,15	36,85
Goiás	355.906	203.796	152.110	57,26	42,74
Distrito Federal	120.597	61.861	58.736	51,30	48,70
Centro-Oeste	769.259	444.520	324.739	57,79	42,21
Brasil	12.584.638	6.852.901	5.731.737	54,45	45,55

Fonte: Censo Demográfico 2010/ IBGE

3.2 POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA, EMPREGO E RENDA

O Estado contava em 1980, com aproximadamente 583 mil pessoas ocupadas economicamente e um contingente populacional de 1.369.567 habitantes. Ao longo dos anos o crescimento da PEA foi superior ao crescimento da população, evoluindo a uma taxa média de aproximadamente 2,63% a.a, enquanto a população residente cresceu no mesmo período, 1980 a 2009, a uma taxa média anual de 1,93%, o que fez com o peso da PEA passasse de 42,6% em relação ao contingente populacional para 52,7% no final da série, conforme a tabela 3.15.

Mato Grosso do Sul tinha em 1980 uma População Economicamente Ativa que representava 42,6% da população residente. Naquele ano, o setor terciário da economia ocupava 46,8% da PEA, seguido da agropecuária com 35,6% e o secundário com 17,6%. Já em 2011 a PEA/MS contava com 1.304.852 pessoas, representando 52,7% da população, os dados mostram que o setor terciário apresentou no período 1980/2009 um acentuado avanço na ocupação da população sul-mato-grossense, sendo que do total da PEA registrada no último ano da série acima colocada, 67,0% estão no setor terciário (atividades de comércio e serviços), 18,9% estão no setor secundário e 14,0% na agropecuária.

O setor terciário foi o principal gerador de emprego ao longo da década de 1980, ocupando no seu primeiro ano 47% da PEA, tendo fechado o ano de 1990 com 460.277 mil pessoas ocupadas, ao passo que os setores; primário e secundário, neste último ano concentravam 26,0% e 14,4% das pessoas ocupadas respectivamente. Isso significa que as atividades do comércio e serviços passaram a dar ocupação para 59,6% do contingente populacional que participava ativamente da economia.

No período de 1990/2002 o setor primário voltou a reduzir a sua participação na formação da PEA, representando 18,0% em 2002 contra 26,0% em 1990, influenciado principalmente por fatores como, impactos da crise da agricultura no ano de 2000, e pelo crescimento da mecanização em algumas culturas como a cana-de-açúcar, essa redução não foi maior em função do avanço dos processos de assentamentos rurais no Estado. Como contrapartida, os setores; secundário e terciário tiveram elevação na participação relativa, conforme demonstram os dados da tabela 3.15 para os mesmos períodos.

Os anos entre 2005 e 2012, a economia do Estado passa por vários momentos com impactos diversos e importantes do ponto de vista dos seus efeitos, o setor primário passa por dificuldades com redução expressiva da produção de grãos, que foi provocado por escassez de chuva que já vinha de desde 2004, se prolongado até 2006, se não bastasse isso, em outubro de 2005 a pecuária de Mato Grosso do Sul foi surpreendido pelo aparecimento de um foco de febre aftosa na Região de Fronteira com o Paraguai, com impactos direto que afetaram os municípios de Eldorado, Mundo Novo, Iguatemi e Japorã, cujos efeitos foram estendidos para o Estado inteiro que ficou impedido de exportar carne para mais de 50 países, por outro lado, o setor da indústria passa por um período de retomada da sua expansão, principalmente nos segmentos: sucroalcooleiro, papel e celulose e siderurgia, provocando o avanço de atividades agrícolas como: a cana-de-açúcar e a silvicultura com destaque para o eucalipto, culturas que vêm acompanhadas de forte mecanização, no último ano a produção de grãos se recupera, principalmente com o avanço da cultura do milho.

Tendo em vista os fatores expostos no parágrafo anterior, a PEA ocupada no setor primário continua sofrendo uma redução ainda maior, passando de 19,9% em 2005 para 13,6% em 2012, já o setor secundário que experimentou uma fase de expansão, amplia a sua participação na ocupação de População Economicamente Ativa, passando de 19,0% em 2005 para 20,2% no último ano da série, por outro lado, o setor dos serviços e comércio eleva a sua participação na PEA, como mostra os dados da tabela 3.15.

TABELA 3.15 – DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA POR SETORES DE ATIVIDADE – 1980-2012

(Continua)

SETORES	1980		1985		1990		1996		2002	
	Absoluta (hab.)	Relativa (%)								
Primário	207.494	35,6	198.447	30,6	200.970	26,0	276.725	27,6	210.434	18,0
Secundário	102.797	17,6	102.099	15,8	111.328	14,4	133.532	13,3	216.333	18,5
Terciário ⁽¹⁾	273.143	46,8	346.858	53,6	460.277	59,6	593.894	59,1	742.717	63,5
Total	583.434	100,0	647.404	100,0	772.575	100,0	1.004.151	100,0	1.169.484	100,0

TABELA 3.15 – DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA POR SETORES DE ATIVIDADE – 1980-2012

(Conclusão)

SETORES	2005		2008		2009		2012	
	Absoluta (hab.)	Relativa (%)						
Primário	219.571	19,88	223.200	17,46	210.510	16,25	185.859	13,63
Secundário	210.128	19,03	266.484	20,85	273.627	21,12	275.637	20,22
Terciário ⁽¹⁾	674.573	61,09	788.338	61,68	811.521	62,63	901.997	66,15
Total	1.104.272	100,00	1.278.022	100,00	1.295.658	100,00	1.363.493	100,00

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD/IBGE

(1) Inclusive outras atividades.

Olhando para o lado do rendimento das pessoas ocupadas, todas as rendas, os dados da tabela 3.16 chama a atenção o acentuado avanço de pessoas no extrato de até $\frac{1}{2}$ salário mínimo e uma rápida redução de pessoas na faixa sem rendimento, em ambos os casos os fatos são mais nítidos a partir do ano de 1999, isso pode ter ligação com a ampliação dos programas sociais do governo, maior necessidade de formalização e competitividade da economia, por outro lado chama a atenção o fato de que as pessoas nas faixas de alto salários, acima de cinco salários mínimos, vir ao longo dos anos perdendo peso dentro da estrutura salarial, isto pode ter como resposta a necessidade das empresas reduzir custos e, a busca do trabalhador por maior especialização em um segmento, o que faz com que ele se dedique ao emprego principal, reduzindo fontes de renda, ou até mesmo saindo do mercado de trabalho.

Ainda olhando para o quadro 3.16, que trata de todos os rendimentos, os dados mostram que a faixa salarial que mantém um número maior de pessoas ocupadas é a de mais de um a dois salários mínimos, em 2008 representava $\frac{1}{4}$ das pessoas, 24,64%, chegando em 2012 respondendo por 39,50% do conjunto de pessoas ocupadas no Mato Grosso do Sul, sendo também esta a faixa salarial que mais recebeu trabalhadores entre 1998 e 2011, já as maiores perdas estão nos extratos de salários acima de 10 salários mínimo.

No tocante a rendimentos mensais no principal emprego, tendo como referência os dados da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (PNAD) no ano de 1993, um ano antes da implantação do Plano Real, nota-se uma efetiva melhoria nos níveis de renda pessoal da população em atividade econômica até 1998, mostrado pelo aumento de pessoas com rendimento na faixa de dois a cinco salários mínimos, (passando de 21,5% para 29,5%) e redução no número de pessoas que ganham remuneração igual ou inferior a dois salários-mínimos (passando de 51,5% para 45,9%), conforme a tabela 3.17.

No entanto, os dados da PNAD apontam que entre 1998 e 2012 o rendimento médio da população volta a cair, crescendo o número de pessoas na faixa de até dois salários mínimos (passando de 45,9% para 62,9%) e reduzindo o contingente de pessoas que recebem remuneração acima de dois a cinco salários, conforme dados da tabela 3.17. Por outro lado, os dados mostram que vem caindo o percentual de pessoas da PEA sem rendimento, o que pode indicar tanto mudança para a faixa de rendimento até dois salários ou ficando fora do mercado de trabalho. Ressalta-se que a grande concentração dos rendimentos, como se nota, encontra-se na população que recebe cinco ou menos de cinco salários-mínimos, ou seja, 87,3 % em 2012.

TABELA 3.16 – PERCENTUAL DE PESSOAS OCUPADAS, POR FAIXA DE RENDIMENTO CONSIDERANDO TODOS OS RENDIMENTOS, NA SEMANA DE REFERÊNCIA – 1998-2012

ESPECIFICAÇÃO	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2012
Até ½ S.M.	3,17	4,30	3,69	5,76	7,52	6,91	7,30	7,14	6,96	7,08	8,58	6,04	5,29
Mais de ½ a 1 S.M.	13,18	13,06	12,66	13,76	16,86	15,64	17,98	18,67	18,15	17,15	18,95	23,74	18,11
Mais de 1 a 2 S.M.	24,64	23,00	23,89	30,95	29,17	31,9	33,01	34,39	34,78	35,28	35,82	36,46	39,50
Mais de 2 a 3 S.M.	14,48	13,85	14,05	13,03	12,28	12,56	9,96	11,09	11,59	12,31	11,38	11,09	12,91
Mais de 3 a 5 S.M.	12,84	10,27	11,64	10,22	9,98	9,88	8,54	7,26	7,93	7,63	9,04	8,61	11,44
Mais de 5 a 10 S.M.	7,98	9,00	8,41	6,52	6,41	6,01	6,32	5,67	6,18	5,49	5,79	6,45	6,58
Mais de 10 a 20 S.M.	3,57	3,67	3,42	3,55	2,71	3,22	1,94	2,38	3,14	2,66	2,54	1,98	2,28
Mais de 20 S.M.	1,60	1,90	1,64	1,61	1,79	1,30	0,95	0,88	1,12	1,01	0,88	0,84	0,72
Sem Rendimento	17,74	20,32	19,89	14,24	12,91	12,48	13,67	12,41	10,10	10,77	6,95	4,78	2,57
Sem Declaração	0,80	0,63	0,70	0,36	0,38	0,11	0,34	0,12	0,05	0,62	0,08	0,00	0,60
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,00	100,00

FONTE: Censo Demográfico, PNAD – IBGE

TABELA 3.17 – PERCENTUAL DE PESSOAS OCUPADAS POR SETOR DE ATIVIDADE, SEGUNDO AS FAIXAS DE RENDIMENTO MENSAL, CONSIDERANDO A PRINCIPAL OCUPAÇÃO NA SEMANA DE REFERÊNCIA – 1993-2012

FAIXAS DE SALÁRIOS MÍNIMOS	SETORES DE ATIVIDADES (%)																			
	Primário					Secundário					Terciário					TOTAL				
	1993	1998	2003	2008	2012	1993	1998	2003	2008	2012	1993	1998	2003	2008	2012	1993	1998	2003	2008	2012
Até 2 S.M.	36,1	34,4	46,3	46,2	62,4	65,1	46,9	69,3	75,2	68,4	57,3	50,8	59,5	65,5	61,3	51,5	45,9	59,0	64,1	62,9
> 2 a 5 S.M.	16,1	20,9	14,1	13,6	17,3	23,4	40,3	23,3	19,8	26,2	24,3	30,7	26,0	21,1	25,3	21,5	29,5	23,2	19,5	24,4
> 5 a 10 S.M.	4,1	4,5	3,1	2,2	4,1	5,4	5,8	4,0	2,5	2,3	8,5	8,7	6,7	6,6	8,4	6,7	7,2	5,5	4,9	6,6
> 10 S.M.	3,2	3,2	3,6	2,5	1,8	1,7	3,1	1,8	1,5	2,3	4,5	6,2	4,7	4,1	3,4	3,7	5,0	3,9	3,2	3,0
Sem rendimento	39,3	35,0	32,8	34,5	13,4	3,4	3,6	1,7	0,9	0,8	5,3	3,2	2,9	2,4	0,9	16,0	11,6	8,3	7,8	2,5
Sem declaração	1,2	1,9	0,2	1,0	1,0	1,0	0,2	0,0	0,0	0,0	0,1	0,5	0,2	0,3	0,7	0,6	0,8	0,1	0,4	0,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: PNAD-IBGE

NOTA: Pessoas de 10 anos ou mais de idade.

No que se refere à geração de emprego, os dados do Ministério do Trabalho e Emprego – MTE, conforme Cadastro Geral de Emprego e Desemprego – CAGED, no período de 1986/1989, demonstram que o mercado de trabalho teve um acréscimo com saldo líquido de 22.847 empregos (398.446 admissões contra 375.599 demissões).

No período 1990-1994, com o reflexo do processo recessivo, perderam-se no Estado 7.440 empregos (410.924 admitidos contra 417.518 demitidos), com maior concentração no comércio, construção civil, serviços e indústria de transformação.

Entre 1995-1998, as demissões continuaram aceleradas, tendo sido desligados nos primeiros dois anos, 16.858 trabalhadores, refletindo as dificuldades vividas por alguns setores que tiveram de adotar políticas de ajustes diante de uma conjuntura globalizada e a estabilização da economia, atingindo principalmente as áreas de serviços, comércio e construção civil.

TABELA 3.18 – EVOLUÇÃO ANUAL DA FLUTUAÇÃO DE EMPREGO NO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL

ANOS	ADMISSÃO	DEMISSÃO	SALDO
1986	101.661	96.270	5.391
1987	95.563	92.087	3.476
1988	103.026	93.383	9.643
1989	98.196	93.859	4.337
1990	90.049	95.816	-5.767
1991	81.029	86.787	-5.758
1992	66.358	70.309	-3.951
1993	83.897	77.357	6.540
1994	89.591	87.249	2.342
1995	88.296	98.432	-10.136
1996	77.947	84.669	-6.722
1997	86.315	83.452	2.863
1998	89.015	93.091	-4.076
1999	95.559	101.348	-5.789
2000	113.695	107.130	6.565
2001	130.703	119.973	10.730
2002	131.314	119.843	11.471
2003	140.349	127.849	12.500
2004	162.065	141.978	20.087
2005	163.467	158.855	4.612
2006	170.662	164.155	6.507
2007	193.899	181.977	11.922
2008	242.953	233.087	9.866
2009	229.386	216.486	12.900
2010	274.427	246.278	28.149
2011	300.442	276.859	23.583
2012	307.668	283.349	24.319

FONTE: Cadastro Geral de Emprego e Desemprego (Lei 4.923) - Ministério do Trabalho e Emprego – MTE

Apesar de ter mostrado sinal de recuperação em 1997, não é confirmada essa mesma tendência em 1998, apresentando um saldo negativo de 4.076 demissões a mais em relação às contratações, contribuindo principalmente para a queda da oferta de emprego no setor de serviços, comércio e administração pública, os dados da tabela 3.18, mostram que a partir de 2000 o Estado entra em uma fase de maior estabilidade na geração líquida de empregos, passando a admitir um número maior de trabalhadores em relação às demissões em todos os anos.

Entre os anos de 2000 a 2012 o dinamismo da economia estadual possibilitou a ampliação da capacidade de absorção, tendo apresentado continuamente um saldo líquido positivo de geração formal de emprego. Observando o comportamento dos setores de atividades na geração de emprego a partir de 2000, a pesquisa do CAGED mostra que a indústria de transformação, o comércio e os serviços foram responsáveis pela maior parcela de empregos gerados. A série se encerra em 2012 com 24.319 empregos líquidos, com destaque para 11.150 na atividade de serviços, 5.017 na indústria de transformação e, 5.042 no comércio, conforme tabela 3.19.

Nos últimos dez anos, 2003 a 2012, foram criados no Estado segundo o CAGED, 154.445 empregos com carteira de trabalho, sendo que as principais atividades empregadoras foram os serviços respondendo por 37,1%, seguido do comércio com 29,1% e indústria de transformação com 22,6%, já a agropecuária foi responsável por apenas 3,6% dos empregos com carteira assinada no acumulado, outras atividades responderam por 7,6%, como mostra a tabela 3.19, saldo de emprego gerado.

TABELA 3.19 – SALDO DO EMPREGO GERADO NO MERCADO DE TRABALHO FORMAL NO MATO GROSSO DO SUL, SEGUNDO A ATIVIDADE ECONÔMICA – 2000-2012

DESCRIÇÃO	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Extração Mineral	-26	418	-31	235	107	152	102	196	106	-206	141	372	204
Ind. Transformação	1.795	3.345	4.162	770	4.457	1.002	3.390	2.216	661	5.337	7.943	4.143	5.017
Utilização Pública	-188	361	-72	64	35	-83	-15	59	22	-106	211	546	372
Construção Civil	316	1.787	760	-515	606	101	1.212	2.612	78	-1.801	2.145	3.285	2.396
Comércio	2.383	2.145	3.722	4.216	5.746	4.124	1.591	3.409	4.540	2.948	7.482	5.830	5.042
Serviços	2.021	1.966	1.202	4.342	5.462	2.512	1.691	3.621	5.637	4.852	10.069	7.908	11.150
Administração Pública	-22	630	582	663	480	-41	-1.310	-727	270	-49	-77	-76	25
Agropecuária	267	46	1.146	2.726	3.194	-3.155	-154	536	-1.448	1.925	235	1.575	113
Outros	19	32	-	-1	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total	6.565	10.730	471	12.500	20.087	4.612	6.507	11.922	9.866	12.900	28.149	23.583	24.319

FONTE: Cadastro Geral de Emprego e Desemprego-CAGED/Ministério do Trabalho e Emprego-MTE

TABELA 3.20 – FLUTUAÇÃO DO EMPREGO NO MERCADO DE TRABALHO FORMAL NO MATO GROSSO DO SUL, SEGUNDO A ATIVIDADE ECONÔMICA – 1986-2012

(Continua)

DESCRIÇÃO	1986			1991			1996			2001		
	Admissão	Demissão	Saldo	Admissão	Demissão	Saldo	Admissão	Demissão	Saldo	Admissão	Demissão	Saldo
Extração Mineral	881	1.113	-232	804	759	45	476	561	-88	590	172	418
Ind. Transformação	19.064	17.903	1.161	13.741	14.252	-511	15.110	15.645	535	21.384	18.039	3.345
Utilização Pública	532	265	267	335	265	70	525	901	93.750	971	610	361
Construção Civil	16.376	1.491	14.885	10.635	10.177	458	7.067	7.272	-205	12.797	11.010	1.787
Comércio	23.947	22.015	1.932	19.536	22.303	-2.767	19.290	20.094	-804	26.007	23.862	2.145
Serviços	31.240	32.060	-820	27.078	29.148	-2.070	27.229	48.644	-21.415	34.046	32.080	1.966
Administração Pública	4.481	2.402	2.079	2.510	3.663	-1.153	1.575	1.652	-77	4.854	4.224	630
Agropecuária	4.180	4.642	-462	5.004	4.945	59	6.406	8.511	-2.105	29.992	29.946	46
Outros	960	909	51	1.386	1.275	111	272	407	(135	62	30	32
Total	101.661	96.270	5.391	81.029	86.787	-5.758	77.947	84.669	-6.722	130.703	119.973	10.730

TABELA 3.20 – FLUTUAÇÃO DO EMPREGO NO MERCADO DE TRABALHO FORMAL – 1986-2012

(Conclusão)

ATIVIDADES ECONÔMICAS	2006			2011			2012		
	Admissão	Demissão	Saldo	Admissão	Demissão	Saldo	Admissão	Demissão	Saldo
Extração Mineral	495	393	102	946	574	372	791	587	204
Ind. Transformação	33.278	29.888	3.309	61.751	57.608	4.143	60.761	55.744	5.017
Utilização Pública	653	668	-15	1.141	595	546	1.186	814	372
Construção Civil	16.441	15.229	1.212	35.649	32.364	3.285	39.634	37.238	2.396
Comércio	36.726	35.135	1.591	70.215	64.385	5.830	71.794	66.752	5.042
Serviços	46.334	44.643	1.691	84.621	76.713	7.908	89.841	78.691	11.150
Administração Pública	724	2.034	-1.310	238	314	-76	301	276	25
Agropecuária	36.011	36.165	-154	45.881	44.306	1.575	43.360	43.247	113
Outros	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total	170.662	164.155	6.507	300.442	276.859	23.583	307.668	283.349	24.319

FONTE: Cadastro Geral de Emprego e Desemprego-CAGED/Ministério do Trabalho e Emprego-MTE

TABELA 3.21 – EVOLUÇÃO DO EMPREGO – SALDO MATO GROSSO DO SUL E BRASIL – 1998-2012

(Continua)

DESCRIÇÃO	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Mato Grosso do Sul	-4.076	-6.884	6.465	10.934	11.471	12.500	20.087	4.612
Brasil	-581.753	-334.011	657.596	591.079	762.414	645.433	1.523.276	1.253.981
% de MS na geração de emprego no Brasil	0,70%	2,06%	0,98%	1,85%	1,50%	1,94%	1,32%	0,37%

TABELA 3.21 – EVOLUÇÃO DO EMPREGO – SALDO MATO GROSSO DO SUL E BRASIL – 1998-2012

(Conclusão)

DESCRIÇÃO	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Mato Grosso do Sul	6.507	11.922	9.866	12.900	28.149	23.583	24.319
Brasil	1.228.686	1.617.392	1.452.204	995.110	2.555.421	1.966.449	1.315.577
% de MS na geração de emprego no Brasil	0,53%	0,74%	0,68%	1,30%	1,10%	1,20%	1,85%

FONTE: Cadastro Geral de Emprego e Desemprego-CAGED/Ministério do Trabalho e Emprego-MTE

No comparativo do saldo de geração líquida de emprego entre Mato Grosso do Sul e Brasil, o Estado acompanha a tendência nacional gerando saldos positivos, embora seja observada uma velocidade maior na geração nacional de empregos, o que reduz a participação do emprego gerado no Estado em relação ao Brasil a partir de 2004, quando a contribuição do Estado na geração de emprego passa a ser inferior a 1,0%, vindo melhores essa participação somente a partir de 2009 quando a representatividade na geração de emprego do Estado supera a casa de 1,0%, chegando em 2012 com uma participação de 1,85% dos empregos gerados no país. (tabela 3.21)

Analisando o comportamento dos resultados obtidos de forma isolada pela economia estadual, os números do Caged apontam para uma geração positiva e crescente de oportunidade de trabalho no período 2000-2012, período em que foram gerados no Estado 183.211 empregos líquidos, os melhores saldos de empregos estão nos últimos três anos 2010 a 2012, quando foram criados 76.051 empregos, localizados principalmente nos serviços com 29.127, seguido do comércio com 18.354 e na indústria de transformação com 17.103 pessoas empregadas, (tabela 3.19).

Na avaliação do padrão de renda recebida pelas pessoas que se denominaram chefes de domicílios no Censo Demográfico do IBGE no ano 2010, quando a análise é feita para o conjunto do Estado, os dados censitários demonstram que a maior parcela, 49,9% das pessoas, estava na faixa de renda de um a cinco salários mínimos (em 2010 o salário mínimo médio foi de R\$ 510,00), na faixa de renda até um salário mínimo estavam 29,8% dos chefes de domicílios, enquanto que 10,2% não receberam nenhum rendimento, (tabela 3.22).

Entre os municípios, Tacuru tinha a maior parcela relativa de chefes de domicílio (49,5%) na menor faixa de renda (até 1 SM), por outro lado, Chapadão do Sul detém a menor parcela relativa (13,8%) de chefes de famílias nessa faixa de rendimento. Os municípios de Campo Grande, Dourados, São Gabriel do Oeste e Três Lagoas têm as maiores concentrações relativas de chefe de família na maior faixa de renda (mais de 10 SM), sendo 5,2%, 3,8%, 3,1% e 3,1 respectivamente.

TABELA 3.22 – NÚMERO DE CHEFES DE DOMICÍLIO, POR FAIXA DE RENDA, SEGUNDO OS MUNICÍPIOS – 2010
(continua)

MUNICÍPIOS	Até 1 S.M.	> 1 a 5 S.M.	> 5 a 10 S.M.	> 10 S.M.	Sem Rendimento ⁽¹⁾	Total
Água Clara	865	2.831	227	65	494	4.482
Alcinópolis	467	899	64	27	130	1.587
Amambaí	3.906	4.354	538	143	1.780	10.721
Anastácio	3.442	2.838	248	71	787	7.386
Anaurflândia	910	1.476	131	43	193	2.753
Angélica	937	1.644	96	29	334	3.040
Antônio João	1.180	803	75	21	396	2.475
Ap. do Taboado	2.333	3.956	394	125	707	7.515
Aquidauana	5.521	5.567	793	274	1.559	13.714
Aral Moreira	1.180	1.012	87	26	411	2.716
Bandeirantes	794	1.082	89	33	349	2.347
Bataguassu	1.962	3.285	316	87	629	6.279
Batayporã	1.173	1.700	110	34	467	3.484
Bela Vista	3.045	2.292	397	116	983	6.833
Bodoquena	1.050	1.055	83	27	243	2.458
Bonito	2.208	3.007	326	120	590	6.251
Brasilândia	1.041	2.330	165	45	319	3.900
Caarapó	2.602	3.787	359	92	769	7.609
Camapuã	1.594	2.366	269	83	501	4.813
Campo Grande	57.619	131.259	24.919	13.078	23.792	250.667
Caracol	705	680	43	20	128	1.576
Cassilândia	2.760	3.478	421	141	439	7.239
Chapadão do Sul	848	4.000	573	217	527	6.165
Corguinho	601	800	59	14	220	1.694
Coronel Sapucaia	1.681	1.114	100	12	778	3.685
Corumbá	9.540	12.523	2.120	791	2.822	27.796
Costa Rica	1.814	3.500	322	123	738	6.497
Coxim	3.859	4.852	687	222	929	10.549
Deodápolis	1.553	1.953	165	41	233	3.945
Dois Irmãos do Buriti	1.367	1.021	74	35	455	2.952
Douradina	650	708	57	26	208	1.649
Dourados	14.703	33.494	5.023	2.291	5.524	61.035
Eldorado	1.512	1.397	114	44	676	3.743
Fátima do sul	2.782	2.768	320	103	524	6.497
Figueirão	304	663	26	13	32	1.038
Glória de Dourados	1.254	1.689	187	58	117	3.305
Guia Lopes da laguna	1.554	1.141	98	38	473	3.304
Iguatemi	1.707	2.280	180	72	406	4.645
Inocência	720	1.564	98	49	205	2.636
Itaporã	2.522	2.756	273	90	582	6.223
Itaquiraí	2.484	2.319	147	32	766	5.748
Ivinhema	2.749	3.747	362	103	295	7.256
Japorã	897	474	31	7	608	2.017
Jaraguari	905	1.087	53	24	188	2.257
Jardim	2.874	3.245	510	184	678	7.491
Jateí	445	664	60	25	107	1.301
Jutí	607	701	41	12	464	1.825
Ladário	1.907	2.236	472	115	447	5.177
Laguna Carapã	735	883	102	43	162	1.925
Maracaju	2.815	5.733	671	319	962	10.500
Miranda	3.317	2.539	238	81	984	7.159

TABELA 3.22 – NÚMERO DE CHEFES DE DOMICÍLIO, POR FAIXA DE RENDA, SEGUNDO OS MUNICÍPIOS – 2010

MUNICÍPIOS						<i>(conclusão)</i>	
	Até 1 S.M.	> 1 a 5 S.M.	> 5 a 10 S.M.	> 10 S.M.	Sem Rendimento ⁽¹⁾	Total	
Mundo Novo	1.981	2.555	285	78	493	5.392	
Naviraí	3.837	8.444	853	288	1.347	14.769	
Nioaque	1.775	1.638	170	53	825	4.461	
Nova Alvorada do Sul	1.223	3.013	235	87	552	5.110	
Nova Andradina	4.288	8.024	920	274	1.130	14.636	
Novo Horizonte do Sul	618	848	37	8	86	1.597	
Paranaíba	4.607	6.931	847	325	1.024	13.734	
Paranhos	1.548	812	62	16	761	3.199	
Pedro Gomes	1.206	1.087	96	31	250	2.670	
Ponta Porã	9.201	9.102	1.429	523	2.189	22.444	
Porto Murtinho	1.410	1.827	172	51	639	4.099	
Ribas do Rio Pardo	1.682	3.891	248	77	606	6.504	
Rio Brillhante	2.411	4.900	535	185	1.335	9.366	
Rio Negro	770	672	52	12	220	1.726	
Rio Verde de MT	2.397	3.005	317	86	440	6.245	
Rochedo	620	848	61	18	172	1.719	
Santa Rita do Pardo	739	1.278	58	21	319	2.415	
São Gabriel d'Oeste	1.646	4.327	536	220	423	7.152	
Selvíria	1.610	1.078	113	29	409	3.239	
Sete Quedas	614	1.076	69	13	231	2.003	
Sidrolândia	4.940	5.992	472	170	1.670	13.244	
Sonora	962	2.905	199	67	684	4.817	
Tacuru	1.377	819	50	11	526	2.783	
Taquarussu	491	415	24	4	245	1.179	
Terenos	1.938	2.565	153	54	905	5.615	
Três Lagoas	6.925	18.538	2.580	1.000	2.962	32.005	
Vicentina	842	973	79	28	100	2.022	
Total	227.658	381.115	53.965	23.613	77.653	764.004	

FONTE: Censo Demográfico 2010 - IBGE

Nota: Rendimento em salário mínimo no valor de R\$ 510,00.

(1) Inclui as pessoas que recebiam somente em benefícios.

Referente à parcela de chefes de domicílio sem rendimentos, o Censo levantou que em Mato Grosso do Sul no ano de 2010 os municípios de Japorã com 30,1%, Juti com 25,4% e Paranhos com 23,8%, com perfil econômico de pecuária extensiva e agricultura sem grande expressão, no Caso de Japorã é agropecuária de subsistência, tinham a maior parcela relativa de chefes de domicílio sem rendimentos. Por outro lado, Fátima do Sul com 3,01%, Glória de Dourados com 3,5% e Vicentina com 4,9% apresentaram as menores taxas relativas de chefes de família sem rendimentos, também são municípios com forte perfil de pecuária extensiva e agricultura de pouca expressão, Glória de Dourados conta uma bacia leiteira com algum nível de qualidade, em Vicentina além do comércio e serviços conta com uma unidade sucroalcooleira, Fátima do Sul é caracterizado por sua constituição em pequenas propriedades rurais, aproximadamente 90% dos estabelecimentos têm até 50 hectares segundo o Censo Agropecuário de 2006.

Na avaliação do perfil por MRG, Campo Grande se destaca por apresentar o menor percentual (22,8%) proporcional de chefes de domicílios, na faixa de até um salário mínimo e, ao mesmo tempo, o maior percentual relativo (58,5%) de pessoas no extrato de mais de um a cinco salários mínimos. Na faixa de mais de cinco a dez salários a MRG de Campo Grande apresenta o maior percentual relativo com 9,3% de seus chefes de domicílios recebendo nessa escala de renda mensal, Também a MRG de Campo Grande apresenta o maior percentual relativo (4,8) de pessoas na maior faixa de renda (mais de dez salários mínimos).

TABELA – 3.23 – CLASSE DE RENDIMENTO NOMINAL MENSAL DAS PESSOAS RESPONSÁVEIS PELO DOMICÍLIO (SALÁRIO MÍNIMO), SEGUNDO AS MRG - 2010

MICRORREGIÃO	Até 1 S.M.	> 1 a 5 S.M.	> 5 a 10 S.M.	> 10 S.M.	Sem Rendimento ⁽¹⁾	Total
Baixo Pantanal	227.658	381.115	53.965	23.613	77.653	764.004
Aquidauana	12.857	16.586	2.764	957	3.908	37.072
Alto Taquari	13.647	11.965	1.353	461	3.785	31.211
Campo Grande	12.435	20.104	2.194	749	3.389	38.871
Cassilândia	68.187	144.305	25.858	13.403	27.516	279.269
Paranaíba	5.422	10.978	1.316	481	1.704	19.901
Três Lagoas	8.274	13.527	1.408	512	2.167	25.888
Nova Andradina	11.252	28.868	3.278	1.208	4.700	49.306
Bodoquena	8.824	14.900	1.501	442	2.664	28.331
Dourados	13.211	13.058	1.627	558	3.920	32.374
Iguatemi	47.359	74.987	9.824	3.989	15.958	152.117
Total	26.190	31.837	2.842	853	7.942	69.664

FONTE: Censo Demográfico 2010 - IBGE

4. ASPECTOS ECONÔMICOS

4.1. SETOR PRIMÁRIO

Localizado no Centro-Oeste brasileiro – região com tradição agropecuária – o Estado de Mato Grosso do Sul caracteriza-se por ter uma economia de base agropastoril, tendo iniciado sua ocupação no século passado pelas atividades de extração vegetal, pecuária e agricultura desbravadora.

Segundo dados apurados pelo último Censo Agropecuário do IBGE, de 2006, o Estado conta com 64.864 propriedades rurais ocupando 30.274.975 ha, empregando diretamente 211.193 pessoas, das quais 149.929 na pecuária, o que representa 7,2 pessoas ocupadas por 1.000 ha e 59.660 na lavoura e florestas plantadas, representando 26,6 pessoas ocupadas por 1.000 ha.

Ainda pelos dados do Censo de 2006, a atividade pecuária tradicional ocupa 76,4% das propriedades rurais (49.523), representando 89,2% da área ocupada; a agricultura, 22,3% das propriedades, 14.476 estabelecimentos, ou seja, 10,0% da área de ocupação; as demais atividades, pesca e aquicultura ocupam 0,06% da área em 123 estabelecimentos; a silvicultura e exploração florestal, ocupam 0,7% da área em 742 propriedades.

O conjunto das 64.864 propriedades rurais tinha em 2006 as seguintes condições em relação ao produtor: 48.842 estavam sob a ocupação do proprietário, representando 28.505.053 ha; 2.974 estavam com arrendatários, ocupando área de 1.252.388 ha; na condição de parcerias estavam 282 empresas rurais, ocupando 119.073 ha, e com ocupantes existiam 972 propriedades totalizando 62.187 há; assentados sem titularidade definitiva 11.494 estabelecimentos, ocupando uma área de 336.274 ha, em outras condições estavam 300 propriedades.

Quanto à ocupação das terras, em 2006, segundo dados do Censo Agropecuário, 2.240.405 ha estavam sendo utilizadas pela lavoura e agroflorestas; com cobertura de pastagens havia 21.055.122 ha, dos quais 6.220.544 com pasto natural e 14.834.578 ha cobertos por capim plantado; 5.964.208 ha estavam ocupados por matas e florestas naturais ou plantadas; áreas ocupadas com tanques, açudes, lagos, construções e terras degradadas somam 297.168 há; as terras inaproveitáveis para a agricultura e pecuária somam 551.325 e as demais 166.764 ha estão ocupadas com agroflorestas usadas para lavouras e pastejo de animais.

A atividade agropecuária sul-mato-grossense contava em 2006 com 37.900 tratores, 4.279 colheitadeiras e uma frota de veículos 50.352 assim composta: 5.056 caminhões, 10.896 utilitários, 9.009 automóveis, 7.420 reboques, 6.299 motos, 64 aviões e aeronaves de uso agrícola, 10.997 veículos de tração animal e 611 embarcações.

Na área de eletrificação rural, os dados do Censo Agropecuário de 2006 mostram a existência de 53.660 estabelecimentos rurais atendidos com aquele serviço, representando 82,7% das 64.864 propriedades pesquisadas, esses dados mostram um significativo avanço da expansão no atendimento desse serviço no meio rural se comparado com o Censo de 1996, quando o nível de cobertura era de 29,8% das propriedades que contavam com a presença da energia elétrica, tendo sido registrado que 29.498 dos 49.342 estabelecimentos eram atendidos.

A agropecuária do Estado ainda tem forte predomínio da produção extensiva, tanto na pecuária como na agricultura, excetuando-se algumas atividades como a avicultura e a suinocultura de corte em escala comercial, além de pequenas propriedades com menos de 100 ha que representam 3,10% da área ocupada, onde estão os projetos de assentamentos e o pequeno produtor rural tradicional.

4.1.1 - ESTRUTURA FUNDIÁRIA

O processo de ocupação do território de Mato Grosso do Sul sempre acompanhou os ciclos econômicos do País com a expansão das atividades econômicas como a mineração e as fazendas de gado. A ocupação das fronteiras agrícolas em áreas de matas e, recentemente, em áreas de cerrado provocou atração de contingentes populacionais advindos de outras regiões que se acentuou a partir da década de 1940 com o crescimento da ocupação das terras voltadas, principalmente, para a criação extensiva de gado, atividade que predominou até a década de 1960.

No período de 1940-1950, a estrutura fundiária do Estado era concentradora de áreas, tanto que as propriedades com menos de 100 ha (37,5% dos estabelecimentos rurais) ocupavam apenas 0,6% da área total das propriedades. No que se refere às propriedades com menos de 1.000 ha, representavam 71% dos estabelecimentos rurais e 7% da área, ao passo que as propriedades com mais de 1.000 ha representavam 29% dos estabelecimentos rurais e 93% da área.

A partir de 1960, a estrutura fundiária começou a apresentar sinais de mobilidade, passando a sofrer alterações em todos os estratos de áreas, acentuando ainda mais a concentração de terra verificada em décadas anteriores.

As maiores alterações ocorreram nas propriedades com menos de 100 ha, que passaram a representar 76% das propriedades e 2% da área total dos estabelecimentos rurais. Nos estabelecimentos rurais com menos de 1.000 ha, representavam 90% das propriedades rurais e 11% da área, e os estabelecimentos com mais de 1.000 ha representavam 10% das propriedades e 89% da área.

Durante a década de 70 não houve, praticamente, inversão expressiva na já concentrada estrutura fundiária do Estado, permanecendo a concentração de maior número de propriedades com área no intervalo de 100 ha a 1.000 ha e maior concentração de áreas em propriedades com mais de 1.000 ha, com tendência de redução de área e número de propriedades com dimensão inferior a 100 ha.

No período entre 1980 e 1985, verificou-se uma pequena redistribuição de terras para as propriedades com área inferior a 1.000 ha, 88,5% das propriedades, e ocupando uma área representativa de 19,7%. Por outro lado, as propriedades com área inferior a 100 ha tiveram sua participação reduzida de 78% em 1970 para 62% no período de 1980/85, tendo também sofrido redução na área ocupada, passando de 3% em 1970 para 2,4% em 1980/85. Nas áreas acima de 1.000 ha, no período 1980/85, observa-se uma pequena evolução no número de propriedades em relação a 1970, passando de 8% para 11,4% em 1980/85, sofrendo redução na área ocupada, passando de 86% em 1970 para 80,3% em 1980/85.

Do ponto de vista fundiário, Mato Grosso do Sul caracteriza-se como um Estado dominado pela grande propriedade territorial, conforme mostra a tabela 4.1.

TABELA 4.1 – ESTRUTURA FUNDIÁRIA – 1980/2006

ANO	DESCRIÇÃO	GRUPO DE ÁREA TOTAL					
		0 - 20	20 - 100	100 - 1000	Mais de 1000	Sem declaração	Total
1980	Estab.	18.731	11.247	12.034	5.822	109	47.943
	Área (ha)	142.695	499.929	4.489.243	25.611.864	-	30.743.731
1985	Estab.	20.618	13.048	14.674	6.215	76	54.631
	Área (ha)	145.354	589.710	5.406.314	24.967.432	-	31.108.810
1996	Estab.	14.240	12.683	15.423	6.821	175	49.342
	Área (ha)	112.037	564.807	5.992.676	24.273.252	-	30.942.772
2006	Estab.	24.874	17.801	15.228	6.661	300	64.864
	Área (ha)	236.627	701.890	5.991.350	23.345.109	-	30.274.975

FONTE: Censos Agropecuários 1980/1985/1996/2006-IBGE

No período de 1996 e 2006, quando foram realizados os dois últimos Censos Agropecuários, houve um aumento expressivo do número de pequenas propriedades rurais no estrato de zero a menos de 100 ha, quando cresceu em mais de 58,5% a quantidade de estabelecimentos rurais nessa faixa de área, passando de 26.923 propriedades em 1996 para 42.675 em 2006. Embora a concentração fundiária ainda se mantenha elevada, observa-se um pequeno aumento na participação em área ocupada por esses estabelecimentos rurais dentro do Estado, passando de 2,2% em 1996 para 3,1% no último Censo.

O avanço das pequenas propriedades ocorrido naquele intervalo temporal em Mato Grosso do Sul, deve-se pelo crescimento do número de assentamentos rurais, observado nos últimos anos. Se considerarmos aquele período intercensitário, vamos ver que houve um incremento de aproximadamente 20 mil famílias assentadas no Estado, segundo a Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural de Mato Grosso do Sul – AGRAER.

Na faixa de 100 ha a menos de 1.000 ha não se observou variações significativas tanto de estabelecimentos bem como de área, porém no estrato de propriedades rurais com mais de 1.000 ha houve redução de aproximadamente 2,3% no número de estabelecimentos e redução da área ocupada no Estado, que passa de 78,4% em 1996 para 77,1% no último Censo no conjunto dos estabelecimentos que integram o estrato de grandes áreas.

Observando os extremos dos estratos de áreas, os dados da tabela 4.1 mostram que nas menores faixas de áreas estão as propriedades de zero a menos de 20 ha onde se concentram o maior número de estabelecimentos, 24.874 representando 38,3% do total, ocupando uma área de 236.627 ha, ou seja, apenas 0,78% do total, já no estrato de mais de 1.000 ha estão 6.661 estabelecimentos, significando apenas 10,3% das propriedades, porém ocupando um espaço geográfico representativo de 77,1% da área total, mostrando a existência de uma significativa concentração de terras em um número menor de propriedades com grandes áreas segundo o Censo Agropecuário de 2006.

4.1.2 - AGRICULTURA

Mato Grosso do Sul, com forte vocação agrícola vem se destacando entre os maiores produtores de grãos do Brasil, apresentando elevada produção e produtividade principalmente nas culturas de soja e milho.

A cultura da soja no Mato Grosso do Sul em 2013 contribuiu com 7,1% da produção nacional com rendimento de 2.909 kg/ha contra 2.928 kg/ha na média do país, no MS a área ocupada na colheita de soja representou em 2013 aproximadamente de 55% do espaço territorial envolvido na colheita dos principais grãos, incluído o algodão, essas culturas envolveram uma área colhida de 3.623.538 há. Já a lavoura de milho, com uma produção de 7.573.324 t em 2013, participando em 9,4% da safra nacional, alcançou um rendimento de 4.925 kg/ha, próximo da produtividade nacional, de 5.254 kg/ha. Destacam-se ainda as culturas de arroz, trigo, algodão, feijão e sorgo, que estão presentes nas principais regiões agrícolas do Estado. Ressalta-se também a relevância das culturas de mandioca e cana-de-açúcar, esta última em expansão em função do crescimento da indústria sucroalcooleira.

No conjunto da produção das principais lavouras acima citadas no ano de 2013, Mato Grosso do Sul se posicionou como o quinto Estado agrícola do País, com uma produção de 13.703.363 t representando 7,3% da colheita nacional de grãos, obteve ainda como destaque 42.399.659 t de cana-de-açúcar o quinto produtor nacional e 721.870 t de mandioca, décimo produtor nacional.

Nos últimos 33 anos de safra agrícola, analisando a partir de 1980, a agricultura do Estado vem apresentando taxas crescentes de volume produzido com tendência de estabilidade de área colhida até 2002, quando inicia um processo de avanço da área ocupada com agricultura e elevação da produtividade, tendo colhido no primeiro ano daquela década 2.218.799 t de grãos numa área de 1.644.547 ha com rendimento médio de 1.349 kg/ha. Em 2000 alcançou um volume de 4.038.437 t numa área de 1.717.752 há, rendimento de 2.508 kg/ha e, em 2013, foram colhidas 13.703.763 t de grãos em 3.623.538 ha, alcançando um rendimento médio de 3.782 kg/ha.

A evolução do rendimento a partir de 1980 resultou em um ganho médio anual de 3,20% de produtividade em 33 anos, com 180,4% de avanço no rendimento na comparação do resultado de 1980/2013, tabela 4.2.

Os dados também mostram que nos últimos três anos da série a agricultura estadual vem ganhando rendimento, enquanto nas safras 2008/10 colheu em média 2.994 kg/ha, nas safras 2011/13 o rendimento foi de 3.533 kg/ha, aumento de 18,0% de produção por hectare colhida, resultado da recuperação do nível de investimentos, impactando no volume produzido e melhorando a produtividade das lavouras.

Nas principais lavouras de grãos, observa-se na década de 1980 um aumento na produção a uma taxa média anual de 3,51% e incremento médio de área colhida de 1,59% no mesmo período. Na década seguinte, essa tendência de ganho de rendimento se manteve, com a produção crescendo a uma taxa média de 2,57% a.a. e redução de área a uma taxa média negativa de 1,0% até 2000, reduzindo a área de 1.925.393 ha em 1990 para 1.717.752 ha em 2000, já entre 2000 e 2010 o rendimento por hectare avançou em uma velocidade de 3,94% ao ano, embora a área colhida tenha crescido 63,0% no período e um crescimento médio da produção de 9,1% na média anual.

Observa-se por meio destes dados que a agricultura sul-mato-grossense venho alcançando maior volume de produção mediante investimentos em produtividade, principalmente na cultura de soja, que obteve 1.639 kg/ha em 1980, 1.622 kg/ha em 1990, e 2.261 kg/ha em 2000. Nos anos seguintes a produtividade vem se alternando apresentando às vezes resultados abaixo desse patamar, nos dois últimos anos o rendimento se mantém próximo dos 3.000 kg/ha, na safra 2012 alcança rendimento superior a 2.534 kg/ha e em 2013 a soja obteve uma produtividade de 2.909 kg/ha. Também se destaca a lavoura de milho que colheu 1.735 kg/ha em 1980, vindo alcançar 2.329 kg/ha, e 2.710 kg/ha, respectivamente nos anos de 1990, 2000 e, 4.925 kg/ha em 2013, apresentando um ganho em rendimento de 184% na comparação dos resultados obtidos entre 2013 e 1980.

Os ganhos de rendimento alcançados pela agricultura de Mato Grosso do Sul ao longo dos anos estão ligados a melhorias nos níveis de mecanização, avanço em tecnologia, utilização de sementes mais adaptadas e/ou transgênicas e o plantio direto.

TABELA 4.2 – EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA DAS PRINCIPAIS CULTURAS NO ESTADO DE MS – 1980-2013

DISCRIMINAÇÃO	1980	1985	1990	1995	2000	2005	2010	2013
Soja	1.322.082	2.558.720	2.038.614	2.283.546	2.486.120	3.718.514	5.340.462	5.780.519
Milho	188.396	327.334	595.718	1.435.151	1.069.571	1.291.901	3.782.946	7.573.324
Arroz	504.212	323.993	182.458	239.269	226.649	224.831	142.668	95.835
Algodão	69.346	106.317	73.559	105.791	127.839	176.131	149.369	174.009
Trigo	110.000	317.644	204.035	19.786	34.712	136.410	74.207	9.132
Feijão	23.507	29.882	33.966	23.590	10.019	23.595	31.937	27.563
Sorgo	1.256	16.522	5.241	5.136	83.527	178.715	162.153	42.981
Total de grãos	2.218.799	3.680.412	3.133.591	4.112.269	4.038.437	5.750.097	9.683.742	13.703.363
Cana-de-Açúcar	606.743	3.170.806	4.193.288	4.922.386	5.837.456	9.513.818	34.795.664	42.399.659
Mandioca	340.090	451.869	436.653	555.808	591.231	538.754	543.303	721.870

FONTE: Produção Agrícola Municipal – PAM – IBGE

TABELA 4.3 – EVOLUÇÃO DA ÁREA COLHIDA DAS PRINCIPAIS CULTURAS PRODUZIDAS NO ESTADO DE MS – 1980-2013

DISCRIMINAÇÃO	1980	1985	1990	1995	2000	2005	2010	2013
Soja	806.559	1.307.640	1.256.469	1.043.689	1.099.359	2.025.155	1.732.297	1.986.894
Milho	108.584	143.236	255.747	472.160	394.538	476.497	873.777	1.537.810
Arroz	501.333	242.341	116.991	92.574	66.068	51.538	26.510	15.508
Algodão	44.615	66.619	44.570	60.011	48.450	63.718	38.740	38.964
Trigo	122.087	201.017	184.427	23.625	34.949	95.599	39.566	8.229
Feijão	60.504	45.887	62.229	32.487	11.632	20.812	23.255	20.909
Sorgo	865	8.487	4.960	3.225	62.756	69.037	65.562	15.224
Total de grãos	1.644.547	2.015.227	1.925.393	1.727.771	1.717.752	2.802.356	2.799.707	3.623.538
Cana-de-Açúcar	11.671	50.650	67.358	74.815	98.938	136.803	399.408	642.686
Mandioca	21.030	25.540	24.569	29.347	32.519	32.492	26.690	33.058

FONTE: Produção Agrícola Municipal – PAM – IBGE

Sendo detentor de um potencial de solos agricultáveis de aproximadamente 10,5 milhões de ha, levantados pelo Macrozoneamento Geoambiental, o Estado ocupava no início da década de 1980 uma área de 1.642.001 ha conforme dados do Censo Agropecuário do mesmo ano, representando 15,6% daquele potencial. Em 2006, segundo dados do Censo Agropecuário do ano, a agricultura estadual ocupava uma área de 2.051.256 ha na sua produção de grãos, fruticulturas, algodão, cana-de-açúcar e mandioca, o que representa 19,5% do seu potencial, indicando que o Estado dispõe ainda de uma grande área com aptidão agrícola, próxima dos 8,5 milhões de ha.

Dinâmica Regional

Analisando a dinâmica regional das principais culturas no Estado, a partir de 1980, e tendo como referência geográfica as microrregiões, observa-se a força da MRG de Dourados, que no primeiro ano daquela década já era responsável por 51% do volume de grãos produzidos. Tendo dobrado a produção estadual no período de 1980-2000, essa MRG se manteve como responsável pela maior fatia na produção estadual de grãos, contribuindo com um percentual de 46,5%.

Embora o ano de 2000 tenha sido um ano atípico para a agricultura da região, por fatores climáticos desfavoráveis, a agricultura da MRG de Dourados apresentou um ganho de produtividade de 78% e incorporação de apenas 12,5% em novas áreas no período de 1980-2000, destacando-se as culturas de soja e de milho que responderam por 47,6% e 45,3%, respectivamente, da produção estadual dessas culturas em 2000.

Analisando a produção agrícola na região Sul do Estado, constituída pelas MRG de Dourados e Iguatemi que já respondiam em 1980 por 56,1% do volume de grãos em Mato Grosso do Sul, passados 20 anos essa região manteve a supremacia agrícola estadual, respondendo por 50% da oferta agrícola, destacando-se as culturas de milho – com mais de 554.613 t, 51,8% da produção estadual, com produtividade de aproximadamente 2.446 kg/ha (superior à média do Estado naquele ano que foi de 2.710 kg/ha) – de soja, com 1.230.009 t e rendimento de 2.044 kg/ha e também produziu 173.607 t de arroz, representando 75,6% da cultura de arroz estadual, e rendimento de 4.904 kg/ha e foi responsável por 67,2% da colheita de trigo, produzindo 23.316 t das 34.712 t obtidas na lavoura tritícola sul-mato-grossense no ano de 2000.

A expansão da agricultura na região sul foi superior à ocorrida nas demais regiões nos últimos anos. Os dados da Pesquisa da Agricultura Municipal – PAM mostram que em 2013 aquela região foi responsável por 65,5% da produção das principais culturas de grãos no Mato Grosso do Sul, percentual superior ao observado nos anos de 1980 com 56,1% e 2000 com 50,0%. As culturas que mais contribuíram para essa evolução foram: milho, que se ampliou em 4.722.588 t entre 2000 e 2013, cujo volume regional contribui nesse último ano com 69,7% da produção estadual; soja, que também teve expansão expressiva no sul do Estado no mesmo período, ampliando em 2.381.092 t/ano a produção regional, vindo a contribuir com 62,5% do volume colhido no Estado em 2013.

O aumento de produção ocorrido na região sul, principalmente nas culturas de soja e milho, foi influenciado pelo avanço em área plantada, ganho de produtividade da ordem de 100,00% na média para as duas maiores culturas e melhoria das condições climáticas com redução dos períodos de estiagem, a partir de 2005.

A expansão de novas fronteiras agrícolas, a partir da década de 1980 direcionou-se para o Norte do Estado, constituído pelas MRG de Alto Taquari e Cassilândia, onde experimentou a maior expansão na produção e incorporação de novas áreas, transformando aquelas MGR's no segundo polo agrícola do Estado, tendo superado a MRG de Campo Grande que em 1980 ocupava essa posição, participando com 21% da safra e produzindo em torno de 466.895 t, concentradas principalmente nas culturas de soja e arroz.

Na avaliação feita até o ano de 2000, os dados da tabela 4.5 mostram que aquelas duas MRG responderam juntas por 36,3% da produção agrícola estadual, participação essa que se deve à expansão ocorrida na agricultura da região dos chapadões, embora naquele ano tenha sido favorecida pelo mau desempenho agrícola no sul do Estado que foi afetado por período climático desfavorável e sofreu frustrações expressivas em culturas como a soja e o milho. Entre as culturas

que mais se destacam no conjunto das MRG de Alto Taquari e Cassilândia, tanto pelo volume quanto pelo ritmo de expansão experimentado no período 1980-2000 estão a lavoura de soja – que se multiplicou em 5,7 vezes, alcançando 890.245 t no ano de 2000, com rendimento médio de 2.650 kg/ha – e a do milho – que expandiu 3.075% no período, passando de 12.670 t em 1980 para 402.399 t no ano de 2000 com produtividade de 3.383 kg/ha.

Ao se comparar o desempenho das duas principais regiões agrícolas de Mato Grosso do Sul - o sul, constituído pelas MRG de Dourados e Iguatemi com a região norte, constituída pelas MRG de Alto Taquari e Cassilândia, os dados mostram que a agricultura da parte norte vem perdendo força a partir do ano de 2000, quando contribuiu com 36,3% na safra de grãos, chegando em 2013 com uma representatividade de 20,4%, enquanto que a região sul viu a sua produção agrícola crescer no mesmo período, evoluindo de uma participação de 49,9% em 2000 para 65,5% no conjunto das principais culturas de grãos do estado em 2013.

Quando comparada, a distribuição da produção agrícola por MRG entre os anos de 1980 e 2013, observa-se que se mantém o predomínio do peso dessa atividade pela MRG de Dourados, embora a atividade agrícola estadual tenha se ampliado em mais de 11.495.546 t. Aquela região representa ainda, mais de 56,7% da safra sul-mato-grossense, tendo ampliado a sua contribuição. Em 1980 a MRG de Dourados foi responsável por 50,9% do volume de grãos deste estado, já em 2013 contribuiu com 56,7%, tendo nesse último ano produzido 7.772.005 t contra 1.122.889 no início da série.

O maior ganho obtido pela agricultura da MRG de Dourados foi provocado pelo avanço simultâneo de área e rendimento médio. A expansão da área ocupada com agricultura foi superior a 154,0% e a produtividade por hectares avançou em 172,0%, fatores que levaram a uma ampliação de 592,1% no volume de grãos no intervalo de 33 anos. Em 1980 a agricultura regional obteve próximo de 1.400 kg/ha contra 3.793 kg/ha em 2013.

Dentro da dinâmica da agricultura estadual, é notável o comportamento da cultura do algodão herbáceo, que ao longo do período 1980-1996 esteve concentrada na Região Sul, constituída pelas MRG de Dourados e Iguatemi, que respondiam por mais de 70% dessa cultura. Entretanto, observa-se uma rápida migração dessa lavoura para o Norte, compreendido pelas MRG de Alto Taquari e Cassilândia – que na safra de 1997 expandiu-se, aproximadamente, cinco vezes em relação ao ano anterior e reduziu em 3,3 vezes a produção na região Sul, conforme demonstra a tabela 4.1.2.3. O avanço dessa cultura levou a Região Norte a responder por 95,6% da produção de algodão colhida no Estado em 2008, com uma safra de 170.301 t numa área de 41.301 ha, obtendo rendimento de 4.143 kg/ha – portanto, alcançando rendimento superior à média histórica do Sul do Estado até 1998, que sempre esteve próximo de 1.694 kg/ha. A produção de algodão da Região Norte está atualmente concentrada principalmente nos Municípios de Costa Rica, com 107.422 t, e Chapadão do Sul com 39.057 t, no ano de 2013.

O avanço da agricultura observado nos últimos anos e, em especial, da cultura do algodão a partir de 1997 em direção ao Norte do Estado, foi estimulado, principalmente, pela ausência de ocorrência de geadas, pela pouca oscilação climática e pela disponibilidade de solos de alta potencialidade em áreas de chapadões exigindo menor custo de mecanização, aliado à obtenção de alta produtividade e facilidade no escoamento da produção por ferrovia e hidrovia. Na cultura de algodão, destacou-se a introdução de tecnologias modernas em áreas de médio e grande porte, enquanto no Sul, predominava a lavoura algodoeira de pequenas propriedades.

No caso específico do algodão, o advento da globalização no início da década de 1990, com a liberação das importações dessa matéria-prima no mercado internacional, provocou o declínio desta lavoura nas pequenas propriedades que sem escala em volume, com dificuldade de crédito oficial e baixa produtividade, não reuniam condições de competitividade no mercado, induzindo, como consequência, o aumento da produção em grandes áreas mecanizadas com tecnologia e alta produtividade em áreas de campo e cerrados, encontrando condições favoráveis para crescimento nos chapadões.

Depois de sofrer um forte declínio principalmente em 2006 com redução de 42,3% acompanhando a tendência da lavoura algodoeira nacional que no mesmo período reduz o volume produzido em 21,0%, o comportamento desta cultura naquele ano está refletindo as dificuldades de comercialização enfrentada. A valorização do real dificultava as exportações e favorecia as importações de algodão ou de tecido de algodão. Superado as dificuldades e com o mercado se ajustando, a produção daquela cultura voltou a se expandir a partir de 2007, estimulado pelo aumento de preço da tonelada no Brasil que passa de R\$ 970,00 para 2.026 em 2013, e no MS a valor da tonelada aumento de R\$ 920,00 em 2007 para R\$ 1.660,00 em 2013, tendo em 2013 produzido 174.009 ton.

TABELA 4.4 - EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE ALGODÃO - REGIÕES NORTE E SUL DE MS - 1980 - 2013

ANOS	REGIÃO NORTE			REGIÃO SUL			ESTADO Produção Total (ton.)	PARTICIPAÇÃO REGIONAL (%)	
	Produção (t)	Área (ha)	Rendimento (Kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Rendimento (kg/ha)		Região Norte	Região Sul
1980	112	300	373	58.812	34.787	1.690	69.346	0,16	84,80
1985	669	1.531	437	80.226	50.202	1.598	106.317	0,63	75,45
1990	2.183	1.766	1.326	52.772	31.319	1.684	73.559	2,96	71,74
1991	2.452	1.795	1.366	63.436	35.650	1.779	90.561	2,71	70,05
1992	1.425	1.550	919	61.383	54.456	1.127	85.119	1,67	72,11
1993	1.075	1.181	910	45.623	27.743	1.644	64.735	1,67	70,87
1994	1.350	1.500	900	53.099	24.880	2.134	77.409	1,74	68,59
1995	4.363	2.230	1.956	78.072	38.950	2.004	105.791	4,12	73,79
1996	4.811	2.504	1.921	60.490	38.703	1.562	87.952	5,47	68,77
1997	23.700	9.175	2.583	17.937	8.240	2.176	56.027	42,30	32,01
1998	60.694	22.450	2.703	20.119	16.182	1.243	93.229	65,10	21,58
2000	89.450	28.050	3.188	38.389	21.025	1.826	127.839	69,98	30,03
2001	132.981	33.242	4.000	36.444	16.901	2.156	169.425	78,48	21,52
2002	125.705	32.190	3.905	21.494	8.612	2.496	154.105	81,57	20,89
2003	134.252	33.450	4.013	18.936	7.273	2.604	159.060	84,40	11,90
2004	154.248	38.694	3.986	24.155	12.512	1.931	187.296	82,40	12,90
2005	142.867	44.444	3.215	23.087	13.585	1.699	176.131	81,11	13,11
2006	82.408	24.306	3.390	9.091	3.933	2.311	94.116	87,56	9,66
2007	162.748	37.430	4.348	16.756	7.315	2.291	183.216	88,83	9,15
2008	170.301	41.103	4.143	5.375	2.148	2.502	179.155	95,06	3,00
2009	138.056	34.063	4.053	3.710	1.573	2.359	144.231	95,72	2,57
2010	142.357	36.225	3.930	2.692	1.075	2.504	149.369	95,31	1,80
2011	209.937	57.110	3.676	3.898	1.512	2.578	220.318	95,29	1,77
2012	207.748	56.793	3.658	3.723	1.710	2.177	221.224	93,91	1,68
2013	169.217	36.937	4.581	1.175	390	3.013	174.009	97,25	0,68

Fonte: Produção Agrícola Municipal - PAM - IBGE

TABELA 4.5 – PRODUÇÃO AGRÍCOLA DOS PRINCIPAIS GRÃOS, SEGUNDO AS MRG – 1980/2010

MRG	SOJA (t)				MILHO (t)				OUTROS ⁽¹⁾ (t)				TOTAL (t)			
	1980	1990	2000	2010	1980	1990	2000	2010	1980	1990	2000	2010	1980	1990	2000	2010
Bodoquena	13.864	52.675	37.457	83.010	8.712	4.431	28.392	62.988	23.768	17.919	14.967	10.008	37.938	74.776	80.816	156.006
C. Grande	262.867	96.023	209.520	467.460	23.970	104.706	49.191	439.970	180.058	45.372	25.164	41.523	466.895	246.101	283.875	948.953
Cassilândia	54.504	348.060	390.195	504.000	8.472	97.750	268.935	381.320	20.444	3.275	140.139	151.609	83.420	449.085	799.269	1.036.929
Aquidauana	8.203	4.236	240	690	11.399	11.112	1.723	2.913	34.882	14.840	31.756	24.222	54.484	30.188	33.719	27.825
Iguatemi	31.275	49.671	46.398	443.366	34.608	59.301	69.686	389.974	50.098	81.557	19.549	14.146	115.981	190.529	135.633	847.486
Três Lagoas	14.598	98.968	92.394	48.368	5.169	11.311	7.156	6.049	24.324	10.776	1.355	4.135	44.091	121.055	100.905	58.552
Alto Taquari	101.331	411.306	500.050	628.860	4.198	39.220	133.464	412.428	70.041	18.838	33.221	116.138	175.570	469.364	666.735	1.157.426
Paranaíba	14.446	8.433	184	1.954	16.505	10.295	16.067	5.336	37.693	4.497	865	170	68.644	23.225	17.116	7.460
B. Pantanal	1.465	2.520	180	0	2.515	6.480	2.145	507	4.022	1.451	1.059	1.358	7.682	10.451	3.384	1.865
Dourados	814.804	941.299	1.183.611	3.113.385	58.005	209.142	484.927	2.051.522	250.080	278.549	210.485	195.289	1.122.889	1.428.990	1.879.023	5.360.196
N. Andradina	4.725	25.423	25.891	49.369	14.843	11.970	7.885	29.939	10.655	25.964	4.182	1.736	30.223	63.357	37.962	81.044
Total	1.322.082	2.038.614	2.486.120	5.340.462	188.396	595.788	1.069.571	3.782.946	706.065	503.038	482.746	560.334	2.207.817	3.107.121	4.038.437	9.683.742

FONTE: Produção Agrícola Municipal – PAM – IBGE

(1) Refere-se às culturas de arroz, algodão, trigo, feijão e sorgo.

TABELA 4.6 – ÁREA PLANTADA DOS PRINCIPAIS GRÃOS, SEGUNDO AS MRG – 1980/2010

MRG	SOJA (ha)				MILHO (ha)				OUTROS ⁽¹⁾ (ha)				TOTAL (ha)			
	1980	1990	2000	2010	1980	1990	2000	2010	1980	1990	2000	2010	1980	1990	2000	2010
Bodoquena	9.855	32.712	21.050	29.150	7.129	17.630	15.700	17.050	18.603	14.669	9.776	3.966	28.798	50.936	4.6526	50.166
C. Grande	168.299	95.190	85.110	157.070	15.500	54.930	33.180	102.550	193.720	46.795	21.498	18.001	377.519	196.915	139.788	277.621
Cassilândia	30.280	164.900	146.138	154.500	4.926	23.500	46.950	64.050	21.660	3.156	76.915	50.148	56.866	191.556	270.003	268.698
Aquidauana	4.335	2.800	100	265	6.538	6.400	1.847	1.420	25.267	15.649	6.460	4.753	36.140	24.849	8.407	6.438
Iguatemi	19.186	28.444	20.786	145.831	15.951	25.421	32.403	92.938	43.620	47.077	124.619	6.132	78.757	100.942	67.311	244.901
Três Lagoas	12.165	69.179	43.411	18.600	3.888	7.450	2.700	1.268	12.088	11.493	1.653	1.728	28.142	88.122	47.764	21.596
Alto Taquari	47.471	222.600	189.800	204.448	3.585	16.500	71.990	84.980	75.563	25.406	30.802	37.334	126.619	264.506	292.592	326.762
Paranaíba	8.498	4.080	60	650	10.549	5.780	4.787	1.112	37.148	4.970	5.371	86	56.195	14.830	5.587	1.848
B. Pantanal	1.110	2.000	100	0	2.096	3.600	1.770	320	3.663	1.960	770	620	6.869	7.560	2.640	940
Dourados	502.803	616.610	586.678	1.007.100	30.050	88.436	292.270	499.400	272.571	214.214	124.619	70.646	805.424	919.257	1.003.567	1.577.146
N. Andradina	2.557	17.954	13.068	14.878	8.372	6.100	9.800	8.773	11.214	15.262	14.122	1.591	22.143	39.316	28.239	25.242
Total	806.559	1.256.469	1.106.301	1.732.492	108.584	255.747	513.397	873.861	715.117	400.651	292.826	195.005	1.623.472	1.898.789	1.912.424	2.801.358

FONTE: Produção Agrícola Municipal – PAM – IBGE

(1) Refere-se às culturas de arroz, algodão, trigo, feijão e sorgo.

TABELA 4.7 – PRODUÇÃO AGRÍCOLA DOS PRINCIPAIS GRÃOS, SEGUNDO AS MRG – 2000 - 2013

MRG	SOJA (t)				MILHO (t)				OUTROS ⁽¹⁾ (t)				TOTAL (t)			
	2000	2005	2010	2013	2000	2005	2010	2013	2000	2005	2010	2013	2000	2005	2010	2013
Bodoquena	37.457	72.282	83.010	123.984	28.392	43.118	62.988	155.732	14.967	15.962	10.008	5.854	80.816	131.362	156.006	285.570
C. Grande	209.520	343.830	467.460	577.899	49.191	187.668	439.970	746.004	25.164	39.825	41.523	6.618	283.875	571.323	948.953	1.330.521
Cassilândia	390.195	502.620	504.000	591.000	268.935	398.520	381.320	573.286	140.139	200.882	151.609	172.431	799.269	1.102.022	1.036.929	1.336.717
Aquidauana	240	1.679	690	23.446	1.723	2.365	2.913	45.627	31.756	45.327	24.222	29.392	33.719	49.371	27.825	98.465
Iguatemi	46.398	326.967	443.366	515.678	69.686	188.039	389.974	683.208	19.549	13.003	14.146	5.954	135.633	528.009	847.486	1.204.840
Três Lagoas	92.394	50.670	48.368	22.432	7.156	4.572	6.049	9.500	1.355	2.695	4.135	1.436	100.905	57.937	58.552	33.368
Alto Taquari	500.050	627.704	628.860	745.357	133.464	347.226	412.428	677.719	33.221	126.193	116.138	41.399	666.735	1.101.123	1.157.426	1.464.475
Paranaíba	184	1.595	1.954	2.349	16.067	4.805	5.336	4.262	865	408	170	316	17.116	6.808	7.460	6.927
B. Pantanal	180	0	0	3.600	2.145	852	507	5.250	1.059	1.599	1.358	1.560	3.384	2.451	1.865	10.410
Dourados	1.183.611	2.091.071	3.113.385	3.095.423	484.927	977.563	2.051.522	4.593.993	210.485	180.407	195.289	82.589	1.879.023	3.249.041	5.360.196	7.772.005
N. Andradina	25.891	27.805	49.369	79.351	7.885	26.701	29.939	78.743	4.182	2.424	1.736	1.971	37.962	56.930	81.044	160.065
Total	2.486.120	4.046.223	5.340.462	5.780.519	1.069.571	2.181.429	3.782.946	7.573.324	482.746	628.725	560.334	349.520	4.038.437	6.856.377	9.683.742	13.703.363

FONTE: Produção Agrícola Municipal – PAM – IBGE

(1) Refere-se às culturas de arroz, algodão, trigo, feijão e sorgo.

TABELA 4.8 – ÁREA PLANTADA DOS PRINCIPAIS GRÃOS, SEGUNDO AS MRG – 2000 – 2013

MRG	SOJA (ha)				MILHO (ha)				OUTROS ⁽¹⁾ (ha)				TOTAL (ha)			
	2000	2005	2010	2013	2000	2005	2010	2013	2000	2005	2010	2013	2000	2005	2010	2013
Bodoquena	21.050	28.720	29.150	52.130	15.700	16.320	17.050	37.217	9.776	4.926	3.966	3.125	4.6526	49.966	50.166	92.472
C. Grande	85.110	138.860	157.070	213.800	33.180	76.700	102.550	174.160	21.498	20.048	18.001	3.350	139.788	235.608	277.621	391.310
Cassilândia	146.138	161.600	154.500	182.800	46.950	65.950	64.050	89.810	76.915	65.471	50.148	40.878	270.003	293.021	268.698	313.488
Aquidauana	100	667	265	8.710	1.847	1.910	1.420	10.064	6.460	6.966	4.753	4.913	8.407	9.543	6.438	23.687
Iguatemi	20.786	145.670	145.831	181.340	32.403	86.941	92.938	159.410	124.619	7.189	6.132	2.579	67.311	239.800	244.901	343.329
Três Lagoas	43.411	21.565	18.600	8.143	2.700	1.130	1.268	1.768	1.653	1.981	1.728	635	47.764	24.676	21.596	10.546
Alto Taquari	189.800	207.348	204.448	219.488	71.990	75.610	84.980	123.331	30.802	53.573	37.334	12.257	292.592	336.531	326.762	355.076
Paranaíba	60	651	650	791	4.787	1.160	1.112	1.040	5371	280	86	155	5.587	2.091	1.848	1.986
B. Pantanal	100	0	0	1.500	1.770	550	320	1.390	770	736	620	620	2.640	1.286	940	3.510
Dourados	586.678	996.100	1.007.100	1.094.020	292.270	600.050	499.400	927.210	124.619	66.699	70.646	30.384	1.003.567	1.662.849	1.577.146	2.051.614
N. Andradina	13.068	16.255	14.878	24.574	9.800	10.591	8.773	18.170	14.122	2.041	1.591	1.864	28.239	28.887	25.242	44.608
Total	1.106.301	1.717.436	1.732.492	1.987.296	513.397	938.917	873.861	1.543.570	292.826	229.910	195.005	100.760	1.912.424	2.884.258	2.801.358	3.631.626

FONTE: Produção Agrícola Municipal – PAM – IBGE

(1) Refere-se às culturas de arroz, algodão, trigo, feijão e sorgo.

Das culturas de expressão, destaca-se ainda a lavoura de arroz, que teve papel decisivo como atividade desbravadora e pioneira na ocupação de áreas de cerrados e matas virgens, onde era introduzida inicialmente pelos fazendeiros como forma de preparar a terra para posterior introdução de pastagem para o gado.

Mato Grosso do Sul já foi grande produtor de arroz, obtendo em 1980 uma safra de 504.212 t em uma área de 501.333 ha, com predomínio da lavoura de arroz de sequeiro, que respondia por mais de 90% da produção. Embora as MRG de Campo Grande e de Dourados representassem mais de 50% do volume colhido, o arroz teve papel importante em todas as demais regiões, como atividade de ocupação de mão de obra, geradora de trabalho e de renda.

Em 1980, o Estado começou a buscar novas tecnologias para a produção do arroz, iniciando a sua participação no Programa Nacional de Aproveitamento de Várzeas Irrigáveis, mediante o desenvolvimento de pesquisa, assistência técnica, infraestrutura de drenagem e sistematização de canais irrigáveis, tendo como objetivo inicial ocupar 5.500 ha de áreas com lavoura irrigada.

Contudo, ao longo dos anos, essa cultura vem reduzindo o seu volume, apesar de obter ganho de produtividade bem superior àquela de 1000 kg/ha de 1980. Em 2000 foram colhidas 226.649 t em uma área de 66.068 ha, com rendimento médio de 3.430 kg/ha e em 2013 foram colhidas 95.835 t em uma área de 15.508 ha, com rendimento médio de 6.179 kg/ha. Esse desempenho é superior à média nacional de aproximadamente 5.007 kg/ha. O declínio da cultura do arroz em Mato Grosso do Sul que ocorre nos primeiros anos da década de 1980 deve-se principalmente à baixa produtividade da lavoura de sequeiro – em torno de 1.000 kg/ha – que predomina no auge da cultura do arroz no Estado, e à dificuldade de sua expansão em novas áreas ou em áreas tradicionais de pecuária.

As MRG de Dourados e de Aquidauana foram responsáveis por 90,8% da produção de arroz na safra de 2013, destacando-se os municípios de: Rio Brilhante com 32.500 t e rendimento de 6.500 kg/ha, Miranda com 26.867 t e rendimento de 6.639 kg/ha, Dourados com 10.500 t e rendimento de 7.000, que juntos responderam por 75,0% da produção estadual desta cultura naquele ano, segundo pesquisa da produção do IBGE.

As culturas de cana-de-açúcar e de mandioca destacam-se pelo expressivo volume de produção alcançado. A cana foi introduzida como atividade comercial na segunda metade da década de 1970 por meio do programa do Pró-álcool. Em 1980 produziu pouco mais de 600 mil toneladas, expandindo-se a uma taxa média superior a 13,9% ao ano, o que possibilitou produzir em 2013, 42.399.659 t em uma área de 642.686 ha, com produtividade de 65.973 kg/ha. Esta atividade, além de ter estimulado a indústria do álcool e do açúcar no Estado, ainda é geradora de demanda de mão de obra, principalmente no período de corte da cana.

A produção de cana-de-açúcar no ano de 2013 estava concentrada principalmente nas MRG de: Dourados com 22.325.577 t, Iguatemi com 8.154.531 t e Cassilândia com 4.257.079 t, que juntas responderam por 81,9% da produção estadual, destacando-se os municípios de: Rio Brilhante com 5.205.433 t, Nova Alvorada do Sul com 4.726.433 t, Dourados com 3.133.568 t e Ponta Porã com 2.646.987 t, que juntos representavam aproximadamente 37,0% da produção canavieira de Mato Grosso do Sul no mesmo ano.

A mandioca caracteriza-se por ser atividade tradicional de subsistência em todo o Estado, embora nas últimas duas décadas tenha se expandido com a introdução de lavouras em escala comercial, atraídas pela introdução de indústrias de fécula e farinha de mandioca, notadamente na região do Vale do Ivinhema. Em 2013 a lavoura sul-mato-grossense de mandioca produziu 721.870 t em uma área colhida de 33.058 ha, alcançando um rendimento médio de 21.836 kg/ha.

Nos últimos dez anos (2004/2013), o Estado vem obtendo uma produção média anual de aproximadamente 556.783 t de mandioca, com um rendimento médio de 19.062 kg/ha. O cultivo desta cultura está concentrado principalmente na MRG de Iguatemi, onde em 2013 respondia por 65,5% desse produto em Mato Grosso do Sul, seguido da MRG de Dourados, que contribui com 14,3% dessa cultura. Os municípios com maior destaque nessa atividade são: Naviraí com 89.440 t e Itaquiraí com 50.000 t, segundo dados da PAM.

Para uma análise do desempenho mais recente da agricultura de Mato Grosso do Sul, foi considerado as principais culturas de grãos e tomando como referência o período que compreende os primeiros treze anos deste século, entre 2000 e 2013.

A agricultura de Mato Grosso do Sul no período de 2000 a 2013, considerando os produtos agrícolas mais tradicionais; os grãos: soja, milho, arroz, trigo, feijão, sorgo e o algodão apresentou um crescimento de 239,3% no conjunto do volume produzido, o que possibilitou a agregação de 9.664.926 t, alcançando um ganho anual de 743.456 t de incremento na produção estadual.

O aumento de produção verificada naquele espaço de tempo se deu principalmente nas culturas do milho que ampliou o volume produzido em 608,0%, agregando mais 6.503.753 t e na lavoura de soja que elevou o seu volume colhido em 132,5%, agregando 3.294.399 t em treze anos.

A ampliação do volume de produção da agricultura estadual no período considerado, esta amparado em dois fatores básicos; primeiro se observa uma significativa incorporação de novas áreas no cultivo de grãos, os dados da tabela 4.3 mostram uma expansão de 110,9% em área colhida, o que significa uma elevação de 1.905.767 ha entre as safras de 2000 para 2013, em segundo lugar houve um ganho de rendimento de 60,9%, saindo de uma produtividade de 2.351 kg/ha em 2000 para 3.781,8 kg/ha na safra de 2013, o que permitiu um aumento de volume produzido da ordem de 239,3% no período considerado.

A incorporação de novas áreas no período se deu principalmente na cultura do milho com 1.143.272 hectares, seguido da lavoura da soja que obteve aumento em sua área colhida em 887.535 hectares, porém houve culturas que tiveram redução de áreas, as maiores perdas ocorreram no arroz que sofreu redução de 50.560 hectares colhida, em seguida aparece a perda de área na lavoura de trigo com menos 26.720 hectares.

Observando a evolução das culturas de cana-de-açúcar e da mandioca, os dados das tabelas 4.2 e 4.3 mostram que a cana incorporou no período 36.562.203 t, resultado de uma expansão de 549,6% na área colhida que passou de 98.938 há em 2000 para 642.686 em 2013 e um ganho de 11,8% na produtividade, já a mandioca no mesmo intervalo sofre um aumento de 130.639 t, provocada por um elevação de 20,1% no rendimento, alcançando 21.836/kg por hectare.

Analisando os dados da produção no curto prazo, de 2013 na comparação com 2010, o conjunto das principais culturas apresentou um aumento de 4.019.621 toneladas, resultado 41,5% superior para o ano de 2013 comparada com a safra de 2010, este crescimento é resultado de um aumento em 29,43% em área colhida e 9,34% em produtividade. O principal o aumento ocorreu na cultura do milho com um incremento 3.790.378 t daquele grão, também a soja apresenta um incremento na sua produção de 440.057 t na comparação 2010/13, ambas as cultura somaram um incremento de área colhida de 918.630 ha a partir de 2010.

Ainda comparando a os resultados da safra 2013 com 2010, observa-se expansão individual em algumas culturas; o algodão aumenta o volume produzido em 16,5%, a mandioca teve uma expansão na produção de 32,8%, já a cana-de-açúcar apresenta um ganho de 21,85% no volume produzido, dentre essa três cultura, o algodão mantém o tamanho da área colhida e as outras duas têm ampliação na extensão territorial de colheita. A demais cultura como o arroz, o trigo, o feijão e o sorgo perderam produção, no conjunto produziram 175.511 t em 2013 contra 410.965 em 2010, registrando uma redução de 235.454 t, o sorgo registra a maior redução em volume, menos 119,172 t.

TABELA 4.9 – PRODUÇÃO DAS PRINCIPAIS CULTURAS DO ESTADO DE MS – 1980 - 2013

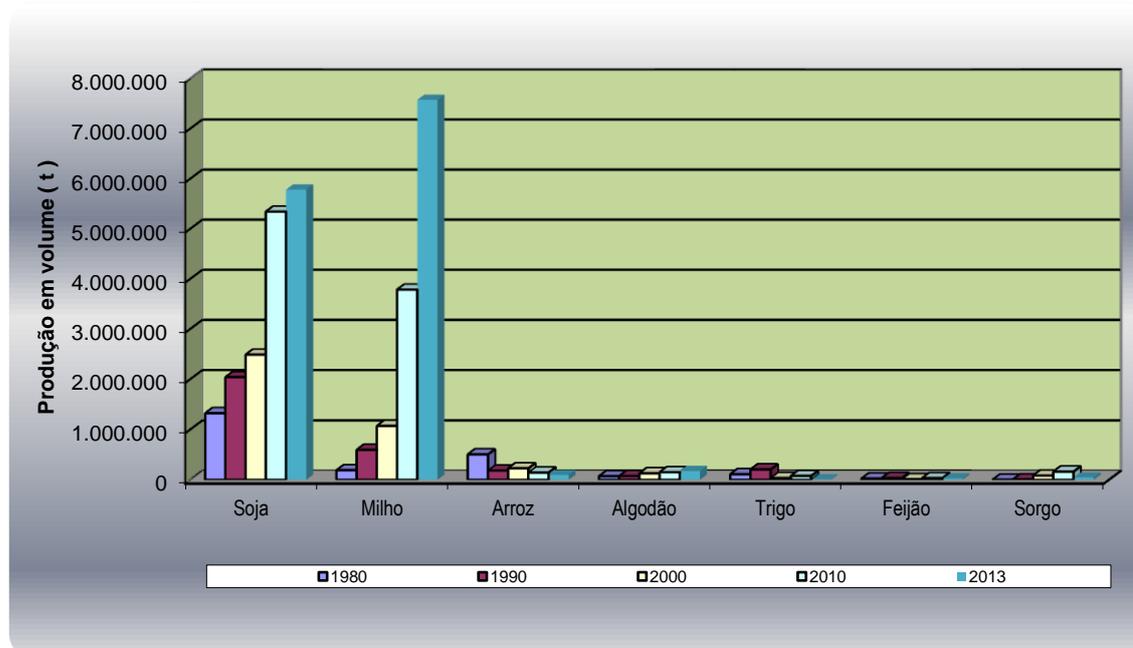
PRODUÇÃO	1980	1985	1990	1995	2000	2005	2010	2013
Soja	1.322.082	2.558.720	2.038.614	2.283.546	2.486.120	3.718.514	5.340.462	5.780.519
Milho	188.396	327.334	595.718	1.435.151	1.069.571	1.291.901	3.782.946	7.573.324
Arroz	504.212	323.993	182.458	239.269	226.649	224.831	142.668	95.835
Algodão	69.346	106.317	73.559	105.791	127.839	176.131	149.369	174.009
Trigo	110.000	317.644	204.035	19.786	34.712	136.410	74.207	9.132
Feijão	23.507	29.882	33.966	23.590	10.019	23.595	31.937	27.563
Sorgo	1.256	16.522	5.241	5.136	83.527	178.715	162.153	42.981
Total	2.218.799	3.680.412	3.133.591	4.114.264	4.038.437	5.750.097	9.683.742	13.703.363

FONTE: Produção Agrícola Municipal - PAM/IBGE.

Observando o comportamento das principais culturas tabela 4.9, os dados mostram que a produção de soja e milho vem ampliando a sua presença na agricultura sul-mato-grossense a partir de 1980, com outras culturas como arroz, algodão, trigo e feijão, com participações menores vêm alternando sua produção ano a ano, no entanto a cultura do sorgo que vinha apresentando tendência de crescimento, sofre queda de produção em 2013 como mostra o gráfico 4.1.

Analisando o peso das culturas da soja e do milho no conjunto dos produtos mais tradicionais da lavoura comercial, os dados mostram que a produção dessas duas culturas experimenta um ganho expressivo em participação no volume produzido, passando de 68,1% em 1980 para 97,5% em 2013 com as demais culturas contribuindo com apenas 2,5%, isso é reflexo de quão é estratégico essas duas culturas tanto no aspecto comercial bem como na produção de alimentos, vindo ao longo do anos incorporando área, tecnologia e conquistando aumento de produtividade.

GRÁFICO 4.1 – EVOLUÇÃO DO VOLUME PRODUZIDO DAS PRINCIPAIS CULTURAS DE GRÃOS DO ESTADO DE MS



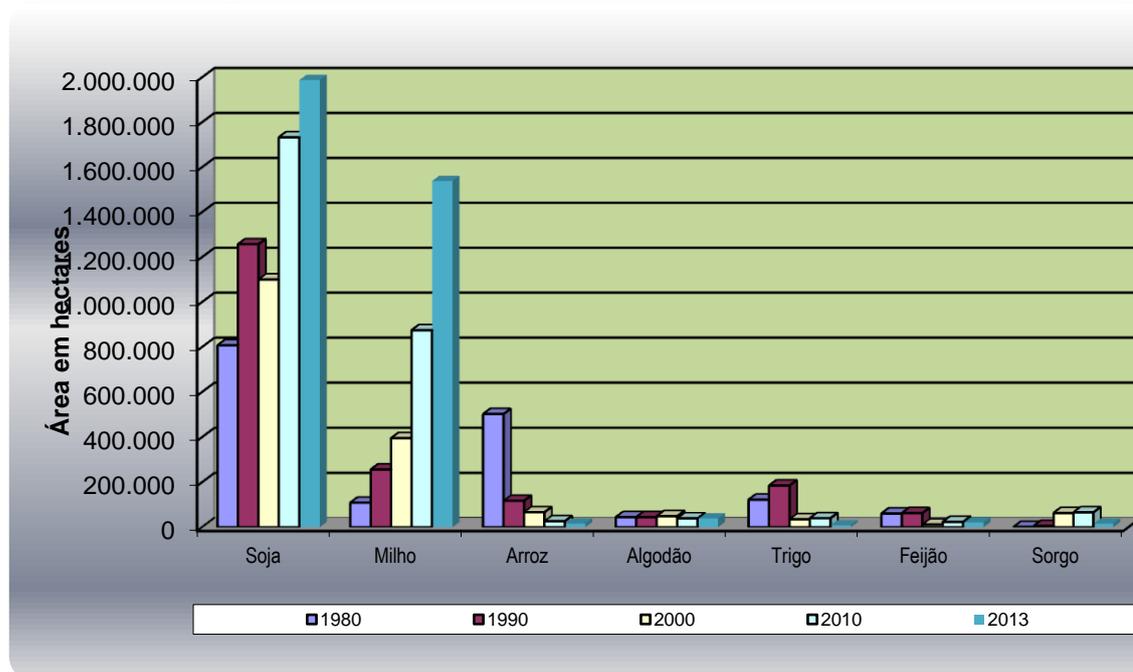
FONTE: SEMAC/MS

TABELA 4.10 – ÁREA COLHIDA (ha) DAS PRINCIPAIS CULTURAS DE GRÃOS DO ESTADO DE MS – 1980 - 2013

PRODUTOS	1980	1985	1990	1995	2000	2005	2010	2013
Soja	806.559	1.307.640	1.256.469	1.043.689	1.099.359	2.025.155	1.732.297	1.986.894
Milho	108.584	143.236	255.747	472.170	394.538	476.497	873.777	1.537.810
Arroz	501.333	242.341	116.991	92.574	66.068	51.538	26.510	15.508
Algodão	44.615	66.619	44.570	60.011	48.450	63.718	38.740	38.964
Trigo	122.087	201.017	184.427	23.625	34.949	95.599	39.566	8.229
Feijão	60.504	45.887	62.229	32.487	11.632	20.812	23.255	20.909
Sorgo	865	8.487	4.960	3.225	62.756	69.037	65.562	15.224
Total	1.644.547	2.015.227	1.925.393	1.727.781	1.717.752	2.802.356	2.799.707	3.623.538

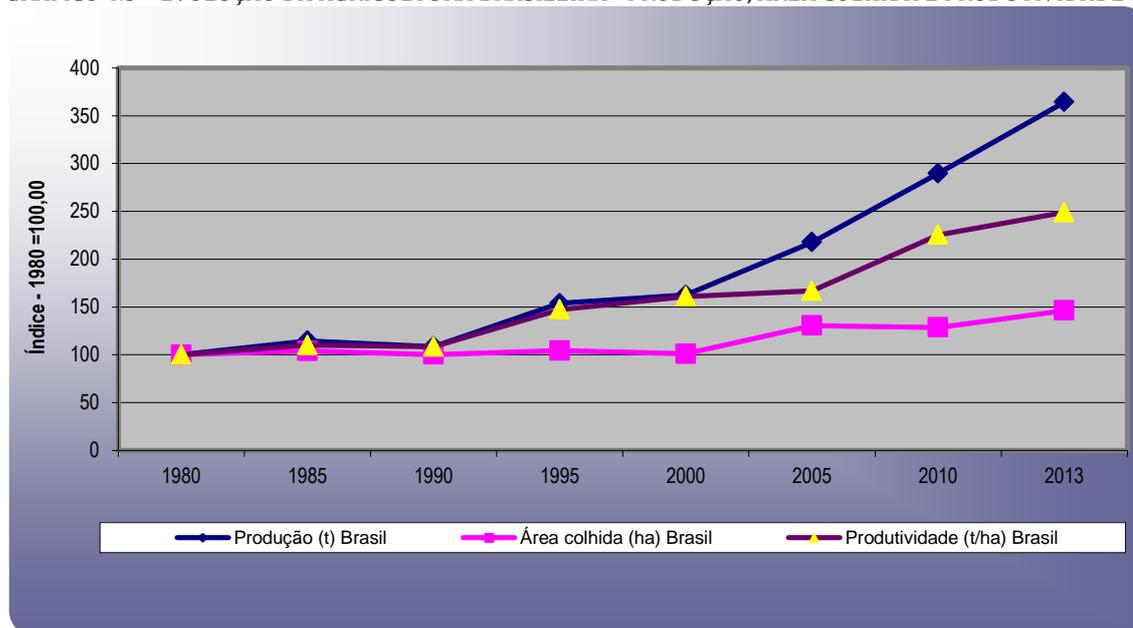
FONTE: Produção Agrícola Municipal - PAM/IBGE

GRÁFICO 4.2- EVOLUÇÃO DA ÁREA COLHIDA DAS PRINCIPAIS CULTURAS DE GRÃOS DO ESTADO DE MS



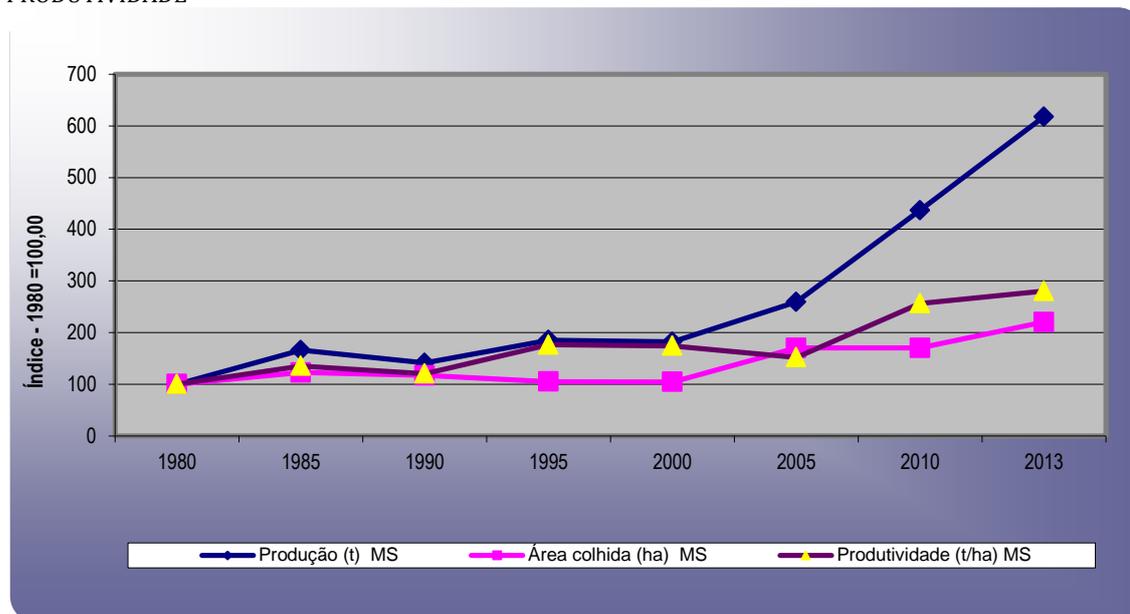
FONTE: SEMAC/MS

GRÁFICO 4.3 – EVOLUÇÃO DA AGRICULTURA BRASILEIRA - PRODUÇÃO, ÁREA COLHIDA E PRODUTIVIDADE



FONTE: SEMAC/MS

GRÁFICO 4.4 – EVOLUÇÃO DA AGRICULTURA SUL-MATO-GROSSENSE – PRODUÇÃO, ÁREA COLHIDA E PRODUTIVIDADE



Fonte: Semac/MS

Pela evolução apresentada nos Gráficos 4.3 e 4.4, observa-se que o crescimento da produção de grãos alcançado até 2013 pela agricultura brasileira, assim como no Estado de Mato Grosso do Sul, foi obtido principalmente pelo avanço da produtividade que veio crescendo ao longo dos últimos 33 anos. A partir de 2000 os dados mostram uma efetiva incorporação de novas áreas tanto em nível nacional como estadual. Em nível nacional no período de 1980-2013 o volume produzido cresceu 264,3% impulsionado por um ganho de 149,0% de produtividade em cada hectare colhido, somado a uma ampliação de áreas de 46,3% na média nacional. Da mesma forma o agricultor sul-mato-grossense ampliou em 517,6% o volume produzido, com um ganho de 180,4% de produtividade e 120,3% de aumento em área colhida no mesmo período.

TABELA 4.11 – EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO, ÁREA COLHIDA E RENDIMENTO DA AGRICULTURA DE GRÃOS DO BRASIL E DE MS – 1980 - 2013

DESCRIÇÃO	1980	1985	1990	1995	2000	2005	2010	2013
Prod./BR (t)	51.592.996	59.126.391	56.014.192	79.374.049	83.858.356	112.357.679	149.168.664	187.954.645
Área colh.(ha)	35.664.626	37.122.025	35.719.026	37.253.497	36.012.862	46.571.000	45.824.776	52.176.960
Rendimento	1.447	1.593	1.568	2.131	2.328	2.413	3.255	3.602
Prod./MS (t)	2.218.799	3.680.412	3.133.591	4.112.269	4.038.437	5.750.097	9.683.742	13.703.363
Área colh. (ha)	1.644.547	2.015.227	1.925.393	1.727.771	1.717.752	2.802.356	2.799.707	3.623.538
Rendimento	1.349	1.826	1.628	2.380	2.351	2.052	3.459	3.782

Fonte: Produção Agrícola Municipal-PAM / IBGE

Nota: Inclui as culturas de algodão herbáceo, arroz, feijão, milho, soja, sorgo e trigo.

4.1.3 - PECUÁRIA

A pecuária representa a atividade mais tradicional da economia sul-mato-grossense, constituída principalmente pela criação de bovinos, aves, suínos, equinos, ovinos, caprinos e bubalinos. Destacam-se em 2013 os rebanhos de: bovinos com 21,0 milhões de cabeças, aves com 24,5 milhões de animais e suínos com 1,159 milhão cabeças. Os segmentos da pecuária desempenham expressivo papel na ocupação econômica e produção de carnes e outros produtos de origem animal como: lácteos, couro e ovos.

TABELA 4.12 – PRINCIPAIS REBANHOS DO ESTADO DE MS - 2013

DESCRIÇÃO	REBANHOS (CABEÇAS)						
	Bovinos	Aves	Suínos	Equinos	Ovinos	Caprinos	Bubalinos
Rebanho	21.047.274	24.458.357	1.159.632	337.124	500.509	36.239	14.582
Classif. Nacional	4º	11º	10º	6º	8º	15º	12º

FONTE: Pesquisa da Pecuária Municipal-PPM/IBGE

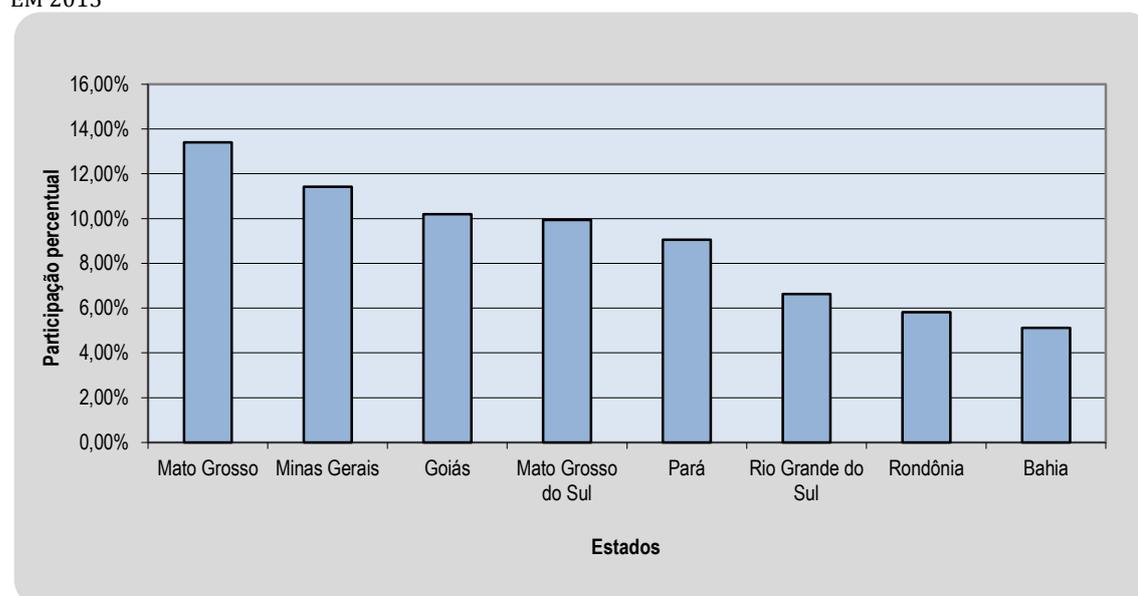
A Pesquisa da Pecuária Municipal-PPM, para o conjunto dos estados brasileiros aponta para a pecuária bovina nacional em 2013, um rebanho de 211.764.292 unidades de animais, onde Mato Grosso do Sul com 21.047.274 cabeças, era detentor do 4º maior rebanho, contribuindo com 9,94% do efetivo nacional. A atividade de bovinocultura sul-mato-grossense está voltada principalmente para a produção de carne, tendo abatido em 2013 aproximadamente 4,4 milhões de cabeças, incluindo aproximadamente 300 mil novilhos precoces, colocando-se como um mercado potencial para a produção e abastecimento dos grandes mercados consumidores de carne.

TABELA 4.13 – EFETIVO DO REBANHO BOVINO NOS ESTADOS E BRASIL - 2013

RANKING	UF	EFETIVO (cabeças)	PARTICIPAÇÃO (%)
1º	Mato Grosso	28.395.205	13,41%
2º	Minas Gerais	24.201.256	11,43%
3º	Goiás	21.580.398	10,19%
4º	Mato Grosso do Sul	21.047.274	9,94%
5º	Pará	19.165.028	9,05%
6º	Rio Grande do Sul	14.037.367	6,63%
7º	Rondônia	12.329.971	5,82%
8º	Bahia	10.828.409	5,11%
-	Outros	60.179.384	28,42%
	Brasil	211.764.292	100,00%

Fonte: Pesquisa da Pecuária Municipal-PPM/IBGE

GRÁFICO 4.5 – PARTICIPAÇÃO DOS PRINCIPAIS ESTADOS DETENTORES DE REBANHO BOVINO NO BRASIL EM 2013



Fonte: Semac/MS

A introdução de tecnologias de mecanização e correção do solo na década de 70 criou condições favoráveis para a modernização da atividade pecuária, principalmente através da expansão de áreas com pastagens plantadas que evoluiu a uma taxa de 3,5% a.a. na referida década e, ao mesmo tempo, possibilitou um crescimento geométrico anual de 3,39% no rebanho bovino para o período de 1980-1996. No intervalo de 1997-2004, observa-se redução no crescimento do rebanho com uma taxa de 1,69%, influenciada pela expansão da agricultura em áreas de pecuária.

As maiores taxas de aumento de rebanho foram observadas nos primeiros cinco anos da década de 80, quando cresceu 4,83% a.a., impulsionado pelo avanço de 6,25% a.a. das pastagens mecanizadas. No período de 1985-1996, essas taxas reduziram para 2,52% a.a. o incremento nos rebanhos e 2,38% a.a. na formação de pasto mecanizado. Os números mostram que o setor tende a ir reduzindo sua elasticidade de expansão de novas áreas e conseqüentemente tendência de estabilização das taxas de aumento de rebanhos, voltando-se para a “verticalização” da produção, ampliando o número de nascimento de bezerros por matrizes e melhorando as taxas de descarte de animais para a produção de carne.

Em 1980, apenas 42,5% das pastagens existentes nos campos de Mato Grosso do Sul eram plantadas e 57,5% eram nativas. Em 1996 as áreas com capins naturais representavam 38,7%, contra 72,1% mecanizados, considerando o Pantanal e as regiões do planalto. As MRG que apresentaram maior avanço da mecanização de 1980 a 1996 em relação às áreas de pastagem foram a MRG de Alto Taquari, que passou de 30,9% para 77% e a MRG de Três Lagoas, que tinha 44,5% de seus pastos mecanizados, chegando em 1996 a 91,6%. No entanto, as MRG de Dourados e Campo Grande apresentam os maiores índices de mecanização das suas áreas de pecuária, com 94,6% e 92,3% respectivamente, segundo dados do último Censo Agropecuário. É importante destacar que se excluirmos a área do Pantanal (MRG de Aquidauana e Baixo Pantanal), o nível de mecanização das pastagens da pecuária de Mato Grosso do Sul chega a 89,1% contra os 10,9% de capim natural em 1996.

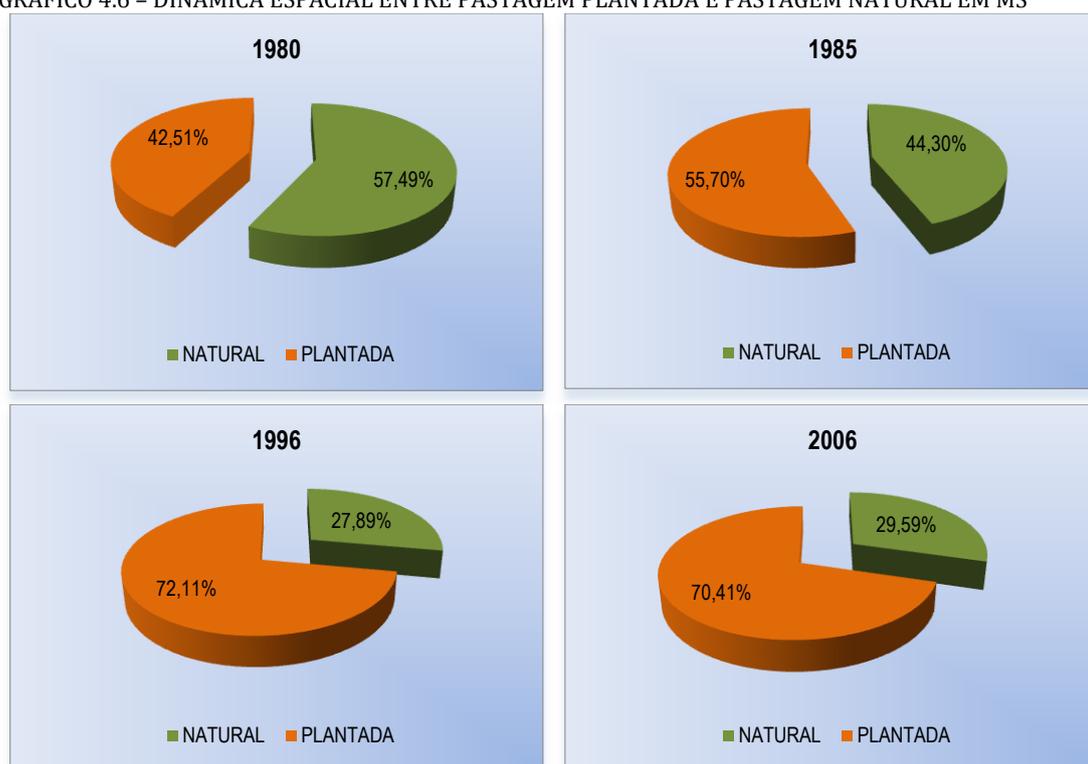
No entanto os dados do Censo Agropecuário de 2006, passados dez anos após o Censo anterior, 1996, mostram que houve um fato marcante na ocupação das terras até então ocupadas com pastagem, os números do Censo de 2006 apontam uma redução de 893.352 hectares de áreas ocupadas com pastagem plantada no Mato Grosso do Sul, a mesma pesquisa mostra que houve no mesmo período uma expansão de aproximadamente 550 mil hectares com lavouras permanentes e temporárias, ampliando ainda em 300,7 mil hectares de terras em áreas com florestas naturais e pastagens naturais.

TABELA 4.14 – DISTRIBUIÇÃO DE PASTAGENS (ha), SEGUNDO AS MRG DO ESTADO DE MS – 1980/2006

MICRORREGIÃO	1980		1985		1996		2006	
	Natural	Plantado	Natural	Plantado	Natural	Plantado	Natural	Plantado
Alto Taquari	1.792.921	801.871	1.557.950	1.279.090	612.877	2.046.119	257.082	2.109.320
Aquidauana	1.319.655	532.507	1.078.052	573.575	887.654	666.401	689.568	940.647
Baixo Pantanal	4.496.572	475.160	3.734.361	699.264	3.466.973	964.639	3.508.645	1.176.601
Bodoquena	742.233	639.242	553.749	908.616	274.042	1.156.824	224.422	1.229.089
Campo Grande	693.641	1.005.241	441.192	1.319.914	95.180	1.651.301	154.218	1.564.963
Cassilândia	191.295	175.638	190.737	426.730	65.807	765.658	116.347	685.591
Dourados	612.616	1.794.783	292.407	1.938.787	156.911	1.885.508	282.714	1.255.494
Iguatemi	128.703	1.064.466	164.051	1.316.745	97.923	1.583.783	269.127	1.190.362
Nova Andradina	268.874	551.996	283.810	603.072	88.671	849.961	249.139	573.532
Paranaíba	508.196	816.152	229.232	1.243.348	65.257	1.191.541	101.780	986.555
Três Lagoas	1.511.270	1.211.846	1.132.653	1.835.356	271.483	2.966.195	344.106	3.034.511
Total	12.265.976	9.068.902	9.658.194	12.144.497	6.082.778	15.727.930	6.197.149	14.746.665

FONTE: Censos Agropecuários - IBGE

GRÁFICO 4.6 – DINÂMICA ESPACIAL ENTRE PASTAGEM PLANTADA E PASTAGEM NATURAL EM MS



FONTE: Censos Agropecuários

O avanço tecnológico, ainda que mais intensivo em algumas regiões e menos em outras, possibilitou a melhoria nos níveis de manejo, como: a divisão das propriedades em invernadas menores, melhorando a distribuição das águas e dos rebanhos; a introdução do sal mineral na grande maioria das propriedades e, em menores índices, a inseminação artificial. Esse conjunto de inovações, somado a outros fatores, possibilitou um incremento de produtividade no período de 1980-2006, tanto no nascimento de bezerros por matrizes, bem como nas taxas de abates.

Para analisar a produtividade de matrizes, separou-se o Pantanal do Planalto, sendo que na região do Planalto em 1980 nasciam em média 55 bezerros para cada 100 matrizes, alcançando em torno de 60 por 100 vacas em 2006. Já nas fazendas pantaneiras, esses índices passaram de 41 em 1980 para 47 por 100 matrizes no final do período analisado. Quanto ao desempenho da produção de abate, houve um incremento acelerado na oferta de animais para os frigoríficos, elevando as taxas de abates. Este avanço possibilitou ao produtor um ganho de aproximadamente 8,5 meses, reduzindo o prazo médio de apronte de um animal, que era de 45 a 48 meses, para menos 36 meses, refletindo nas taxas de abate, que eram de 9,7% em 1980, para 21,12% em 2013 em relação ao rebanho estimado em 21.047.274 de cabeças.

TABELA 4.15 – REBANHO BOVINO, ANIMAIS ABATIDOS E TAXA DE ABATE EM ANOS CENSITÁRIOS E ESTIMATIVA – 1980/2013

ANOS	REBANHO BOVINO	ABATES (cabeças)	TAXAS DE ABATE (%)
1980	11.862.907	1.155.000	9,73
1985	15.017.906	1.625.017	10,82
1996	19.754.356	3.873.496	19,61
1998	21.421.567	3.622.747	16,57
2000	22.205.408	3.398.928	15,31
2001	22.619.950	3.883.602	17,17
2002	23.168.235	4.042.093	17,45
2003	24.983.821	3.952.486	15,82
2004	24.715.372	4.569.751	18,49
2005	24.504.098	4.741.148	19,35
2006	23.726.290	4.839.332	20,40
2007	21.832.001	4.524.230	20,72
2008	22.365.219	3.884.705	17,37
2009	22.325.663	4.140.900	18,55
2010	22.354.077	3.907.324	17,48
2011	21.553.851	3.717.456	17,25
2012	21.498.382	4.419.974	20,56
2013	21.047.274	4.446.054	21,12

FONTES: Censo Agropecuário/IBGE, PAM/IBGE, DFA, IAGRO, SEMAC

Ao considerar a área total ocupada em pastagem no Estado de 21.055.122 ha, segundo o Censo Agropecuário de 2006 e rebanho considerado na série acima, a pecuária bovina apresentava uma densidade geral de 1,12 cabeças por há no estado. Essa densidade chega a 1,43 quando se exclui o Pantanal e a 1,6 quando se considera somente pastagem plantada de 14.834.578 ha. Analisando isoladamente o Pantanal, constituído pelas MRG de Aquidauana e Baixo Pantanal, com 6.321.279 ha de pastagem, sendo 66,5% natural contra 13,7% no Planalto, aquela região de planície apresenta uma densidade de aproximadamente 0,70 animais por ha, resultado de uma pecuária desenvolvida em condições muito mais extensivas em pastagem natural, com propriedades, na sua maioria, de grandes áreas, enfrentado todas as condições adversas de clima e manejo, como enchentes, focos de incêndios, entre outros.

Regionalmente, a pecuária bovina não apresenta concentração expressiva de rebanhos. A MRG com maior participação não supera os 14,9% do rebanho estadual, o que demonstra a importância dessa atividade em todo o Estado. Apenas a MRG de Cassilândia apresentou em 2013 um plantel inferior a um milhão de cabeças, conforme tabela 4.16. As MRG com maior expressão na pecuária sul-mato-grossense, segundo dados da PPM de 2013, são: a MRG de Três Lagoas com 3.130.559 de cabeças (14,9%), a MRG do Alto Taquari com 2.713.515 de cabeças (12,9%) e a MGR do Baixo Pantanal com 2.538.956 de cabeças (12,1%). Destaca-se também, a região Centro-Sul constituída pelas MRG de Dourados e Campo Grande, que concentra um rebanho bovino de 3.697.408 cabeças (17,6%) dentro do estado. (tab 4.16)

TABELA 4.16 – REBANHO BOVINO DO ESTADO DE MS, SEGUNDO AS MRG – 1980 – 2013

MRG	1980	1985	1996	2000	2002	2003	2004
Baixo Pantanal	1.996.008	1.891.288	2.101.917	2.116.520	2.208.147	2.537.412	2.605.911
Aquidauana	961.271	995.810	1.129.157	1.356.039	1.417.583	1.629.925	1.552.690
Alto Taquari	899.619	1.324.452	2.250.232	2.571.691	2.703.234	3.034.645	3.089.715
Campo Grande	1.069.223	1.491.274	1.863.675	2.093.678	2.194.721	2.367.430	2.381.050
Cassilândia	139.565	381.459	765.114	873.355	903.072	972.698	937.125
Paranaíba	864.983	1.294.114	1.373.006	1.537.550	1.589.126	1.670.021	1.626.058
Três Lagoas	1.076.999	1.703.209	3.279.927	3.851.369	4.000.997	4.277.194	4.303.595
Nova Andradina	642.520	793.421	1.083.496	1.191.380	1.268.776	1.383.240	1.354.855
Bodoquena	820.897	1.139.661	1.461.324	1.652.419	1.745.868	1.988.850	1.996.306
Dourados	2.069.168	2.346.792	2.422.789	2.687.886	2.787.833	2.668.383	2.529.280
Iguatemi	1.322.654	1.656.426	2.023.719	2.273.521	2.348.878	2.454.023	2.338.787
Total	11.862.907	15.017.906	19.754.356	22.205.408	23.168.235	24.983.821	24.715.372
MRG	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2013
Baixo Pantanal	2.678.295	2.712.980	2.494.596	2.601.255	2.806.032	2.638.251	2.538.956
Aquidauana	1.730.199	1.736.288	1.678.057	1.606.682	1.658.756	1.688.354	1.633.462
Alto Taquari	3.105.292	2.809.516	2.655.918	2.672.753	2.638.440	2.725.610	2.713.515
Campo Grande	2.370.236	2.259.383	1.981.233	2.041.405	2.093.702	2.138.414	1.992.370
Cassilândia	900.407	874.762	794.460	779.757	741.858	733.818	853.890
Paranaíba	1.601.478	1.539.318	1.438.695	1.400.905	1.365.940	1.388.891	1.335.693
Três Lagoas	4.228.403	4.061.283	3.657.187	3.703.465	3.645.140	3.705.270	3.130.559
Nova Andradina	1.330.690	1.248.944	1.177.105	1.221.757	1.202.083	1.194.509	1.171.378
Bodoquena	2.009.841	1.947.759	1.825.691	1.969.197	1.978.614	1.988.543	2.008.154
Dourados	2.448.109	2.445.605	2.147.979	2.235.393	2.145.054	2.090.016	1.705.038
Iguatemi	2.101.148	2.090.452	1.981.080	2.132.650	2.050.044	2.062.401	1.964.259
Total	24.504.098	23.726.290	21.832.001	22.365.219	22.325.663	22.354.077	21.047.274

FONTE: Censo Agropecuário/IBGE, Pesquisa da Pecuária Municipal – PPM/IBGE

Pecuária Leiteira

A pecuária leiteira de Mato Grosso do Sul, ainda em processo de desenvolvimento, representa, na sua grande parte, papel de atividade complementar à pecuária de corte. Os resultados do último Censo Agropecuário, que foi a campo em 2006, demonstraram que as MRGs de Iguatemi, Dourados e Paranaíba, juntas, respondiam naquele ano por 52,7% da produção estadual de leite, com destaque para os municípios de: Paranaíba com 25.637.000 litros; Aparecida do Taboado com 17.063.000 litros; Itaquiraí com 13.423.000 litros; Glória de Dourados com 11.772.000 litros e o Município de Ponta Porã com 11.209.000 litros, conforme demonstra a tabela 4.17.

TABELA 4.17 – PRODUÇÃO DE LEITE, SEGUNDO AS MRG E MUNICÍPIOS DE DESTAQUE EM MS - 2006

MRG	VACAS ORDENHADAS	PROD. LEITE (mil/l)	PART. (%)	MUNICÍPIO DE DESTAQUE	VACAS ORDENHADAS	PROD. LEITE (mil/l)
Alto Taquari	21.117	22.361	6,03	Paranaíba	19.441	25.637
Aquidauana	11.581	12.206	3,29	Aparecida do Taboado	11.258	17.063
B. Pantanal	6.867	5.471	1,48	Itaquiraí	9.839	13.423
Bodoquena	18.430	18.245	4,92	Nova Andradina	11.545	12.731
C. Grande	41.686	48.070	12,97	Sidrolândia	9.809	11.949
Cassilândia	12.147	16.528	4,46	Gloria de Dourados	5.907	11.772
Dourados	46.936	62.361	16,82	Ponta Porã	8.207	11.209
Iguatemi	58.709	83.427	22,51	Ivinhema	6.140	9.505
N. Andradina	27.736	34.106	9,20	Dourados	7.740	9.390
Paranaíba	35.736	49.557	13,37	Costa Rica	6.000	8.916
Três Lagoas	16.003	18.355	4,95	Novo Horizonte do Sul	5.401	8.196
Total	296.948	370.686	100,00		101.287	139.791

FONTE: Censo Agropecuário – IBGE.

No ano de 2013, a PPM apontou uma produção de 529.651.000 litros de leite em Mato Grosso do Sul, correspondendo 1,53% da produção brasileira, sendo ordenhadas 523.346 vacas, o que dá uma produtividade de 988 litros por vaca a.a. ou 2,84 litros por vaca ordenhada ao dia considerando um ano de 360 dias, resultado este que está abaixo do obtido para o Brasil, de 4,14 litros por vaca ao dia e, aproximadamente 55,6,0% abaixo da média do Estado de Minas Gerais, maior produtor de leite do país com 4,42 litros por vaca ao dia. Em 2013, a pecuária leiteira mineira produziu 9.309.165.000 litros, o que representa 27,2% da produção nacional.

Segundo a última pesquisa da PPM, a maior bacia leiteira do Estado de Mato Grosso do Sul em nível regional se localiza na MRG de Iguatemi, que foi responsável por 19,7% do volume produzido, tendo no município de Itaquiraí o maior produtor com 16.750.000 litros em 2013. No entanto, o Município de Paranaíba na MRG que leva o mesmo nome, detém a maior bacia leiteira municipal, produzindo naquele ano um volume de 33.644.000 litros. O conjunto das MRG de Campo Grande, Iguatemi, Dourados e Paranaíba com uma produção total de 322.893.000 de litros foram responsáveis por 61,7% da oferta estadual desse produto.

TABELA 4.18 – PRODUÇÃO DE LEITE, SEGUNDO AS MRG E MUNICÍPIOS DE DESTAQUE EM MS - 2013

MRG	VACAS ORDENHADAS	PROD. LEITE (mil/l)	PART. (%)	MUNICÍPIOS DE DESTAQUE	VACAS ORDENHADAS	PROD. LEITE (mil/l)
Baixo Pantanal	20.136	14.392	2,75	Paranaíba - MS	30.576	30.644
Aquidauana	17.347	15.421	2,95	Campo Grande - MS	22.041	22.870
Alto Taquari	56.915	52.985	10,12	Itaquiraí - MS	20.680	16.750
Campo Grande	95.959	94.079	17,98	Bandeirantes - MS	17.602	17.991
Cassilândia	23.275	21.519	4,11	Camapuã - MS	16.098	14.686
Paranaíba	60.375	58.644	11,21	Dourados - MS	15.472	17.546
Três Lagoas	36.693	30.960	5,92	Nova Andradina - MS	14.485	15.180
Nova Andradina	36.687	39.535	7,55	Sidrolândia - MS	14.364	13.457
Bodoquena	27.603	25.641	4,90	Corumbá - MS	13.835	9.761
Dourados	60.392	67.115	12,82	Aparecida do Taboado - MS	13.735	13.046
Iguatemi	94.269	103.055	19,69	Três Lagoas - MS	11.728	10.123
Total	529.651	523.346	100		190.616	182.054

FONTE: Pesquisa da Pecuária Municipal – PPM/IBGE

Criação de Pequenos Animais

A produção de pequenos animais tem destaque principalmente a avicultura de corte a partir de 1991 e suinocultura a partir de 1993. Atualmente os principais aviários estão localizados nas MRG de Dourados e Campo Grande, que juntas detêm 72,9% do rebanho de aves no Estado. A suinocultura de corte também aparece com destaque, com um rebanho de 1.159.632 cabeças concentrado principalmente nas MRG de Dourados, Iguatemi e Alto Taquari, com mais de 67,9% da criação. Ainda tem expressão a ovinocultura, com um rebanho estimado em 500.509 animais, com destaque para as MRG de Bodoquena com 65.592 cabeças e Dourados com 91.501 ovinos em 2013.

Ainda na atividade voltada para pequenos animais, destaca-se a criação do bicho-da-seda, com 100,016 kg de casulos em 2013, concentrado principalmente na MRG de Iguatemi com 90,0% da produção estadual. Os municípios de Itaquiraí com 42.449 kg, Novo Horizonte do Sul com 18.592 kg e Glória de Dourados, que alcançou 14.554 kg, se apresentam como os maiores produtores de casulo no Estado. Ressalta-se também a criação de colmeias, produzindo 769.261 kg de mel, localizadas principalmente nas MRG de Dourados com 169.485 kg, Iguatemi com 122.400 kg e Três Lagoas com 111.000 kg, conforme tabela 4.19.

TABELA 4.19 – REBANHO DE AVES, SUÍNOS, OVINOS, BICHO-DA-SEDA E COLMÉIAS, SEGUNDO AS MRG - 2013

MRG	AVES	SUÍNOS	OVINOS	CAPRINOS	CASULOS (kg)	MEL (kg)
B. Pantanal	96.677	18.688	35.649	4.496	0	12.193
Aquidauana	843.991	17.794	28.135	1.883	0	29.848
Alto Taquari	382.105	228.638	51.801	3.699	0	40.490
C. Grande	9.242.551	107.161	48.684	5.846	0	27.035
Cassilândia	322.301	24.340	21.295	969	0	117.725
Paranaíba	1.031.590	31.104	28.706	2.002	0	39.859
Três Lagoas	413.000	123.560	52.933	2.911	0	111.000
N. Andradina	71.316	15.917	24.321	1.634	0	22.500
Bodoquena	339.282	33.958	65.592	4.931	0	76.726
Dourados	8.578.955	267.221	91.501	4.129	9.985	169.485
Iguatemi	3.136.589	291.251	51.892	3.739	90.031	122.400
Total	24.458.357	1.159.632	500.509	36.239	100.016	769.261

FONTE: Pesquisa da Pecuária Municipal – PPM/IBGE

Produção de Origem Animal

Destaca-se na atividade pecuária de MS, como principal produto de origem, a produção de carne, que vem se expandindo rapidamente ao longo dos anos, conforme a tabela 4.20, que mostra a evolução de abates de bovinos, aves e suínos. A pecuária bovina de corte do Estado nos últimos dez anos, 2003 a 2013 vem oscilando a sua produção de abates, no entanto se mantém próximo dos quatro milhões de animais abatidos, chegando a uma taxa de abate de 21,1% e aumento de 13,5% na média de abates a.a., passando de 3,9 milhões de cabeças abatidas em 2003 para 4,4 milhões em 2013, o que gera um aumento de aproximadamente 494 mil animais abatidos se comparado com os resultados obtidos em 2003. Tem evoluído significativamente o percentual de animais que são abatidos dentro do Estado, em 1993, aproximadamente 37% do gado gordo produzido era enviados em pé para frigoríficos de estados vizinhos, já em 2013 esse percentual se reduz a 7,8%.

Os números de abates bovino apresentados na tabela 4.21, mostram uma tendência de crescimento nos dois últimos anos, com elevação na taxa de desfrute de 17,25% em 2011 para 21,12% em 2013.

Ainda na atividade pecuária bovina, destaca-se a produção de couro que acompanha a evolução dos abates com inspeção e os abates feitos nas propriedades, além da produção de leite. Já na avicultura, ressalta-se a produção de 41.795.000 dúzias de ovos de galinha, localizada principalmente nos município de Terenos, que respondeu por 49,3% e Sidrolândia com 12,7% daquele volume no ano de 2013.

TABELA 4.20 – EVOLUÇÃO DE ABATES - 1980-2013 (cabeças)

ANOS	BOVINOS/BUBALINOS	AVES	SUÍNO
1980	1.155.000	-	-
1985	1.625.017	-	-
1990	2.189.792	536.707	-
1991	2.514.142	3.982.218	-
1992	2.627.928	7.437.702	-
1993	2.660.692	17.810.331	-
1994	2.896.622	36.664.561	193.218
1995	3.285.647	50.635.454	320.697
1996	3.873.496	60.308.003	408.584
1997	3.711.531	75.112.078	503.256
1998	3.613.907	85.796.742	528.084
1999	3.196.865	89.693.090	602.770
2000	3.453.763	98.721.009	704.595
2001	3.883.602	110.846.794	832.745
2002	4.042.093	112.666.651	1.013.948
2003	3.952.486	114.676.740	836.348
2004	4.562.187	118.379.362	704.217
2005	4.741.148	122.554.772	716.843
2006	4.839.332	109.219.813	687.177
2007	4.524.230	125.370.716	785.884
2008	3.884.705	133.512.099	831.310
2009	4.140.772	128.515.329	883.916
2010	3.907.324	146.107.099	954.985
2011	3.717.456	146.151.868	1.082.633
2012	4.419.974	140.839.768	1.208.521
2013	4.446.054	153.503.129	1.214.150

FONTE: DFA, IAGRO, BDE/SEMAC

TABELA 4.21 – EFETIVO BOVINO E ABATE – 1980 – 2013 (cabeças)

ANOS	EFETIVO BOVINO	ABATE	TAXA DE ABATE (%)
1980	11.904.494	1.155.000	9,7
1985	14.991.356	1.625.017	10,8
1990	19.163.736	2.189.792	11,5
1991	19.542.644	2.514.142	12,9
1992	20.394.609	2.627.928	12,9
1993	21.800.445	2.660.692	12,2
1994	22.244.427	2.896.622	13,0
1995	22.292.330	3.285.647	14,7
1996	20.755.727	3.873.496	18,6
1997	20.982.933	3.711.531	17,7
1998	21.421.567	3.613.907	16,9
1999	21.576.384	3.196.865	14,8
2000	22.205.408	3.398.928	15,3
2001	22.619.950	3.883.602	17,2
2002	23.168.235	4.042.093	17,4
2003	24.983.821	3.952.486	15,8
2004	24.715.372	4.562.187	18,5
2005	24.504.098	4.741.148	19,35
2006	20.379.721	4.839.332	20,40
2007	21.832.001	4.524.230	20,72
2008	22.365.219	3.884.705	17,37
2009	22.325.663	4.140.772	18,55
2010	22.354.077	3.907.324	17,48
2011	21.553.851	3.717.456	17,25
2012	21.498.382	4.419.974	20,56
2013	21.047.274	4.446.054	21,12

FONTE: Pesquisa Anual de Pecuária Municipal-PPM / IBGE, DFA, IAGRO, SEMAC/MS

A pecuária bovina está distribuída por todos os municípios do Estado, onde o maior número de municípios, 37 ao todo, detém um rebanho inferior a 200.000 cabeças. Os maiores rebanhos estão em 10 municípios, os quais detêm mais de 500.000 bovinos em seus territórios, 32 municípios estão nas faixas de 200.001 a menos de 500.000 animais, conforme a figura 4.1.

FIGURA 4.1 - MATO GROSSO DO SUL / DISTRIBUIÇÃO DO REBANHO BOVINO 2013



4.2. SETOR SECUNDÁRIO

A economia sul-mato-grossense vem diversificando a sua base econômica, o Estado se caracteriza pelo grande potencial no fornecimento de matérias-primas para a agroindústria, tanto no segmento da vegetal bem como animal, além de suas enormes reservas minerais ainda a serem exploradas. Considerando este grande potencial existente, tanto para a diversificação da base econômica, como para a agregação de valores à sua produção, o Mato Grosso do Sul vem desenvolvendo ações para acelerar o seu processo de industrialização, modernizando e diversificando a logística de transportes, oferecendo ao investidor benefícios fiscais constitucionalmente autorizados, direcionando recursos do Fundo Constitucional do Centro-Oeste para investimentos privados no setor, além de desenvolver políticas para a qualificação de mão de obra direcionada ao atendimento dos segmentos em expansão.

4.2.1 - PRODUTO INTERNO BRUTO

A atividade industrial ainda se encontra em fase de expansão e consolidação dentro da economia do Estado. Isto pode ser observado principalmente quando comparada à participação da indústria de transformação na composição do Produto Interno Bruto-PIB/MS – por ser este segmento voltado para o beneficiamento da produção primária, que vem da cadeia dos complexos de grãos, carnes, leite e demais produtos agropecuários e derivados, além do complexo mineral localizado principalmente em Corumbá.

O setor secundário como um todo representa 21,69% na formação de renda no Estado, Segundo resultados obtidos no PIB/MS de 2012, a indústria de transformação corresponde a 11,73%, a construção civil representa 6,39% e os demais segmentos 3,57%. A maior contribuição para a economia é dada pelo setor terciário, constituído pelo comércio e atividades de serviços.

TABELA 4.26 – PARTIC. (%) DOS SETORES DE ATIVIDADES NO TOTAL DO PIB A CUSTO DE FATORES – 2002 - 2012

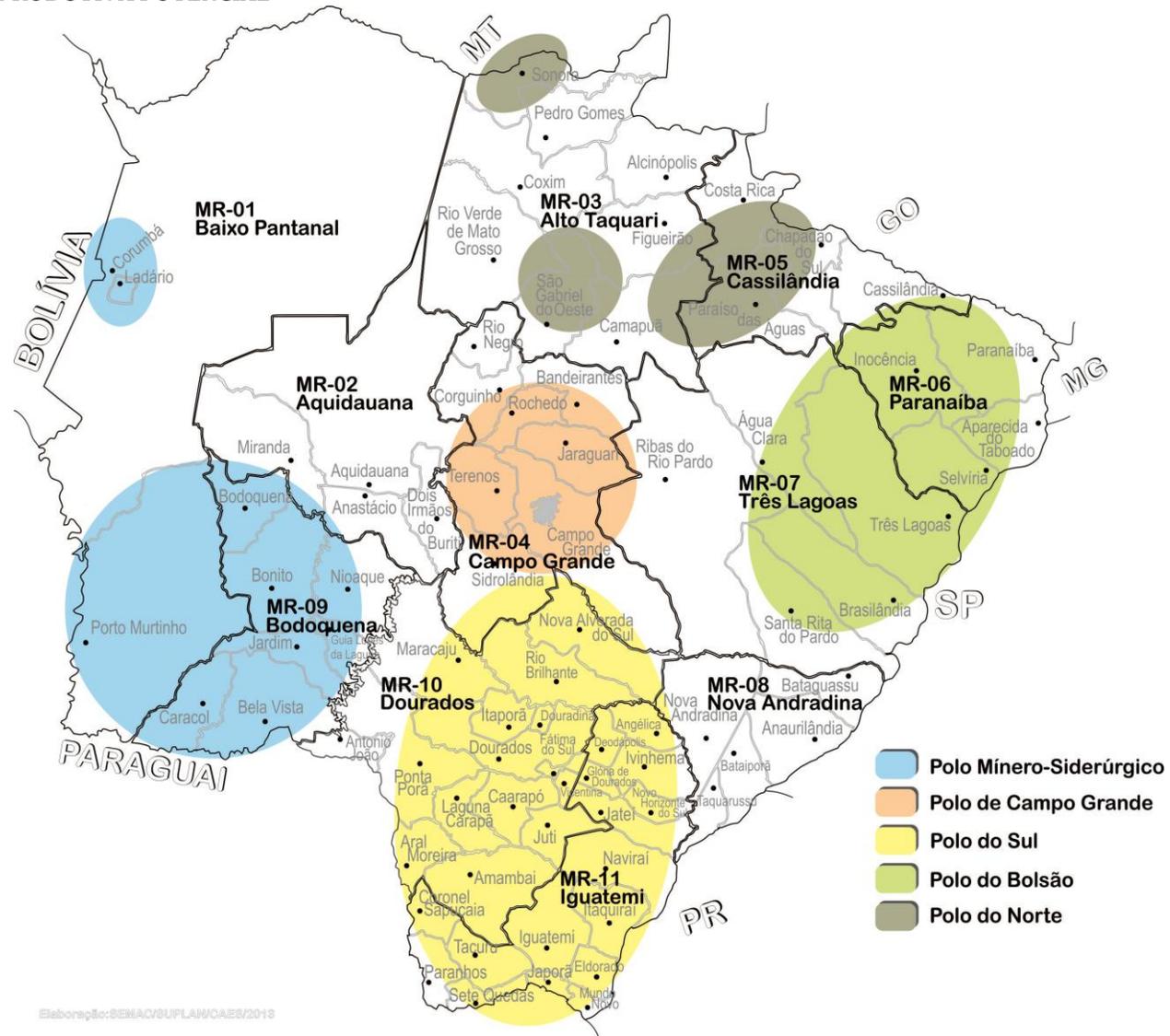
ANOS	SETOR PRIMÁRIO	INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	OUTRAS ATIVIDADES INDUSTRIAIS ⁽¹⁾	SETOR TERCIÁRIO
2002	22,31	7,79	8,92	60,99
2003	24,72	8,72	6,97	59,58
2004	20,93	9,96	9,25	59,86
2005	15,45	8,52	8,72	67,31
2006	14,53	9,12	9,33	67,01
2007	15,80	8,16	8,52	67,52
2008	16,60	8,36	9,28	65,76
2009	15,53	9,02	9,46	65,99
2010	15,45	11,58	10,57	62,40
2011	14,04	11,98	10,84	63,14
2012	15,44	11,73	9,96	62,87

FONTE: SEMAC/MS

(1) Inclui-se a indústria da construção civil, a indústria de utilidade pública e extrativa mineral.

Os dados apresentados na tabela acima mostram a composição setorial nas Contas de Produção da economia estadual obtidos na série histórica do PIB/MS entre 2002/12. O setor secundário aumenta a sua participação na formação da riqueza do Estado, passando de 16,71 em 2002 para 21,69% em 2012. Esse ganho de peso é resultado do avanço desse segmento na economia estadual. A atividade industrial do Estado tem maior peso no processamento de alimentos e bebidas, que representa o maior foco dentro do processo de agregação de valores à produção básica do Estado, alcançando em 2012 uma representatividade de 42,0 % no total da indústria de transformação.

FIGURA 4.2 - SITUAÇÃO PRODUTIVA POTENCIAL



POLO MINERO-SIDERÚRGICO

Setor Sudoeste – Agroindústria frigorífica e láctea; indústria de: calcário dolomítico, turismo e pesca; extração de rochas ornamentais; indústria de cerâmica; indústria de artefatos de cimento. Na área que compreende a região de Corumbá ocorrem agroindústria frigorífica e laticínios; indústria minero-siderúrgica, cimento e calcário; de turismo ecológico e de pesca e indústria de refrigerantes.

POLO DE CAMPO GRANDE

Agroindústria frigorífica e laticínios; indústria de alimentos, têxtil e confecções; metalúrgica; de material plástico; curtumes; moagem de soja (farelo e óleo) refinada; beneficiadora de arroz; gráfica; bens de capital e bebidas e refrigerantes; compensados e chapas de madeiras; turismo de eventos; ração animal; sementes de pastagens e cereais; embalagens e indústria de café.

POLO DO SUL

Agroindústria frigorífica e laticínios; indústria de alimentos, têxtil; e confecções; curtumes; moageria de soja (farelo e óleo bruto); bebidas; ração animal; sementes de pastagens e cereais; embalagem; erva-mate; fiação de algodão; açúcar e álcool; beneficiamento de trigo; gráfica e indústria de pescado; indústria de biodiesel.

POLO DO BOLSÃO

Agroindústria frigorífica e laticínios; indústria de alimentos, têxtil e confecções; curtumes; moageria de soja (farelo e óleo bruto); embalagem; indústria de açúcar e álcool; beneficiamento de algodão; gráfica; indústria de pescado; derivados de plásticos; metalúrgica e siderurgia (ferro-gusa, alumínio e aço); indústria de madeira; turismo; indústria de calçados e indústria de café; indústria de papel e celulose.

POLO DO NORTE

Agroindústria frigorífica e laticínios; indústria de cerâmica; indústria de alimentos; beneficiadora de algodão; rações; metalúrgica; indústria de açúcar e álcool.

TABELA – 4.27 – COMPARATIVO DE CRESCIMENTO DO PIB GERAL E DO PIB INDUSTRIAL DO ESTADO DE MS (CRESCIMENTO AO ANO) – 2002-2012

ANOS	PIB GERAL/MS	PIB INDUSTRIAL/MS
2002	-	-
2003	7,62	6,68
2004	-1,28	5,13
2005	3,30	5,12
2006	5,16	3,80
2007	6,97	6,64
2008	6,36	12,41
2009	0,42	2,93
2010	11,01	14,61
2011	3,86	5,74
2012	7,79	8,87

FONTE: SEMAC/MS

Avaliando o comportamento das taxas de crescimento real do PIB/MS, observa-se que no período de 2002-2012 o desempenho do setor industrial vem ajudando a impulsionar o crescimento global da economia sul-mato-grossense, enquanto a economia geral cresceu a uma taxa média de 5,1% a.a., O setor industrial vem mostrando força com um crescimento superior, evoluindo a uma taxa média anual de 7,2%, ampliando sua capacidade de absorção da força de trabalho, demonstrado pela ampliação em 33,4% da PEA alocada nesse seguimento entre 2002, quando tinha 206.567 pessoas, e 2012 quando esse número alcança 275.637 pessoas (dados da PNAD). Já os dados da intermediação de emprego do MTE para 2010 mostram que a indústria admitiu naquele ano 102.732 pessoas contra 94.383 demissões, gerando um saldo líquido positivo de 7.989 empregos no Estado, saldo superior ao alcançado pelo comércio e a agropecuária que geram respectivamente 5.042 e 113 colocações líquidas em suas atividades.

4.2.2 - ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAIS

O setor industrial de Mato Grosso do Sul está direcionado para o beneficiamento de produtos vindos principalmente do setor agropecuário como grãos, algodão, carnes, leite, couro, cana, mandioca, minérios e madeiras.

O parque industrial do Estado é constituído basicamente por quatro polos em fase de expansão e consolidação que podem ser assim distribuídos: Polo de Campo Grande com segmentos industriais de frigoríficos, lácteos, farinhas, farelos e óleos, curtumes, indústrias de madeira, mobiliária, vestuário, etc., liderado pelos municípios de Campo Grande, Terenos e Sidrolândia; Polo de Dourados com indústrias de farelo e óleos vegetais, frigoríficos (carne bovina, aves e suínos), indústria do álcool e do açúcar, ervamate, têxtil, curtumes, beneficiamento de arroz, etc., destacando os municípios de Dourados, Fátima do Sul, Itaporã e Rio Brilhante; Pólo de Três Lagoas com indústria frigorífica, láctea, biscoitos, cerâmica, embalagens, álcool e açúcar, curtume, papel e celulose, indústrias de bebidas, siderurgia, madeira, etc., com maior expressão nos municípios de Três Lagoas, Paranaíba e Aparecida do Taboado, e Polo Industrial de Corumbá com indústria extrativa mineral, indústria de cimento, siderurgia, calcário, láctea, frigorífica e estaleiros, nos municípios de Corumbá e Ladário.

A política industrial está voltada para a implantação e expansão de unidades agroindustriais que utilizem como insumo básico carne, couro, leite, soja, cereais, cana-de-açúcar, madeira da silvicultura, plumas e outros, propiciando agregar mais valor à produção interna. O objetivo é diversificar a base econômica e promover o incremento da riqueza e renda estadual através do aumento do emprego e da arrecadação de impostos, buscando atrair investimentos de capital privado como forma de dinamizar a economia estadual.

Vale ressaltar as potencialidades minerais do Estado com enormes jazidas de ferro, calcário calcítico e dolomítico, manganês e mármore, entre outros. Ainda em fase inicial de exploração, este segmento industrial está localizado principalmente nos municípios de Corumbá e Ladário onde se destacam os segmentos de extração e beneficiamento de ferro, manganês e calcário, em Bodoquena com indústria de cimento e Ribas do Rio Pardo com uma indústria de produção de ferro gusa.

TABELA 4.28 – DINÂMICA DOS SETORES INDUSTRIAIS NA COMPOSIÇÃO DO PIB/MS – 2002-2012

SETOR DE ATIVIDADE	PARTICIPAÇÃO RELATIVA (%)										
	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Total da Indústria	16,71	15,70	19,21	17,24	18,46	16,68	17,64	18,48	22,15	22,82	21,69
Extrativa Mineral	0,47	0,41	0,24	0,45	0,60	0,36	1,17	0,44	1,25	1,02	0,84
Transformação	7,79	8,72	9,96	8,52	9,12	8,16	8,36	9,02	11,58	11,98	11,73
Construção Civil	6,57	4,29	5,94	5,21	5,66	5,89	5,93	6,20	6,42	6,90	6,39
Serviços Industriais de Utilidade Pública – SIUP	1,88	2,27	3,07	3,06	3,07	2,28	2,18	2,82	2,90	2,92	2,73

FONTE: PIB-MS/SEMACE-MS

O crescimento da indústria tem como carro-chefe a agroindústria de transformação, onde se destaca a cadeia de frigoríficos com 34 unidades industriais, sendo que em 2012 somente 29 unidades operaram segundo o Serviço de Inspeção Federal - SIF da Superintendência Federal de Agricultura - SFA, a rede frigorífica estadual esta voltados basicamente para o beneficiamento e exportação de carne bovina, que somam uma capacidade instalada de aproximadamente 16.000 cabeças/dia, somando a isso, mais 2 unidades frigoríficas com produção média de abates estimada em 4.336 suínos por dia com SIF/DFA, este segmento está ampliando suas instalações. No setor avícola, o Estado conta com 5 unidades frigoríficas que juntas detêm uma capacidade para abater mais de 522.000 aves em um dia considerando 270 de operação por ano, também operam com SIF Federal.

Ainda na indústria da carne, o Estado conta com uma rede de 19 pequenas unidades frigoríficas que juntas têm uma capacidade para abate de em torno de 200.000 bovinos e bubalinos ao ano, que atuam sob inspeção estadual – SIE/MS e atendem o mercado interno. Contando, ainda no setor da suinocultura, com 07 pequenas unidades sob inspeção do Departamento de Inspeção e Defesa Agropecuária de MS – IAGRO. Algumas destas unidades com controle estadual são mistas, operando com bovinos e suínos.

No setor de lácteo, o Estado possui aproximadamente 70 unidades industriais, entre laticínios e usinas de beneficiamento que operam sob inspeção federal e estadual. Processam aproximadamente 190 milhões de litros de leite/ano. Os principais núcleos deste segmento estão localizados nas regiões de Campo Grande, Dourados, Paranaíba e São Gabriel do Oeste.

Na industrialização da mandioca, Mato Grosso do Sul conta com 15 indústrias de fécula e farinhas que em 2011 produziu aproximadamente 88.536 t de amido de mandioca, sendo o Estado o segundo maior produtor desse subproduto da mandioca, depois do Paraná. Algumas fecularias estão diversificando, passando a produzir amido de milho.

Ainda se destacam as sete unidades industriais de soja com capacidade de processamento em torno de 10.790 t/dia, o que possibilita beneficiar mais de 2.500.000 t de soja/ano segundo a Associação Brasileira da Indústria de Óleos Vegetais. Possui ainda, 23 usinas de destilaria de açúcar e álcool, cuja produção na safra 2012/2013 foi da ordem de 1.910.298 m³ de álcool e 1.741.908 t de açúcar.

Outro segmento industrial do Estado com potencial de crescimento é o setor da indústria do couro, considerando que sejam abatidas internamente 3.350.000 cabeças/a.a., e que cada animal produza um couro, daria aproximadamente uma oferta de 12.400.000 peças por dia considerando 270 dias de operação. O Estado conta com 10 unidades industriais de beneficiamento do couro até a fase do *Wet-Blue*. O couro beneficiado no Estado é praticamente todo exportado para a indústria do couro de São Paulo e Rio Grande do Sul e/ou enviado para mercados externos, como China e Itália.

Segundo os dados fornecidos pelo cadastro da Secretaria de Estado de Fazenda, em 2012 a economia ligada ao setor industrial contava com 5.933 estabelecimentos, com destaque para as atividades da indústria de alimento, com 1.114 unidades, a indústria da construção civil com 814 empresas, confecção, vestuário e calçados com 705, e o segmento de minerais não metálicos, com 595 estabelecimentos de produção, conforme pode ser observado na tabela 4.29.

TABELA 4.29 – DISTRIBUIÇÃO DOS ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAIS, POR RAMO DE ATIVIDADE, SEGUNDO AS MRG – 2012

(continua)

MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS	TOTAL	BEBIDAS	CELULOSE, PAPEL E PRODUTOS DE PAPEL	COMBUSTÍVEIS E BIOCOMBUSTÍVEIS – FABRICAÇÃO DE ÁLCOOL	CONFEÇÃO DE VESTUÁRIO, CALÇADOS E OUTROS	CONSTRUÇÃO	IMPRESSÃO E REPRODUÇÃO DE GRAVAÇÕES	MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS	MÁQUINAS, APARELHOS E MATERIAIS ELÉTRICOS	METALURGIA	MINERAIS METÁLICOS	MINERAIS NÃO METÁLICOS
Bodoquena	183	2	0	0	18	16	11	1	1	18	0	31
Campo Grande	2.155	17	13	8	301	400	145	31	15	113	2	143
Cassilândia	214	1	0	4	16	22	13	0	0	26	0	25
Aquidauana	148	0	1	0	10	14	11	0	0	5	0	17
Iguatemi	566	1	8	9	102	47	28	10	0	43	0	54
Três Lagoas	614	6	20	1	36	74	20	8	7	46	1	89
Alto Taquari	307	2	2	1	25	42	9	3	0	24	0	58
Paranaíba	276	0	6	1	26	12	17	1	5	43	0	18
Baixo Pantanal	132	1	0	0	14	10	13	0	0	18	6	18
Dourados	1.073	5	6	20	125	157	64	33	3	77	0	110
Nova Andradina	265	0	3	5	32	20	10	4	4	24	0	32
Total	5.933	35	59	49	705	814	341	91	35	437	9	595

TABELA 4.29 – DISTRIBUIÇÃO DOS ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAIS, POR RAMO DE ATIVIDADE, SEGUNDO AS MRG – 2012

(conclusão)

MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS	MOBILIÁRIO	COUROS E SIMILARES	PRODUTOS ALIMENTÍCIOS	PRODUTOS DE BORRACHA E MATERIAL PLÁSTICO	PRODUTOS FARMOQUÍMICOS E FARMACÊUTICOS	PRODUÇÃO FLORESTAL – CARVÃO VEGETAL E OUTROS	PRODUÇÃO DE MADEIRA	PRODUTOS QUÍMICOS	PRODUTOS TÊXTEIS	VEÍCULOS AUTOMOTORES, REBOQUES E CARROCERIAS	DIVERSOS
Bodoquena	3	3	36	1	0	6	15	4	8	2	7
Campo Grande	116	42	381	66	4	11	73	52	41	14	167
Cassilândia	15	5	44	1	0	0	8	0	3	5	26
Aquidauana	7	2	44	0	0	6	24	0	2	1	4
Iguatemi	35	2	126	7	1	2	21	10	13	6	41
Três Lagoas	18	7	58	20	0	19	112	14	13	5	40
Alto Taquari	9	3	77	4	0	2	16	3	16	2	9
Paranaíba	14	15	62	11	0	2	16	4	7	4	12
Baixo Pantanal	3	2	30	2	0	3	4	0	1	3	4
Dourados	61	11	191	26	0	0	48	25	17	13	81
Nova Andradina	10	6	65	5	0	3	12	3	6	0	21
Total	291	98	1114	143	5	54	349	115	127	55	412

FONTE: Secretaria de Estado de Fazenda- SEFAZ/MS

ELABORAÇÃO: SEMAC/MS

4.2.3 - BIOENERGIA – SETOR SUCROALCOOLEIRO

O surgimento de novos modelos de energia dá-se, em especial, pelo desenvolvimento tecnológico e pela elevação dos preços do petróleo e seus derivados. A cotação desses combustíveis alcançou patamares que justificam a procura intensa de novas fontes de energia. Assim, é possível assistir o início do processo de mudança da matriz energética global.

A agricultura vem suprir essa procura através da produção em massa de oleaginosas, álcool e biomassa energética. Portanto, a mudança da matriz energética, não apenas diminui os impactos ambientais, como também gera trabalho no campo.

O Brasil possui uma soma de fatores que o tornam imbatível em potencial comparativo na produção agrícola, são eles: quase todos os climas; todos os tipos de solo e os maiores índices de insolação; possui a maior floresta natural; mais extensa área de fronteira agrícola a ser explorada e a maior reserva de água doce localizada em região compatível com agricultura intensiva, além de apresentar dimensões continentais com 8,5 milhões de quilômetros quadrados de superfície.

Álcool

O Brasil é o maior produtor mundial de cana-de-açúcar, cerca de 734 milhões de toneladas na safra 2011, de acordo com dados do IBGE. Nesse contexto, Mato Grosso do Sul aparece como 5º maior produtor no *ranking* dos maiores Estados produtores dessa cultura, com aproximadamente 35 milhões de toneladas. A produtividade média da cana, para o Estado de MS foi de 70 t/ha, baseada em dados da PAM/2011.

TABELA 4.30 – DADOS BÁSICOS DA CANA-DE-AÇÚCAR PARA O BRASIL E OS ESTADOS - 2011

BRASIL E UF's	ÁREA COLHIDA (ha)	PRODUÇÃO (t)	PRODUTIVIDADE (t/ha)	RANKING
Brasil	9.601.316	734.006.059	76,4	-
São Paulo	5.205.841	427.364.854	82,1	1º
Minas Gerais	831.329	67.732.138	81,5	2º
Paraná	697.541	54.903.085	78,7	3º
Goiás	641.765	44.907.862	70,0	4º
Mato Grosso do Sul	495.821	34.876.698	70,3	5º
Alagoas	434.684	29.257.108	67,3	6º
Pernambuco	341.023	19.332.281	56,7	7º
Mato Grosso	226.993	14.050.998	61,9	8º
Rio de Janeiro	116.171	6.992.412	60,2	9º
Bahia	118.097	6.417.385	54,3	10º
Paraíba	105.091	5.137.700	48,9	11º
Espírito Santo	76.488	4.682.285	61,2	12º
Rio Grande do Norte	59.462	3.581.848	60,2	13º
Maranhão	50.988	3.336.034	65,4	14º
Sergipe	48.565	2.673.211	55,0	15º
Ceará	41.370	2.209.852	53,4	16º
Rio Grande do Sul	25.524	2.164.861	84,8	17º
Piauí	32.693	1.384.967	42,4	18º
Tocantins	15.194	981.605	64,6	19º
Pará	12.592	715.152	56,8	20º
Santa Catarina	11.129	532.656	47,9	21º
Amazonas	5.082	302.895	59,6	22º
Rondônia	3.767	218.975	58,1	23º
Acre	2.654	179.044	67,5	24º
Distrito Federal	883	65.342	74,0	25º
Amapá	130	3.428	26,4	26º
Roraima	439	1.383	3,2	27º

FONTE: Pesquisa da Agricultura Municipal – PAM/IBGE

Existem pesquisas sendo desenvolvidas que visam gerar cultivares de cana viáveis em qualquer clima, resistentes a pragas, podendo sua produtividade chegar a 200 t/ha. Busca-se aumentar a produção com pequeno aumento da área cultivada, além de atingir 200 l de álcool por tonelada de cana, o que será possível aproveitando-se do álcool residual do bagaço e da palha. Atualmente, produz-se em torno de 90 l/t. O etanol possui um custo de produção baixo, que é fundamental na concorrência com o metanol, este último considerado tóxico, derivado do refino de petróleo e muito caro quando obtido de vegetais.

A produção de cana-de-açúcar no Estado de Mato Grosso do Sul, tabela 52, está concentrada basicamente em três MRG: a MRG Dourados, a MRG de Iguatemi e MRG de Nova Andradina, que juntas respondem por 80,2% da produção estadual, com destaque para a MRG de Dourados que em 2011 respondeu por mais da metade da produção de cana-de-açúcar do Estado (52,6%), com mais de 18,3 milhões de toneladas, tendo como destaque o Município de Rio Brillhante, atingindo uma produção de aproximadamente 5,34 milhões de toneladas, representando aproximadamente um quinto da produção estadual e sendo responsável por mais de 29,1% da produção de cana dentro da sua MRG.

TABELA 4.31 – PRODUÇÃO DE CANA-DE-AÇÚCAR NO ESTADO DE MS, SEGUNDO AS MRG - 2011

MRG	QUANTIDADE PRODUZIDA (t)	PARTICIPAÇÃO (%)
MRG Dourados	18.361.366	52,65
MRG Iguatemi	6.872.423	19,70
MRG Nova Andradina	2.736.150	7,85
MRG Cassilândia	2.287.272	6,56
MRG Paranaíba	1.773.423	5,08
MRG Campo Grande	1.615.864	4,63
MRG Alto Taquari	871.665	2,50
MRG Três Lagoas	330.663	0,95
MRG Aquidauana	12.552	0,04
MRG Bodoquena	12.520	0,04
MRG Baixo Pantanal	2.800	0,01
Total	34.876.698	100,0

FONTE: Pesquisa da Agricultura Municipal–PAM/IBGE

O setor sucroalcooleiro está presente na economia de Mato Grosso do Sul, voltado para a produção de álcool etanol e açúcar, contando atualmente com 23 unidades industriais em operação, tendo em 2011 sido moído aproximadamente 33,2 milhões de toneladas de cana-de-açúcar segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

As 23 usinas de álcool e açúcar em operação em se localizam em 18 municípios, grande parte situados na região centro-sul do Estado, com exceção de três unidades que estão localizadas nos municípios de Sonora, Aparecida do Taboado e Chapadão do Sul nas regiões Norte/Nordeste.

TABELA 4.32 – EVOLUÇÃO DO SETOR SUCROALCOOLEIRO NO ESTADO DE MS – 1996-2012

ANO	ÁREA COLHIDA DE CANA-DE-AÇÚCAR (ha)	QUANT. PRODUZIDA DE CANA-DE-AÇÚCAR (t)	PRODUÇÃO DE ÁLCOOL (m ³)	PRODUÇÃO DE AÇÚCAR (t)
1996	80.885	5.562.943	288.618	191.832
1997	82.007	5.390.083	393.445	170.222
1998	86.921	6.387.788	474.118	239.094
1999	93.672	6.959.048	390.884	345.915
2000	98.938	5.837.456	329.639	232.560
2001	99.673	7.556.956	400.809	344.093
2002	112.100	8.575.190	374.731	392.993
2003	120.534	9.030.833	480.571	414.071
2004	130.970	9.572.305	533.600	422.386
2005	136.803	9.513.818	495.591	402.009
2006	152.747	12.011.538	640.843	575.536
2007	191.577	15.839.993	876.774	616.170
2008	252.544	21.362.034	1.082.882	657.078
2009	285.993	25.228.392	1.190.733	715.637
2010	399.408	34.795.664	1.846.197	1.328.546
2011	495.821	34.876.698	1.589.966	1.581.491
2012	558.664	37.761.461	1.910.298	1.741.908

FONTE: PAM/IBGE, MAPA

Ainda segundo dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, o Mato Grosso do Sul foi em 2011 o 4º maior produtor nacional de álcool e o 6º estado produtor de açúcar, tendo uma participação de 7,2% e 4,4%, respectivamente, na produção nacional daqueles produtos derivados da cana.

Observando o comportamento do setor sucroalcooleiro no Estado de Mato Grosso do Sul, os dados demonstram que o setor evoluiu EM onze anos 2000/2011 com uma velocidade superior ao ocorrido no âmbito nacional, tendo o conjunto do Brasil ampliado em 114,12% a produção de álcool contra 382,33% no Estado, como mostra os resultados apontados na tabela 4.33.

TABELA 4.33 – VARIAÇÃO PERCENTUAL DO SETOR – 2000/2011

DISCRIMINAÇÃO	MATO GROSSO DO SUL (%)	BRASIL (%)
Produção de cana-de-açúcar	497,50	125,07
Produtividade média da cana (kg/ha)	19,22	12,64
Produção de álcool etanol	382,33	114,12
Produção de açúcar	580,00	120,99

FONTE: Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento/MAPA, IBGE, ÚNICA.

Em se mantendo esse ritmo de crescimento, nos próximos anos, Mato Grosso do Sul se transformará em um grande produtor e exportador de produtos energéticos, açúcar e álcool, devendo ter seu parque industrial de usinas ampliado para além das atuais 23 unidades. Estão em fase de instalação mais 12 usinas, o que possibilitará ao Estado chegar em 2015 a aproximadamente um milhão de hectares ocupada e produzindo 100 milhões de toneladas de cana-de-açúcar, podendo superar a casa dos cinco milhões de m³ de álcool ao ano.

O crescimento do setor sucroalcooleiro, observado nos últimos anos no Estado, e que deve continuar avançando com a implantação de novas indústrias de álcool e açúcar e ampliação da produção de cana-de-açúcar, não afetou a produção de alimentos no Estado de Mato Grosso do Sul, considerando que a área e a produção dos principais produtos agrícolas cresceram em níveis consideráveis no período de 2000/2011, tendo a produção obtido um aumento de 129,6% e a área colhida avançado em 68,3%. Em 2000 os principais alimentos agrícolas produziram 4.038.437 t contra 9.271.016 de t em 2011, considerando produtos como: arroz, feijão, milho, soja, sorgo e trigo. Mesmo se considerarmos um período mais recente, 2005/2011, esses mesmos produtos agrícolas ampliaram o volume produzido em 61,2%.

4.3. SETOR TERCIÁRIO

A expansão das atividades econômicas do Estado, de um modo geral – e em especial a agricultura, a agroindústria e o turismo – criaram as condições necessárias para o crescimento do setor terciário, constituído pelos ramos de comércio interno e externo e áreas de serviços – tanto de caráter público, para atendimento à população, como saúde, educação, etc., bem como os serviços mercantis de apoio às atividades econômicas, como transportes, comunicações e uma gama de serviços especializados e auxiliares em todos os segmentos econômicos.

4.3.1 - CRESCIMENTO DO SETOR

O setor terciário acumulou no período de 2002 a 2012 um crescimento de 56,36%, resultado de uma taxa média anual de 4,58% na avaliação do desempenho real do PIB. A expansão deste segmento reflete o grau de diversificação e modernização por que vem passando a economia de Mato Grosso do Sul, que através do avanço quantitativo e qualitativo do setor primário e ampliação de plantas indústrias e agroindustriais, que no seu conjunto estão voltadas principalmente para o mercado externo, vêm exigindo cada vez mais a existência de serviços que venham auxiliar no ganho de competitividade dos produtos exportados pelos empresários. O conjunto das atividades de comércio e serviços responde por 62,87% da geração de riqueza no Estado, conforme dados do PIB/MS de 2012, tendo contribuído com 78,37% do montante do ICMS em 2012.

Na área de geração de emprego e renda, este setor da economia é responsável, segundo dados da PNAD de 2012, pela ocupação de 66,1% da PEA/MS e, pelos dados do MTE, a atividade de comércio e serviços respondeu em 2012 por 52,63% da oferta de vagas para o trabalho formal no Estado e 66,68% da geração líquida de emprego.

TABELA 4.34 – PARTICIPAÇÃO (%) DO SETOR TERCIÁRIO NA RECEITA DE ICMS E NA PEA/MS – 1990 - 2011

ANO	CONTRIBUIÇÃO RECEITA DE ICMS	PARTICIPAÇÃO NA PEA
1990	64,60	59,6
1995	58,60	53,9
2000	76,30	-
2005	73,80	63,6
2006	75,30	62,2
2007	76,52	63,5
2008	76,78	62,0
2009	77,70	63,3
2010	78,27	62,6
2011	78,23	67,0
2012	78,37	

FONTE: SEF/MS, PNAD/IBGE e Censo Demográfico/IBGE
ELABORAÇÃO: SEMAC/MS

4.3.2 - COMÉRCIO

As atividades do setor estão voltadas principalmente para o comércio varejista, com mais de 39.212 estabelecimentos em 2012, predominantemente no ramo de produtos alimentícios, vestuários, comércio de veículos e de peças e acessório e material de construção, segmentos que respondem por 68,6% dos estabelecimentos comerciais de varejo.

As MRG de Campo Grande e Dourados detêm mais de 60,0% do total das empresas de comércio. O maior volume comercial concentra-se nos municípios de Campo Grande, Dourados, Ponta Porã e Três Lagoas. Esse segmento vem acompanhando o crescimento natural do Estado, em consonância com as necessidades de demandas nessa atividade, de intermediação entre o produtor e o mercado consumidor, concentrando 20,7% da oferta de emprego em 2012 em Mato Grosso do Sul e, aproximadamente 15,4% da geração de riqueza segundo dados do PIB/MS de 2010.

Segundo os dados da Secretaria Estadual de Fazenda – SEF/MS, em 2012 o número de empresas comerciais do Estado estavam concentradas principalmente nos ramos de: alimentação e vestuário, representando 53,0% dos estabelecimentos; comércio de veículos e acessórios pesando 10,4%, materiais de construção com 8,0% e comércio de mobiliários com 6,0%.

O setor comercial de MS apresentava, em 2012, um total de 41.378 estabelecimentos comerciais, sendo que 94,8% se concentram no ramo do comércio varejista, ligado principalmente, à atividade comercial de alimentação e vestuário, com 21.869 estabelecimentos, seguido pelo comércio de veículos, implementos, peças e acessórios com 4.306 unidades, conforme tabela 4.36.

Os ramos do comércio atacadista, representando 5,2% do universo dos estabelecimentos comerciais do Estado, segundo dados da SEF/MS, estão ligados principalmente a produtos alimentícios com 714 estabelecimentos, produtos diversos com 335, produtos farmacêuticos com 241 e produtos extrativos de origem vegetal com 163 unidades de comércio atacadista, conforme tabela 4.35.

TABELA 4.35 – DISTRIBUIÇÃO DOS ESTABELECEMENTOS ATACADISTAS POR RAMO DE ATIVIDADE, SEGUNDO AS MRG – 2012

(continua)

MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS	TOTAL	PRODUTOS ALIMENTÍCIOS	PROD. EXTRAÇÃO MINERAL - PEDRAS E CIMENTO	MADEIRA, CARVÃO, PROD. EXTRAÇÃO VEGETAL	MATERIAL CONSTRUÇÃO, FERRAGENS, PROD. METAL	MÁQUINAS, EQUIPAM. PARA IND. COM. E AGRICULT	MATERIAL ELÉTRICO, COMUNICAÇÃO E INFORMÁTICA	VEÍCULOS, PEÇAS E ACESSÓRIOS	MÓVEIS, ART. COLCHOARIA E TAPEÇARIA
Bodoquena	44	16	1	9	1	-	-	-	-
Campo Grande	876	275	3	20	50	39	21	73	12
Cassilândia	80	34	-	5	4	1	-	1	-
Aquidauana	31	13	-	1	2	-	-	1	-
Iguatemi	133	53	-	22	3	7	-	2	-
Três Lagoas	142	21	-	59	4	3	5	4	-
Alto Taquari	98	29	-	12	1	2	-	2	1
Paranaíba	57	20	-	3	3	3	1	2	1
Baixo Pantanal	70	23	3	2	5	-	1	2	-
Dourados	595	221	1	29	32	25	6	22	1
Nova Andradina	40	9	1	1	1	-	2	1	1
Total	2166	714	9	163	106	80	36	110	16

TABELA 4.35 – DISTRIBUIÇÃO DOS ESTABELECIMENTOS ATACADISTAS POR RAMO DE ATIVIDADE, SEGUNDO AS MRG – 2012

(conclusão)

MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS	LIVRARIA E PAPELARIA, JORNAL, REVISTA E DISCO	FARMACÊUTICOS, COSMÉTICOS E PROD. QUÍMICOS	COMBUSTÍVEIS E LUBRICANTES	TECIDOS, ARTEFATOS E FIOS TÊXTEIS	VESTUÁRIOS, CALÇADOS E ARMÁRINHOS	BEBIDAS E FUMO	SUCATAS E USADOS PARA RECUPERAÇÃO INDUSTRIAL	PRODUTOS DIVERSOS
Bodoquena	1	2	1	-	2	7	2	2
Campo Grande	5	121	35	7	32	29	21	133
Cassilândia	-	11	6	-	-	6	3	9
Aquidauana	-	1	1	-	1	6	2	3
Iguatemi	-	6	1	2	6	6	7	18
Três Lagoas	1	7	4	1	3	3	12	15
Alto Taquari	-	11	5	1	-	10	5	19
Paranaíba	-	5	3	-	3	6	3	4
Baixo Pantanal	1	2	3	-	1	5	6	16
Dourados	4	73	15	5	7	19	28	107
Nova Andradina	-	2	4	-	-	5	4	9
Total	12	241	78	16	55	102	93	335

FONTE: Secretaria de Estado de Fazenda - SEFAZ/MS
ELABORAÇÃO: SEMAC/MS

TABELA 4.36 – DISTRIBUIÇÃO DOS ESTABELECIMENTOS VAREJISTAS POR RAMO DE ATIVIDADE, SEGUNDO AS MRG - 2012

MRG	TOTAL	ALIMENT	VEST, OBJ E ART USO DOMÉST	MOBIL, AP, OBJ E ART USO DIVERSOS	MÁQ, EQUIP, ESCR INF E TEL	PROD QUÍM, FARM E MED	ART ESPORTES E LAZER	MAT PARA CONSTR EM GERAL	VEÍCULOS, PEÇAS E ACESS	PROD PARA LAVOURA E PECUÁRIA	LIVRE PAP, JORNAL, REVISTA E DISCO	COMB, LUBR E GLP	BEBIDAS E FUMO
Bodoquena	1.758	643	464	96	56	73	31	104	165	40	23	63	-
Campo Grande	16.272	4.374	4.296	1.076	1.125	900	242	1.277	1.622	479	312	569	-
Cassilândia	1.407	353	335	90	66	89	25	126	185	78	17	43	-
Aquidauana	1.126	360	262	61	36	58	26	94	119	23	21	66	-
Iguatemi	2.912	794	752	235	134	178	48	244	288	76	43	120	-
Três Lagoas	2.419	723	534	169	133	131	75	222	254	70	31	77	-
Alto Taquari	2.217	638	570	117	101	108	27	161	279	108	25	83	-
Paranaíba	1.353	406	319	79	65	93	30	107	157	40	22	35	-
Baixo Pantanal	1.248	551	287	48	43	78	13	63	90	24	20	31	-
Dourados	7.083	1.729	1.952	441	371	410	95	581	848	231	137	288	-
Nova Andradina	1.417	413	345	79	79	68	23	102	189	39	24	56	-
Total	39.212	10.984	10.116	2.491	2.209	2.186	635	3.081	4.196	1.208	675	1.431	0

FONTE: Secretaria de Estado de Fazenda - SEFAZ/MS
ELABORAÇÃO: SEMAC/MS

4.3.3 - EDUCAÇÃO

O atendimento aos serviços de educação no ensino básico no Estado de Mato Grosso do Sul está, na sua grande maioria, a cargo do poder público, que em 2012 respondia por mais de 88,7% da demanda por vagas. Dos 613.048 alunos matriculados, apenas 11,3% pertenciam à educação mercantil. O maior número de matrículas realizadas estava sob a dependência administrativa do poder público municipal, com 307.519 (50,2%), seguido pelas escolas estaduais, que matricularam 233.726 alunos, representando 38,1%. A rede federal matriculou 2.291 alunos, representando 0,37% do total.

Do contingente de alunos matriculados nas escolas do Estado, em 2012, 67,4% pertenciam ao ensino fundamental, alcançando 412.928 alunos, e 16,4% no ensino médio com 100.250 alunos.

TABELA 4.37 – ATENDIMENTO ESCOLAR – MATRÍCULAS POR DEPENDÊNCIA ADMINISTRATIVA - 2012

DISCRIMINAÇÃO	PARTICULAR	MUNICIPAL	FEDERAL	ESTADUAL	TOTAL
Educação Infantil	20.095	79.203	0	334	99.632
Ensino Fundamental	37.788	228.189	556	146.395	412.928
Ensino Médio	11.629	127	1.735	86.997	100.488
Total	69.512	307.519	2291	233.726	613.048

FONTE: SEE/ MS

No que se refere ao grau de alfabetização, vem alcançando ganho contínuo, demonstrado pelas avaliações das taxas de analfabetismo no Estado, que nos últimos 27 anos declinaram em 13,3% pontos percentuais, passando de 21,4% em 1985 para 8,06% em 2012, representando uma redução de 62,3% no coeficiente de analfabetos entre a população com mais de 5 anos de idade.

Embora o Estado tenha uma taxa menor que a apresentada pelo Brasil, de 9,92% em 2012, os dados da PNAD apontam que na média o coeficiente de analfabetos no país recuou 16,7% pontos percentuais em relação a 1985, enquanto que no Mato Grosso do Sul o recuo foi de 13,3%, demonstrando uma maior velocidade na redução do analfabetismo no Brasil para aqueles anos, dentro do universo populacional considerado, conforme dados da tabela 4.38.

TABELA 4.38 – EVOLUÇÃO DA TAXA DE ANALFABETISMO (%) EM MS E NO BRASIL – 1985-2012

ANOS	MATO GROSSO DO SUL	BRASIL
1985	21,36	26,59
1990	19,52	23,30
1995	15,50	18,97
2000	13,62	16,73
2005	11,38	13,17
2009	9,74	11,14
2010	8,69	10,92
2011	7,26	9,83
2012	8,06	9,92

FONTE: IBGE – Pesquisa Nacional por Amostragem/PNAD
NOTA: Dados para a população acima de 5 anos de idade.

Outro aspecto que se destaca é o crescimento apresentado no número de matrículas e de salas de aulas. Se considerarmos essa evolução desde 1980 até 2012, podemos observar que enquanto a quantidade de alunos matriculados cresceu 92,2% a oferta de novas salas ampliou em 228,4%. Em ambos os casos o maior crescimento se deu entre as décadas de 1980 e 1990 quando o contingente de alunos cresceu 82,7% e a quantidade de salas mais que triplicou, crescendo 173,0%. Esta fase é influenciada por um período de grande crescimento da economia estadual, com expansão de fronteiras econômicas, construção de estruturas de serviços como: saúde, educação, rede de armazenagem e abertura de rodovias e sofrendo impactos dos fluxos migratórios que para cá se deslocaram, principalmente durante a década de 1980.

Segundo o último Censo Demográfico, a taxa de analfabetos acima de 10 anos de idade, em 2010 no Mato Grosso do Sul era de 7,05% contra 9,02% no Brasil. No Mato Grosso do Sul segundo do Censo de 2010, 6,15% da população urbana era analfabeto e 12,67% dos residentes no meio rural não sabiam ler nem escrever.

O maior crescimento no número de salas de aulas expressa inicialmente, a necessidade de ampliar a oferta de vagas nas escolas, possibilitando aumentar os coeficientes da população escolarizada, mas também reflete a modernização das estruturas de apoio à educação e ampliação dos conceitos de educação escolar, oferecendo novas opções e alternativas de aprendizagem, o que vem requerendo que a rede escolar pública e privada, oportunize dentro de suas estruturas: centros de informática, salas de laboratórios, bibliotecas, salas de cursos especiais, salas de vídeos e outras atividades complementares, estimulando os jovens a virem para a escola, o que requer a expansão dos espaços físicos.

As redes de ensino particular e municipal foram as que tiveram os maiores aumentos de alunos matriculados, 96,7% e 251,8% respectivamente, bem como de salas de aula, 802,2% e 288,4% respectivamente, no período de 1980-2012, embora o maior aumento foi entre 1980 e 1995 conforme demonstram os dados das tabelas números 4.39 e 4.40. No que se refere ao atendimento à população estudantil, as escolas municipais foram as que mais ampliaram o atendimento relativo, evoluindo de um atendimento de 27,4% das matrículas ocorridas em 1980 para 50,2 % em 2012, atendendo assim um maior número de estudantes, 307.519, de um total de 613.048 alunos que frequentaram a sala de aula em Mato Grosso do Sul. A rede estadual, onde se encontram 38,1% do total de alunos, ainda é a que atende a maior parcela de estudantes no ensino médio 86,6% dos 100.488 alunos matriculados.

TABELA 4.39 - EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE MATRÍCULAS POR DEPENDÊNCIA ADMINISTRATIVA NO ENSINO INFANTIL, FUNDAMENTAL E MÉDIO - 1980-2012

ANOS	ESTADUAL	MUNICIPAL	FEDERAL	PARTICULAR	TOTAL
1980	194.718	87.417	1.420	35.340	318.895
1985	237.882	93.455	1.104	46.938	379.379
1990	290.003	123.652	1.386	64.774	479.815
1995	297.974	171.958	853	77.856	548.641
2000	296.987	214.549	993	70.099	582.628
2005	263.454	280.907	978	71.944	617.283
2010	241.344	304.039	1348	66.407	613.138
2011	238.492	306.224	2027	68.237	614.980
2012	233.726	307.519	2.291	69.512	613.048

FONTE: SEE/ MS

A rede física escolar no Estado, em 2012, contou com 17.037 salas de aula distribuídas em 1.646 escolas urbanas e rurais nos 78 municípios sul-mato-grossenses, conforme a tabela 4.40. Da oferta de salas, 73,3% são de responsabilidade do poder público, com 26,4% na rede estadual, e 46,4% sob responsabilidade municipal. A esfera federal representa apenas 0,53%.

TABELA 4.40 - NÚMERO DE SALAS DE AULA EXISTENTES POR DEPENDÊNCIA ADMINISTRATIVA - 1980-2012

ANO	FEDERAL	ESTADUAL	MUNICIPAL	PARTICULAR	TOTAL
1980	24	2.627	2.033	504	5.188
1985	18	3.044	2.276	1.018	6.356
1990	34	3.560	3.133	1.607	8.334
1995	25	4.116	4.061	2.476	10.678
2000	38	4.938	5.500	3.688	14.164
2005	38	5.029	6.698	4.271	16.036
2010	45	4.455	7.674	4.347	16.521
2011	76	4.526	7.794	4.424	16.820
2012	91	4.502	7.897	4.547	17.037

FONTE: SEE/ MS

Em 2012, a rede de ensino mantida pelo Governo do Estado contou com 361 escolas e 4.502 salas de aula, das quais 311 escolas urbanas e 50 escolas rurais. A educação da população estudantil rural é mantida basicamente pelas prefeituras municipais.

TABELA 4.41 – NÚMERO DE ESCOLAS EXISTENTES NO ESTADO DE MS - 2012

DEPENDÊNCIA ADMINISTRATIVA	URBANA	RURAL	TOTAL
Federal	6	2	8
Estadual	311	50	361
Municipal	694	179	873
Particular	397	7	404
Total	1.408	238	1.646

FONTE: SEE/ MS

No que se refere ao quadro de recursos humanos atuando em educação, em 2012, existiam 35.321 professores atuando na educação infantil, séries fundamentais e ensino médio, distribuídos por todas as redes de ensino do Estado. As escolas de responsabilidade dos municípios concentram a maior parcela, 15.921 docentes, o que representa 45,1% dos profissionais de educação atuando no Estado, já a rede de ensino particular contava com 15,9% do conjunto de docentes que atuavam no magistério, conforme tabela 4.42.

No confronto dos dados de docentes e alunos, em 2012 foram atendidos um total de 613.048 alunos, na pré-escola mais ensino fundamental e médio, o que nos dá uma média de 17,4 alunos por professor no conjunto das redes que trabalham na educação dos estudantes sul-mato-grossenses, tendo a rede federal apresentado a menor relação aluno/professor, 8,5 alunos matriculados para cada professor. Essa relação é mais alta dentro das escolas municipais, onde eram atendidos 19,3 alunos por professor.

TABELA 4.42 – CORPO DOCENTE, POR DEPENDÊNCIA ADMINISTRATIVA - 2012

DEPENDÊNCIA ADMINISTRATIVA	EDUCAÇÃO INFANTIL	ENSINO FUNDAMENTAL	ENSINO MÉDIO	TOTAL
Federal	0	49	220	269
Estadual	57	7.587	5.845	13.489
Municipal	5.056	10.835	30	15.921
Particular	1.410	2.939	1.293	5.642
Total	6.523	21.410	7.388	35.321

FONTE: SEE/ MS

Quanto ao ensino superior, o desafio que vem sendo enfrentado é o de garantir a expansão e a diversificação do sistema com qualidade, para isso foram elaboradas novas diretrizes curriculares para o ensino de graduação, procurando atender a demanda do mercado regional. No estado de Mato Grosso do Sul o ensino superior vem sendo ministrado por instituições estaduais, federais e particulares.

TABELA 4.43 – ENSINO SUPERIOR – GRADUAÇÃO - 2012

DESCRIÇÃO	FEDERAL	ESTADUAL	PRIVADA	TOTAL
Instituições	3	1	37	41
Cursos Presenciais	64	33	75	172
Matrículas em cursos presenciais	20.259	7.561	51.705	79.525
Concluintes nos cursos presenciais	2.243	1.004	9.113	12.360
Docente em exercício	1.693	636	2.266	4.595
Servidores	2.255	275	2.162	4.692
Vagas oferecidas nos cursos presenciais	6.915	2.420	34.886	44.221
Inscrições nos cursos presenciais	128.910	36.676	48.660	214.246
Ingressos nos cursos presenciais	7.580	2.287	21.970	31.837

FONTE: MEC/INEP

Rede Federal

- Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS;
- Fundação Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD

Rede Particular

- Universidade Católica Dom Bosco – UCDB;
- Faculdade de Amambai – FIAMA;
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de MS – IFMS;
- Instituto de Ensino Superior da Funlec – IESF;
- Faculdade de Educação, Tecnologia e Administração de Caarapó – FETAC;
- Centro Universitário Anhanguera de Campo Grande;
- Faculdade de Campo Grande – FCG;
- Faculdade de Mato Grosso do Sul – FACSUL;
- Faculdade de Tecnologia SENAI Campo Grande;
- Faculdade Estácio de Sá de Campo Grande – FESCG;
- Faculdade Unigran Capital;
- Universidade Anhanguera UNIDERP;
- Faculdades Integradas de Cassilândia – FIC;
- Faculdade de Administração de Chapadão do Sul – FACHASUL;
- Faculdade Salesiana de Santa Tereza – FSST;
- Faculdade de Educação de Costa Rica – FECRA;
- Centro Universitário da Grande Dourados – UNIGRAN;
- Faculdade Anhanguera de Dourados – FAD;
- Faculdade Teológica Batista Ana Wollerman – FTBAW;
- Faculdade de Administração de Fátima do Sul – FAFS;
- Faculdades Integradas de Fátima do Sul – FIFASUL;
- Faculdade de Ciências Contábeis de Naviraí – FACINAV;
- Faculdades Integradas de Naviraí – FINAV;
- Faculdade de Administração de Nova Andradina – FANA;

- Faculdade de Administração de Nova Andradina – FANOVA;
- Faculdade de Ciências Contábeis de Nova Andradina – FACINAN;
- Faculdade de Educação de Nova Andradina – FENA;
- Faculdade de Letras de Nova Andradina – FALENA;
- Faculdade de Pedagogia – ANAEC;
- Faculdade de Tecnologia de Nova Andradina;
- Faculdade de Turismo de Nova Andradina – FATUR;
- Faculdades Integradas de Paranaíba – FIPAR;
- Faculdade Anhanguera de Ponta Porã – FIP;
- Faculdade de Ponta Porã – FAP;
- Faculdade de Tecnologia de Ponta Porã – FATEP;
- Faculdades Magsul – FAMAG;
- Faculdade Superior de Ribas do Rio Pardo – FASURP;
- Faculdades Integradas de Rio Verde – FIRVE;
- Faculdade de Selvíria – FAS;
- Faculdades Integradas de Três Lagoas - AEMS

Rede Estadual

- Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, presente em 15 municípios.

A Universidade Estadual ministra em suas unidades de ensino os seguintes cursos:

TABELA 4.44 – DISTRIBUIÇÃO DAS UNIDADES DE ENSINO E CURSOS EXISTENTES NA UEMS - 2012

MUNICÍPIOS	CURSOS
Amambai	História e Ciências Sociais.
Aquidauana	Agronomia, Zootecnia e Engenharia Florestal.
Campo Grande	Pedagogia, Artes Cênicas e Dança, Geografia, Turismo e Letras.
Cassilândia	Agronomia, Letras e Matemática.
Coxim	Ciências Biológicas.
Dourados	Ciência da Computação, Ciências Biológicas, Direito, Enfermagem, Física, Letras, Matemática, Química, Turismo, Sistemas de Informação, Pedagogia, Engenharia Física, Engenharia Ambiental e Química Industrial.
Glória de Dourados	Geografia, Agroecologia e Produção Sucrealcooleira.
Ivinhema	Ciências Biológicas e Horticultura.
Jardim	Letras, Turismo, Educação Física e Geografia.
Maracaju	Administração e Pedagogia.
Mundo Novo	Ciências Biológicas, Gestão Ambiental e Turismo.
Naviraí	Direito, Química e Alimentos.
Nova Andradina	Matemática, Computação e Letras.
Paranaíba	Direito, Pedagogia e Ciências Sociais.
Ponta Porã	Administração, Ciências Econômicas e Ciências Contábeis.

FONTE: INEP/Ministério da Educação

Ainda avaliando o nível educacional da população sul-mato-grossense, na faixa acima de 10 anos de idade, os dados do Censo Demográfico de 2010 mostram que 92,95% dos habitantes do Estado são alfabetizados, portanto, aponta a existência de 7,05% de analfabetos naquela faixa etária. Entre as MRG, a de Campo Grande apresenta o melhor coeficiente de alfabetização com 95,86% de seus habitantes, seguido da MRG do Baixo Pantanal constituída pelos municípios de Corumbá, Ladário e Porto Murtinho, no entanto é na MRG de Iguatemi que se encontra o menor coeficiente de alfabetização no Estado, onde 87,80% são letrados, resultando em uma taxa de 12,20% de analfabetos.

TABELA 4.45 – POPULAÇÃO ALFABETIZADA NO ESTADO DE MS, SEGUNDO AS MRG - 2010

MRG	TOTAL DA POPULAÇÃO	POPULAÇÃO RESIDENTE ACIMA DE 10 ANOS.	POPULAÇÃO ALFABETIZADA	TAXA DE ALFABETIZAÇÃO (%)
Alto Taquari	117.174	98.910	89.412	90,40
Aquidauana	105.407	87.038	78.736	90,46
Baixo Pantanal	138.692	113.754	106.472	93,60
Bodoquena	105.254	87.323	79.554	91,10
Campo Grande	873.851	746.438	715.525	95,86
Cassilândia	60.309	51.349	47.296	92,11
Dourados	500.919	415.690	383.879	92,35
Iguatemi	226.333	187.398	164.541	87,80
Paranaíba	76.468	65.966	59.398	90,04
Nova Andradina	88.371	74.120	67.332	90,84
Três Lagoas	156.246	131.413	122.007	92,84
Total	2.449.024	2.059.399	1.914.152	92,95

FONTE: Censo Demográfico 2010 – IBGE

Quanto ao nível de escolaridade da população, os dados da PNAD apresentados na tabela 4.46, mostram que vem aumentando em Mato Grosso do Sul o número de anos de estudo da população residente. Em 1997 apontava 66,8% das pessoas com 4 anos ou mais de escolarização, alcançando em 2006 o percentual de 76,20% de cidadãos que apresentavam aquela condição de escolaridade. A evolução favorável da escolaridade pode ser notada pela redução da quantidade de pessoas que têm menos de três anos de estudo de 32,56% para 19,9% no período, mostrando que as pessoas estão prolongando cada vez mais o número de anos de frequência escolar, contribuindo para melhorar a qualidade do capital humano estadual.

O desempenho da escolaridade da população sul-mato-grossense, vem acompanhado o nível nacional, os números mostram que no Estado a quantidade pessoas que param de estudar com menos de três anos de estudo, no período de 1997-2009 reduziu em 12,66% o percentual de pessoas nessa condição. No Brasil essa redução foi de 11,98%. O nível de escolaridade que concentrava o maior percentual de cidadãos em 2012, era aquele do intervalo de 8 anos e mais de estudo - no MS com 52,32%, enquanto no Brasil era de 53,32%, sendo ainda, a faixa de tempo de estudo que mais vem crescendo nos últimos anos em todo o Brasil, como mostram os dados das tabelas 4.46 e 4.47.

TABELA 4.46 – ESCOLARIDADE DA POPULAÇÃO DE MS, POR ANOS DE ESTUDO – 1997–2012

ANOS DE ESTUDO	MATO GROSSO DO SUL (%)														
	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2011	2012
< de 1 ano	14,80	14,81	13,83	12,64	11,90	10,62	10,25	10,60	10,22	10,17	9,98	9,17	9,76	8,92	8,55
1 a 3	17,76	14,00	15,86	14,89	16,05	14,53	16,27	15,61	13,83	13,11	14,2	13,1	13,19	11,3	11,35
4 a 7	34,71	35,10	31,63	32,69	35,57	35,8	34,73	34,42	35,58	33,8	31,66	31,76	30,19	28,19	27,53
8 e mais	32,08	35,56	37,97	39,14	35,46	38,26	38,17	38,82	40,00	42,38	43,62	45,3	46,11	51,42	52,32
Ignorado	0,65	0,53	0,71	0,64	1,05	0,79	0,61	0,55	0,36	0,52	0,54	0,67	0,78	0,16	0,25
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

FONTE: PNAD-IBGE

NOTA: Pessoas com 10 anos ou mais de idade.

TABELA 4.47 – ESCOLARIDADE DA POPULAÇÃO DO BRASIL, POR ANOS DE ESTUDO – 1997–2012

ANOS DE ESTUDO	BRASIL (%)														
	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2011	2012
< de 1 ano	15,92	15,03	14,63	13,84	12,65	11,87	11,53	11,40	10,91	10,24	10,17	10,21	9,68	11,48	8,97
1 a 3	16,01	15,50	14,89	14,73	16,51	15,76	14,84	14,53	14,14	13,57	13,40	12,65	12,62	10,50	10,98
4 a 7	32,63	31,84	31,53	31,08	33,12	32,95	32,17	31,47	31,19	30,8	29,34	28,23	28,05	25,51	26,45
8 e mais	35,10	37,17	38,52	39,76	37,02	38,82	40,92	42,1	43,24	44,99	46,69	48,53	49,32	52,31	53,32
Ignorado	0,34	0,46	0,52	0,59	0,7	0,62	0,55	0,52	0,51	0,4	0,4	0,36	0,34	0,22	0,26
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

FONTE: PNAD – IBGE

NOTA: Pessoas com 10 anos ou mais de idade.

4.3.4 - COMÉRCIO EXTERIOR

A atividade comercial que Mato Grosso do Sul realiza com o mercado internacional, vem apresentando desempenho satisfatório ao longo do período 1992-2012. Os dados mostram que no início dos anos de 1990, o Estado tinha um intercâmbio comercial de aproximadamente US\$ 185 milhões no âmbito do comércio internacional, já em 2012 esse fluxo comercial somava um montante de US\$ 9,3 bilhões. O incremento no comércio exterior fez com que a economia sul-mato-grossense ultrapassasse o dobro de sua participação no comércio do Brasil com o resto do mundo nesse período, onde em 1992 o somatório das exportações mais importações realizadas pelo Estado, representavam 0,33% no valor da movimentação de mercadorias brasileiras no intercâmbio internacional. Os resultados registrados nesse segmento comercial em 2010 elevaram a participação do Estado para 2,00% no conjunto do Brasil, conforme a tabela 4.48.

TABELA 4.48 - INTERCÂMBIO INTERNACIONAL DE EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO DE MS – 1992-2012

ANO	EXPORTAÇÕES – US\$	IMPORTAÇÕES – US\$	SALDO – US\$
1992	159.662.740	25.715.522	133.947.218
1993	207.838.388	40.995.184	166.843.204
1994	289.840.567	48.236.222	241.604.345
1995	304.817.729	52.866.055	251.951.674
1996	305.859.424	54.886.196	250.973.228
1997	383.698.146	137.589.431	246.108.715
1998	175.388.283	143.844.165	31.544.118
1999	218.323.000	57.300.000	161.023.000
2000	253.145.000	160.673.000	92.472.000
2001	473.679.000	281.555.000	192.124.000
2002	384.159.620	424.017.106	-39.857.486
2003	498.107.549	492.867.629	5.239.920
2004	643.861.490	772.106.630	-128.245.140
2005	1.149.018.098	1.080.039.871	68.978.227
2006	1.004.338.508	1.725.836.632	-721.498.124
2007	1.297.176.760	2.189.887.974	-892.711.214
2008	2.095.337.857	3.682.565.087	-1.587.227.230
2009	1.937.634.439	2.690.230.313	-752.595.874
2010	2.962.057.917	3.382.634.981	-420.577.064
2011	3.916.260.636	4.469.067.323	-552.806.687
2012	4.212.752.993	5.113.864.558	-901.111.565

FONTES: SECEX-MDIC
ELABORAÇÃO: SEMAC/MS

Mato Grosso do Sul tem um desempenho deficitário na média das suas relações comerciais com o mundo exterior nos últimos anos, porém as exportações superaram as importações em todos os anos entre 1992 e 2001. Para o período de 2002 a 2010 o resultado da balança comercial exterior alterna anos com desempenhos negativos com positivos influenciados principalmente pelas importações do gás boliviano. Os dados da Secretaria de Comércio Exterior – SECEX mostram que nos últimos 10 anos o Estado exportou mais de US\$ 19,717 bilhões e importou em torno de US\$ 25,598 bilhões, acumulando nesse período um saldo comercial negativo de aproximadamente US\$ 5,880 bilhões.

Até 1998, a Argentina e o Uruguai eram os maiores compradores de produtos sul-mato-grossenses, no entanto, com as dificuldades econômicas enfrentadas pelos países do Mercosul, em especial a Argentina, houve um redirecionamento das exportações do Estado, tendo em 2012 como principal destino das suas exportações: China com 22,2%, Argentina com 7,8%, Rússia com 6,8%, Irã com 4,6% e Países Baixos (Holanda) com 4,1%. No Mercosul, o maior importador de produtos do Estado é a Argentina com 7,8%. As importações feitas pelo Estado vêm principalmente da Bolívia que respondem por aproximadamente 63,5

% das compras de Mato Grosso do Sul no exterior, que em 2012 importou US\$ 3,246 bilhões, tendo como principal produto o gás natural no estado gasoso importado através do gasoduto Bolívia-Brasil, em seguida aparecem como principais fornecedores externos a China com 8,4% e o Chile com 5,6%.

Entre os blocos econômicos, absorvendo 43,3% da exportação de Mato Grosso do Sul, a Ásia representou o maior mercado consumidor dos produtos do Estado em 2012, seguido da União Europeia que recebeu 12,1% das exportações, a Oriente Médio com 8,9%, África com 8,1% e o MERCOSUL com 7,8%.

As exportações do Estado ainda são muito dependentes do setor primário, cujos principais itens exportados são: soja "*in natura*", farelo de soja, açúcar, carne bovina, produtos de madeira (celulose), milho e minérios, que juntos respondem por aproximadamente 72,0% das divisas com exportações do Estado. Por outro lado, na pauta de importações os itens mais representativos são: gás natural, produtos do cobre, material elétrico, cloreto de potássio, têxteis e tecidos, carnes desossadas de bovinos, máquinas, adubos e fertilizantes.

Os fluxos de entrada e saída de mercadorias com o exterior são realizados principalmente pelos eixos rodoviários das BR/163, 262 e 267, pelos eixos ferroviários NOVOESTE e FERRONORTE e pelas Hidrovias Tietê-Paraná e Paraná-Paraguai, cujos principais portos de embarque e desembarque de mercadorias são os Portos de Santos, Paranaguá e Corumbá.

4.3.5 - MERCOSUL

O tratado do Mercosul projeto de mais de trinta anos, torna-se realidade, permitindo que os países do Cone Sul adotem uma conduta política e econômica de bloco, semelhante àquela praticada pela Comunidade Europeia – CE, Acordo de Livre Comércio da América do Norte – NAFTA e blocos asiáticos, propiciando, dessa forma, melhores condições às suas economias como um todo, ao aumentar suas vantagens comparativas e resultando em maior participação no comércio internacional.

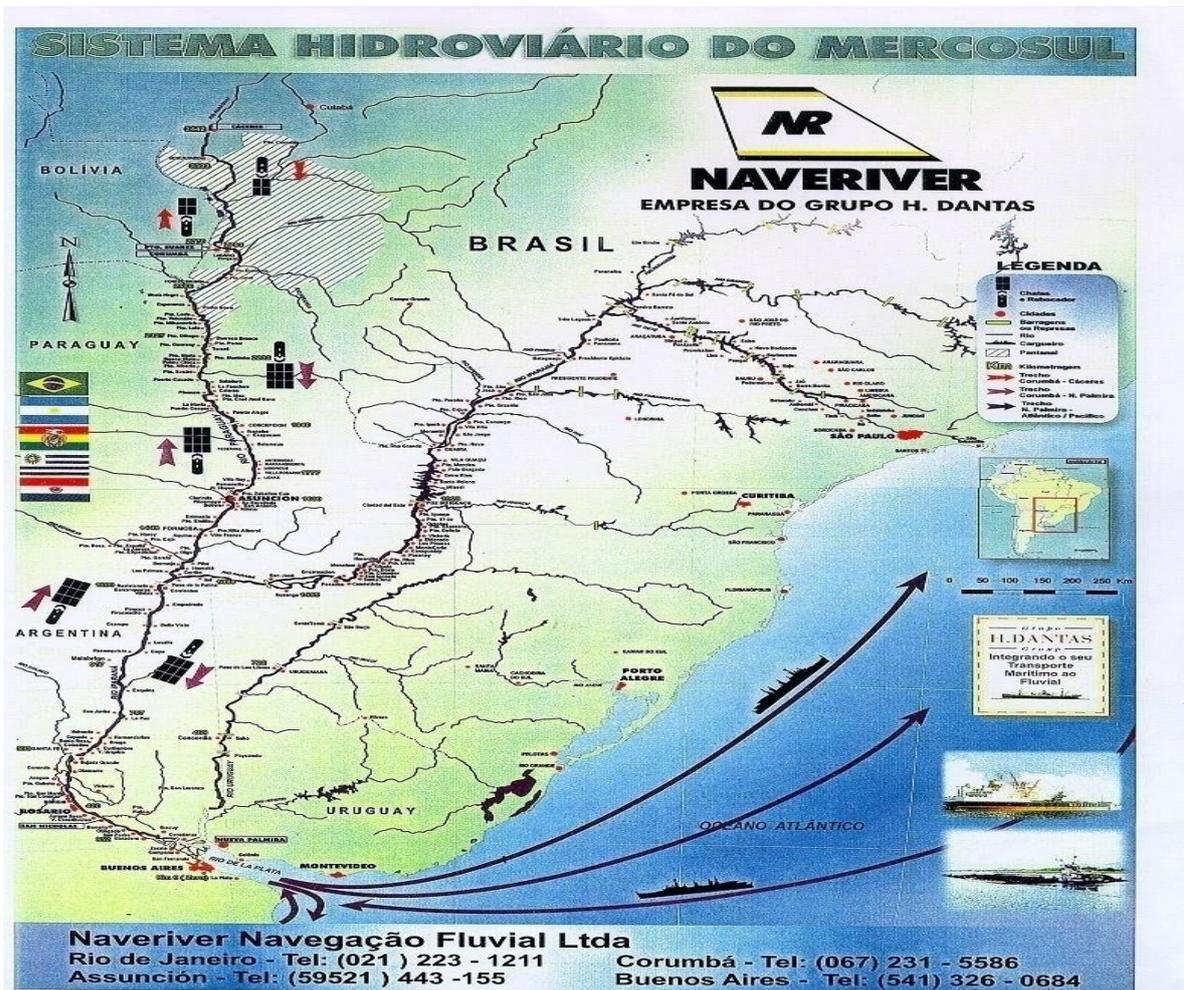
Em 1988, Brasil e Argentina assinaram o Tratado de Integração, Cooperação e Desenvolvimento, fato que os levou a avançar no processo de integração, demonstrando o interesse de remover os obstáculos tarifários e não tarifários ao comércio de bens e serviços entre os dois países.

Em julho de 1990, foi assinada a Ata de Buenos Aires, fixando o prazo de 31 de dezembro de 1994 para a conformação definitiva do Mercado Comum entre Brasil e Argentina (em agosto do mesmo ano, Paraguai e Uruguai juntar-se-iam ao processo em curso).

Em março de 1991 foi assinado pelos presidentes do Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai o Tratado de Assunção, tendo como objetivo o estabelecimento de um mercado comum caracterizado pela livre circulação de bens, serviços e fatores produtivos, pela cooperação das políticas macroeconômicas e setoriais e pela harmonização das legislações.

No caso do Brasil, o Mercosul tende a reforçar as modalidades históricas de regionalização e a soldagem entre o Sudeste, o Sul e a parte meridional do Centro-Oeste. Dentro desse contexto, Mato Grosso do Sul se destaca pela sua estratégica posição geográfica, tanto em relação ao mercado interno quanto ao Cone Sul do continente, sendo privilegiado por ser cortado por duas redes ferroviárias (NOVOESTE e FERRONORTE) e circundado por duas grandes hidrovias (Tietê-Paraná e Paraná-Paraguai), o que facilita o escoamento da sua produção por portos de nível internacional, como os portos de Paranaguá, Santos, Corumbá, etc, conforme a figura 4.3.

FIGURA 4.3 – SISTEMA HIDROVIÁRIO DO MERCOSUL



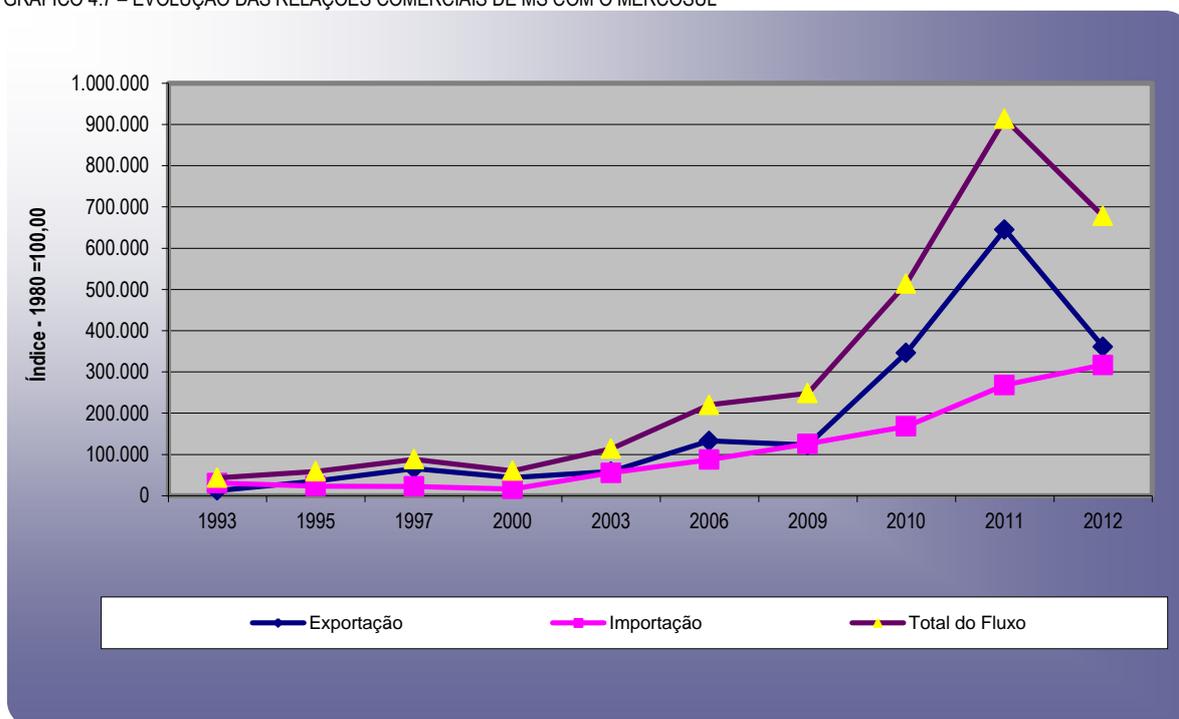
Fonte: NAVERIVER – Navegação Fluvial Ltda.

As relações comerciais do Estado com os países que constituem o Mercosul experimentaram rápida expansão no fluxo de mercadorias até 1997, passando de US\$ 32,2 milhões em 1992 para US\$ 88,2 milhões em 1998 (considerando exportações e importações, apresentando um superávit de US\$ 43,1 milhões). No entanto, os reflexos da crise cambial brasileira que culminou com a desvalorização do real em 1999 e as dificuldades econômicas atravessadas pelos países que compõem o bloco, em especial a Argentina, afetaram as relações de troca, reduzindo substancialmente as exportações do Estado para o mercado argentino, e o comércio de modo geral com o bloco, apresentando no ano de 2000 o menor valor na soma do fluxo de comércio obtido a partir de 1997.

Os números do intercâmbio comercial da economia do Estado com o Mercosul mostram que as relações sofrem a partir de 1997 uma forte inversão na sua tendência de crescimento, apresentando queda acelerada até 1999, resultando numa redução de US\$ 26,2 milhões no valor global de comércio, embora tenha sido em 2000 o pior ano em termos de valor global, conforme a tabela 4.49.

Em 2001 inicia-se uma recuperação nesse fluxo comercial, alavancado pelo crescimento das importações e exportações efetuadas pelo Estado, que de um total de US\$ 60,5 milhões em 2000, atinge a cifra de US\$ 678 milhões em 2012, o que significa um aumento de 495% no fluxo de comércio em dez anos. aproximadamente 70,0% da movimentação comercial do Estado com o Mercosul nos últimos anos foi realizada com a Argentina.

GRÁFICO 4.7 – EVOLUÇÃO DAS RELAÇÕES COMERCIAIS DE MS COM O MERCOSUL



FONTE: SEMAC/MS

TABELA 4.49 – EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO DE MS COM O MERCOSUL – 1993–2011 (Em US\$ mil FOB)

(Continua)

PAÍS		1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
EXPORTAÇÃO	Argentina	5.567	7.217	15.228	22.872	41.208	30.286	17.407	22.427	27.722	18.860
	Paraguai	4.302	7.381	9.217	12.848	10.151	9.136	6.681	7.846	7.661	8.896
	Uruguai	2.548	1.003	10.978	11.406	14.395	24.690	18.564	13.817	6.468	12.214
	Total	12.417	15.601	35.423	47.126	65.754	64.112	42.652	44.090	41.851	39.970
IMPORTAÇÃO	Argentina	1.085	5.267	9.880	14.387	6.345	6.280	10.122	1.901	5.617	4.045
	Paraguai	29.714	28.312	13.581	9.526	14.934	13.094	9.085	24.401	35.204	18.921
	Uruguai	-	-	-	2.695	1.223	1.657	158	77	2.499	418
	Total	30.799	33.579	23.461	26.608	22.502	21.031	19.365	16.379	43.320	23.384
Total do Fluxo		43.216	49.180	58.884	73.734	88.256	85.143	62.017	60.469	63.354	85.171

TABELA 4.49 – EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO DE MS COM O MERCOSUL – 1993–2011 (EM US\$ mil FOB)

(Conclusão)

País		2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
EXPORTAÇÃO	Argentina	43.416	43.567	67.770	94.885	75.019	207.055	102.544	303.278	574.836	331.934
	Paraguai	9.124	10.451	12.597	19.520	12.857	20.496	20.286	27.250	43.138	29.077
	Uruguai	6.040	8.569	11.830	18.198	-	-	10.748	15.766	27.025	-
	Total	58.580	62.587	92.197	132.603	87.876	227.551	122.830	346.294	645.000	361.011
IMPORTAÇÃO	Argentina	24.392	32.814	51.673	52.698	87.415	87.149	50.919	74.687	94.246	115.541
	Paraguai	22.094	17.019	3.600	8.595	19.360	24.567	28.772	30.980	78.522	109.862
	Uruguai	8.837	11.410	19.742	26.174	40.003	37.725	46.131	62.267	95.554	91.523
	Total	55.323	61.243	75.015	87.467	146.778	149.441	125.822	167.935	268.322	316.927
Total do Fluxo		113.903	123.830	167.212	220.070	234.654	376.992	248.652	514.228	913.322	677.937

FONTE: MDIC

O aumento observado nos últimos anos na pauta de comércio internacional realizada pelo Estado, tendo como parceiro os países signatários do Mercosul, teve como principais produtos: minérios de ferro e manganês, derivados de minérios, açúcar, carne bovina, leite e derivados do leite.

O desempenho das relações comerciais realizadas entre Mato Grosso do Sul e os países signatários do Mercosul apresentam no seu conjunto resultado favorável. Os dados da SECEX mostram que de 2000 a 2012 houve um fluxo de US\$ 3,800 bilhões, sendo US\$ 2,262 bilhões de exportações e US\$ 1,537 bilhões de importações, gerando um saldo acumulado de US\$ 725 milhões em divisas líquidas na balança de comércio com aquele bloco econômico. Na análise anual, dentro dos dez últimos anos, apenas dois apresentaram saldo negativo conforme pode ser observado na tabela 4.49.

O comércio com o Mercosul, que foi de US\$ 677,9 milhões, representou 7,3% em 2012 no total das relações comerciais do Estado com o mercado internacional. No período de 2000-2012, a Argentina foi o maior parceiro comercial do Estado com aquele bloco comercial, sendo responsável por 66,0% do total do fluxo de comércio no último ano.

4.3.6 - TURISMO

A exploração da indústria do turismo se apresenta como uma excelente fonte de diversificação da economia de Mato Grosso do Sul, através da exploração do grande potencial turístico dos seus recursos naturais, destacando-se o Pantanal sul-mato-grossense com imensas riquezas de fauna e flora de exuberância e oportunidades incomparáveis. As grutas e balneários de Bonito, Costa Rica, Rio Verde, Coxim, o turismo contemplativo no lago da Usina de Porto Primavera, além do turismo do folclore e do artesanato local, garantem ao Estado grandes oportunidades de expansão das atividades de serviços, ampliando a oferta de emprego e melhoria de renda.

No Brasil, o turismo vem se constituindo como uma das atividades mais promissoras, apresentando altas taxas de crescimento em que se destacam o turismo litorâneo do Nordeste e o das regiões Centro-Oeste (Pantanal mato-grossense) e Norte (Amazônia). Neste segmento, o Estado de Mato Grosso do Sul é detentor de um fantástico potencial turístico, cuja exploração ainda é incipiente com baixo aproveitamento do seu privilegiado sistema natural e das riquezas socioculturais da região.

Contando com uma exuberante beleza natural em sua planície pantaneira de mais de 86 mil km² em áreas de entorno, Mato Grosso do Sul dispõe, principalmente nessa região, de grandes atrativos turísticos, como inúmeros rios piscosos, propícios para a prática da pesca, hotéis-fazenda, áreas de pousadas, grutas e uma fauna e flora considerada como das mais ricas e variadas do mundo. Conta ainda, com a atração das fronteiras internacionais com Paraguai e Bolívia, onde é possível fazer compras de produtos importados nas cidades de Ponta Porã e Corumbá.

Pelo menos 40% dos atrativos turísticos do Estado são naturais e ecológicos; 16% estão distribuídos na categoria histórico-culturais; 28% estão na categoria folclore; 6% estão em realizações técnicas e científicas e 10% encontram-se na categoria de eventos programados.

De acordo com as informações fornecidas pela rede hoteleira do município de Campo Grande, através de formulários do Boletim de Ocupação Hoteleira (B.O.H.), e da Ficha Nacional de Registro de Hóspedes (F.N.R.H.), os principais municípios de Mato Grosso do Sul emissores de turistas para Campo Grande são: Dourados, Ponta Porã, Três Lagoas, Bonito, Chapadão do Sul e Coxim. Quanto aos estados e países, os principais são: São Paulo, Mato Grosso, Paraná, Distrito Federal, Rio de Janeiro e Goiás, Estados Unidos, Paraguai, Bolívia, Portugal e Itália.

Em 2012 o setor turístico registrou uma movimentação de 1.603.722 turistas, que geraram 3.688.561 pernoites em unidades de hospedagem (quartos e apartamentos da rede hoteleira), produzindo uma ocupação média anual de 51,4% da capacidade hoteleira no estado.

Considerando que cada turista tenha uma permanência média de 2,3 dias, e que tenha uma despesa média diária de U\$ 91,74 a uma cotação média de R\$ 2,00 por U\$ 1,00, isso gerou em 2012 uma movimentação aproximada de R\$ 677 milhões na economia do Estado.

4.3.7 - COMUNICAÇÃO

O setor de comunicação vem atravessando um rápido processo de modernização e expansão, atendendo atualmente, com a telefonia convencional mais de 300 localidades no Estado, embora o número de terminais telefônicos convencionais venha caindo, em função da expansão da telefonia móvel, contando em 2000 com 492.740 terminais telefônicos fixos instalados e em 2012 com 614.289 terminais. O serviço da telefonia móvel celular está presente em todos os municípios, possibilitando a interligação das diversas regiões do Estado, contabilizando 3.705.033 acessos à telefonia móvel em 2012 contra 252.962 em 2000.

Nos últimos anos, a oferta de serviços telefônicos teve grande avanço. Além da expansão da telefonia celular, contou também com a instalação de novas centrais digitais e a digitalização das antigas centrais analógicas da telefonia convencional. O avanço neste serviço está destacado no rápido aumento da relação, telefones convencionais instalados por 100 habitantes, que passa de 8,6 em 1995 para 24,6 em 2010 e, nas elevadas taxas de crescimento real de 7,40% ao ano obtido no cálculo do PIB desta atividade no período de 2002/2010, conforme tabela 4.50.

TABELA 4.50 – EVOLUÇÃO DA TELEFONIA – 1995 - 2012

DESCRIÇÃO	1995	2000	2005	2010	2011	2012
Terminais conv instalados	175.613	492.740	566.417	563.719	582.081	614.289
Terminais conv em serviço ⁽¹⁾	164.826	398.399	526.441	331.350	397.681	408.404
Acesso telefone móvel celular	8.100	252.962	1.416.00	2.888.983	3.449.523	3.705.033
Tel. convencional p/100 hab.	8,6	23,7	25,0	23,0	23,5	24,6

FONTE: ANATEL, TELECOM, GVT, CTBC

(1) Não inclui dados da GVT.

4.3.8 - ENERGIA ELÉTRICA

No Estado de Mato Grosso do Sul a deficiência no suprimento de energia elétrica era tida até há pouco tempo como fator inibidor do seu processo de desenvolvimento econômico. No entanto, este cenário mudou. Primeiro, com a privatização da Empresa Energética de MS (ENERSUL), que possibilitou o aporte de investimentos privados para o setor e, em segundo lugar, a partir do início da primeira década deste milênio, as empresas consumidoras passaram a poder adquirir energia por leilão no mercado livre de outras distribuidoras localizadas fora do Estado. Em terceiro lugar, a construção do gasoduto Bolívia - Brasil. O gasoduto oferece uma fonte alternativa de geração de energia elétrica mediante a instalação de usinas termelétricas, as quais, além de ampliar a capacidade real de oferta de energia, vêm diversificar a matriz energética estadual.

O Estado ainda dispõe de um considerável potencial de queda de água para a geração de energia hídrica com o aproveitamento de seus rios, onde já operam mais de dez unidade incluindo hidrelétrica e pequenas centrais hidrelétricas.

O suprimento de energia elétrica do Estado está a cargo da ENERSUL, que atende a maior parcela do mercado consumidor, atuando em mais de 200 localidades, das quais 74 são sedes municipais. Os Municípios de Anaurilândia, Brasilândia, Santa Rita do Pardo, Selvíria e Três Lagoas são atendidos pela ELEKTRO Eletricidade e Serviços S.A.

O principal sistema de geração e transmissão é o interligado, com linhas de transmissão de 230 e 138 Kv, que percebem energia de usinas hidrelétricas de outros estados (Jupia e Rosana) e da Usina Hidrelétrica de Mimoso.

Apresentou um consumo de 5.511.298 Mwh em 2012, o que representa um aumento de 64,6% no período de 2005-2012, com maior crescimento na classe industrial, onde ocorreu um incremento de 116,8% na absorção da energia consumida no Estado. Os dados apontam que o setor industrial foi responsável por 35,12% do consumo de energia em 2012 no Estado, seguido pelo residencial e pelo comércio que foram responsáveis por 26,70% e 18,51% respectivamente e o setor rural que consumiu 8,42% da energia distribuída no Estado naquele ano.

Contando com 935.218 consumidores – sendo o setor residencial responsável pela maior parcela de consumidores, com 80,4%, seguido do setor rural, com 9,4%, e comercial com 8,2% – a classe de consumidores em que mais se expandiu o atendimento da rede de energia foi a rural, que de aproximadamente 630 consumidores atendidos em 1979 chegou em 2012 com 87.686, segundo dados da ENERSUL e da ELEKTRO, seguida do residencial, que tinha no ano da instalação do Estado (1979) em torno de 100.000 residências atendidas pela rede de energia, alcançando 752.014 em 2012, conforme tabela 4.51.

O consumo de energia expandiu-se com velocidade nos anos 80 a uma taxa média de 11,7% a.a. contra 6,2% a.a. no intervalo de 1990 a 1999. No período 1980-1989 o consumo das classes rural e residencial alcançou as maiores taxas médias, de 34,7% a.a. e 13,9% a.a., respectivamente. Na década de 90 a classe de consumidores rurais continua apresentando as maiores taxas médias anuais de consumo, 9,7% a.a., seguida da classe comercial com 6,6% a.a., e da classe industrial com 6,1% a.a., conforme a tabela 4.52

As altas taxas de avanço no consumo de energia elétrica, registradas pelo conjunto da economia, se justifica por se tratar de um Estado em construção, e que passava naturalmente pela expansão do

atendimento de serviços como: rede de educação, saúde, eletrificação rural, crescimento da atividade industrial e principalmente, democratização do atendimento à classe residencial.

Quanto à de geração de energia, no ano de 2012, o Estado contava com uma capacidade aproximada para gerar 984,06 Mw de energia elétrica, sendo que a maior capacidade estava localizada nas Usinas Termelétricas, que respondiam por 75,5% dessa geração, seguidas das Usinas Hidrelétricas que respondiam por 24,5% da capacidade de geração de energia no Estado.

TABELA 4.51 – CONSUMIDORES E CONSUMO DE ENERGIA ELÉTRICA – 2000/2012

CLASSES	Nº DE CONSUMIDORES			CONSUMO DE ENERGIA (MWH)		
	2001	2011	2012	2001	2011	2012
Residencial	498.346	676.646	752.014	921.828	1.347.837	1.471.466
Industrial	5.138	5.903	7.056	671.330	1.784.745	1.935.589
Comercial	54.654	68.587	76.484	544.602	908.378	1.019.975
Rural	43.393	81.990	87.686	274.416	437.300	464.295
Outros	6.549	11.092	12.291	401.287	590.775	619.973
Total	608.080	844.218	935.531	2.813.463	5.069.028	5.511.298

FONTE: ENERSUL, ELEKTRO, FIBRIA, Internacional Paper-IP

TABELA 4.52 – CONSUMO DE ENERGIA ELÉTRICA POR CLASSE – 1980/2011 (Em %)

CLASSES	PERÍODO									
	1980	1985	1990	1995	2000	2005	2010	2011	2012	
Residencial	31,25	34,51	36,86	35,34	34,74	30,25	26,13	26,59	26,70	
Industrial	28,78	21,45	18,82	17,65	21,35	15,24	36,63	35,21	35,12	
Comercial	21,23	20,20	18,53	17,69	19,48	19,23	17,02	17,92	18,51	
Rural	2,15	7,28	7,82	9,68	9,90	10,66	8,63	8,63	8,42	
P. Público	6,00	4,11	3,79	4,02	4,58	4,82	4,21	4,40	4,25	
I. Pública	7,28	7,37	7,65	7,76	4,94	5,25	4,00	3,98	3,93	
S. Público	3,00	4,73	4,71	5,15	4,79	3,35	3,23	3,14	2,94	
Próprio	0,31	0,35	1,82	2,71	0,22	0,20	0,15	0,14	0,13	
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	

FONTE: ENERSUL, ELEKTRO, FIBRIA, Internacional Paper-IP

POTENCIAL DE GERAÇÃO DE ENERGIA NO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL

O Estado de Mato Grosso do Sul conta atualmente com 935,5 mil consumidores de energia elétrica, distribuídos em oito classes. A classe residencial concentra 80,4% da rede de atendimentos das empresas distribuidoras no Estado, seguido das classes: rural com 9,4% dos consumidores e do setor comercial que responde por 8,2% dos atendimentos. O atendimento aos consumidores está distribuído dentro do conjunto dos 79 municípios sul-mato-grossenses, estando 33,5% localizados no Município de Campo Grande, seguido de 8,5% em Dourados, 4,6% em Três Lagoas e 3,1% em Corumbá.

TABELA 4.53 - NÚMERO DE CONSUMIDORES DE ENERGIA ELÉTRICA POR CLASSE EM MS - 2005-2012

CLASSES	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Residencial	569.073	593.133	610.048	638.309	674.605	691.798	720.852	752.014
Industrial	4.629	4.448	4.362	4.835	5.597	5.990	6.445	7.056
Comercial	58.051	58.318	59.491	61.637	64.793	69.090	72.448	76.484
Rural	58.615	68.148	71.220	72.812	77.932	83.610	86.786	87.686
P. Público	6.607	6.966	7.225	7.715	8.142	8.439	8.621	8.788
I. Pública	548	868	1.195	1.436	1.659	1.787	1.929	2.317
S. Público	732	744	757	821	853	906	956	992
Próprio	191	153	150	186	205	200	201	194
Total	698.446	732.778	754.448	787.751	833.786	861.818	898.238	935.531

Fonte: Enersul, Elektro, Fibria, International Paper, BDE/MS

Com sua economia em estágio acelerado de crescimento, tendo nos últimos anos se expandido a uma taxa média 4,9% ao ano, destaca-se a expansão do setor industrial (7,2% a.a), que vem ampliando a demanda desse setor com consumo intensivo de energia, com destaque para indústrias da siderurgia, papel e celulose, sucroalcooleira e indústrias química, contribuindo para que o consumo de energia na área industrial no Estado tenha avançado consideravelmente a partir de 2005, passando de 892.516 MWh para 1.935.589 MWh em 2012, elevando a participação de consumo industrial que era de 26,7% em 2005 para 35,1% em 2012.

TABELA 4.54 - CONSUMO DE ENERGIA ELÉTRICA POR CLASSE EM MS (MWh) - 2005-2012

CLASSES	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Residencial	986.432	991.960	1.010.545	1.049.408	1.175.683	1.260.023	1.347.837	1.471.466
Industrial	892.516	880.206	1.006.345	1.042.061	1.541.381	1.766.453	1.784.745	1.935.589
Comercial	626.699	644.013	663.222	692.069	753.616	820.860	908.378	1.019.975
Rural	347.370	354.637	371.611	362.747	395.199	415.987	437.300	464.295
P. Público	156.974	164.606	180.857	183.804	199.959	203.057	222.870	234.466
I. Pública	170.978	164.824	177.348	178.566	185.657	192.905	201.748	216.446
S. Público	159.660	158.932	162.372	156.514	153.741	155.587	159.068	162.041
Próprio	6.676	6.393	7.397	7.177	7.705	7.160	7.082	7.021
Total	3.347.305	3.365.571	3.579.697	3.672.220	4.412.941	4.822.032	5.069.028	5.511.298

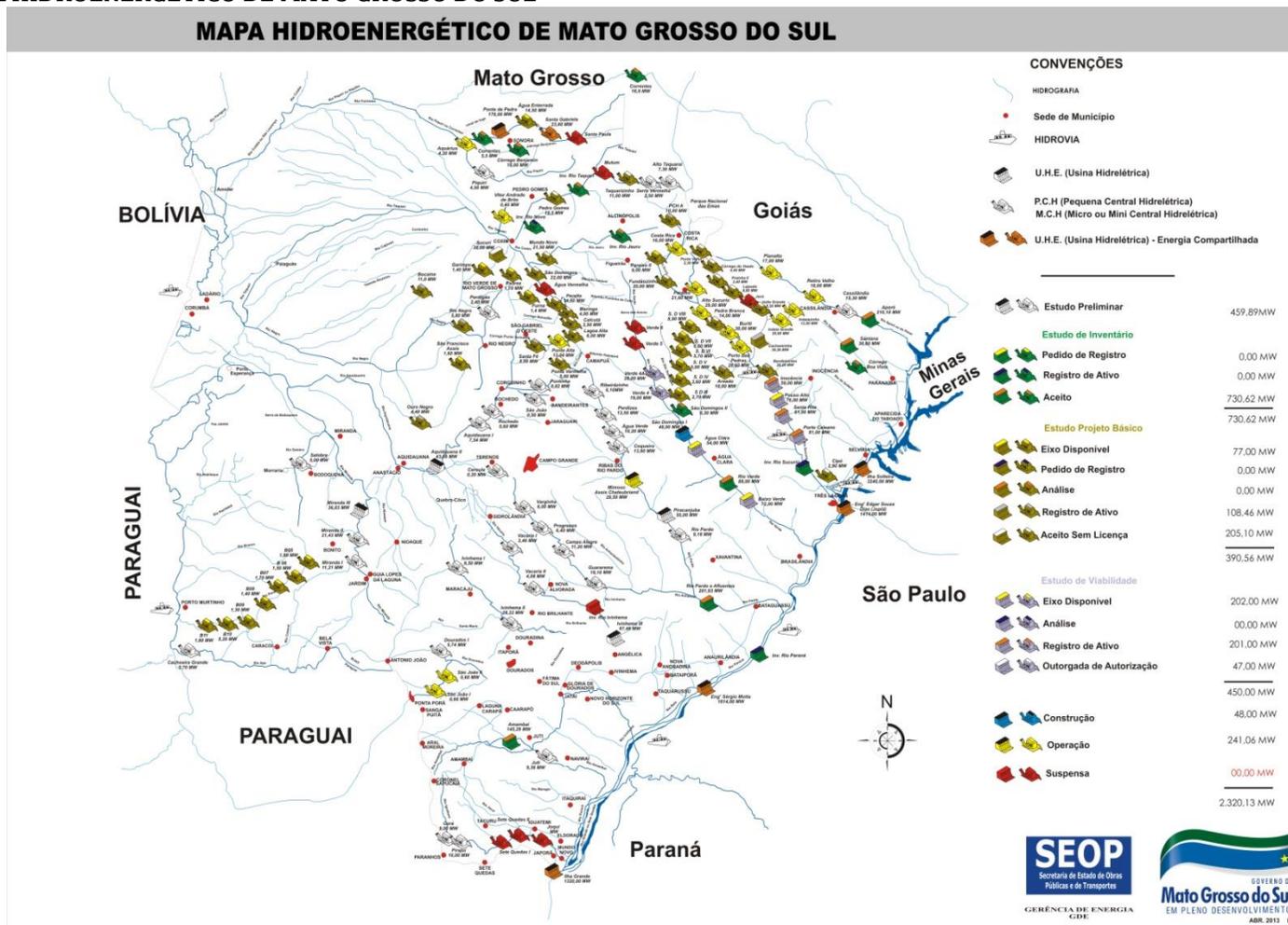
Fonte: Enersul, Elektro, Fibria, International Paper, BDE/MS

O consumo anual está estimado em 5.511.298 de MWh a.a, as maiores demandas estão concentradas nas seguintes classes: industrial com 35,1%, residencial com 26,7% e na classe comercial com 18,5% em 2012. O suprimento é realizado por duas distribuidoras e uma parcela menor vem sendo realizado por auto geração interna, principalmente no setor industrial.

Atualmente mais de 51,0% da energia fornecida pelas duas distribuidoras é gerada fora das fronteiras do Estado, isso, aliado ao crescimento da economia e da demanda, vem estimulando o setor de geração de energia dentro de Mato Grosso do Sul, onde já é registrada a presença de duas termelétricas a gás, de várias termoelétricas de biomassa principalmente na cogeração industrial, contando ainda com usinas hidrelétricas e pequenas centrais hidrelétricas já em operação.

O potencial de geração e cogeração está ilustrado nos mapas hidroenergético e termoenergético de Mato Grosso do Sul. Na área da hidroenergia, o Estado apresenta um grande potencial, se explorada toda a sua riqueza hídrica em médios e pequenos rios com queda suficiente para gerar energia a partir da implantação de hidrelétricas e pequenas centrais hidrelétricas – PCH's, que, se considerarmos as unidades já implantadas e em operação, gerando 241,06 MW e as demais unidades classificadas em estudo preliminar, estudo de inventário, estudo de viabilidade, já outorgada, em projeto básico e em construção, podendo gerar mais 1.926,76 MW, isto mostra que só no setor hidroenergético há um potencial para gerar até 2.167,82 MW, conforme mapa abaixo.

FIGURA 4.4 – MAPA HIDROENERGÉTICO DE MATO GROSSO DO SUL



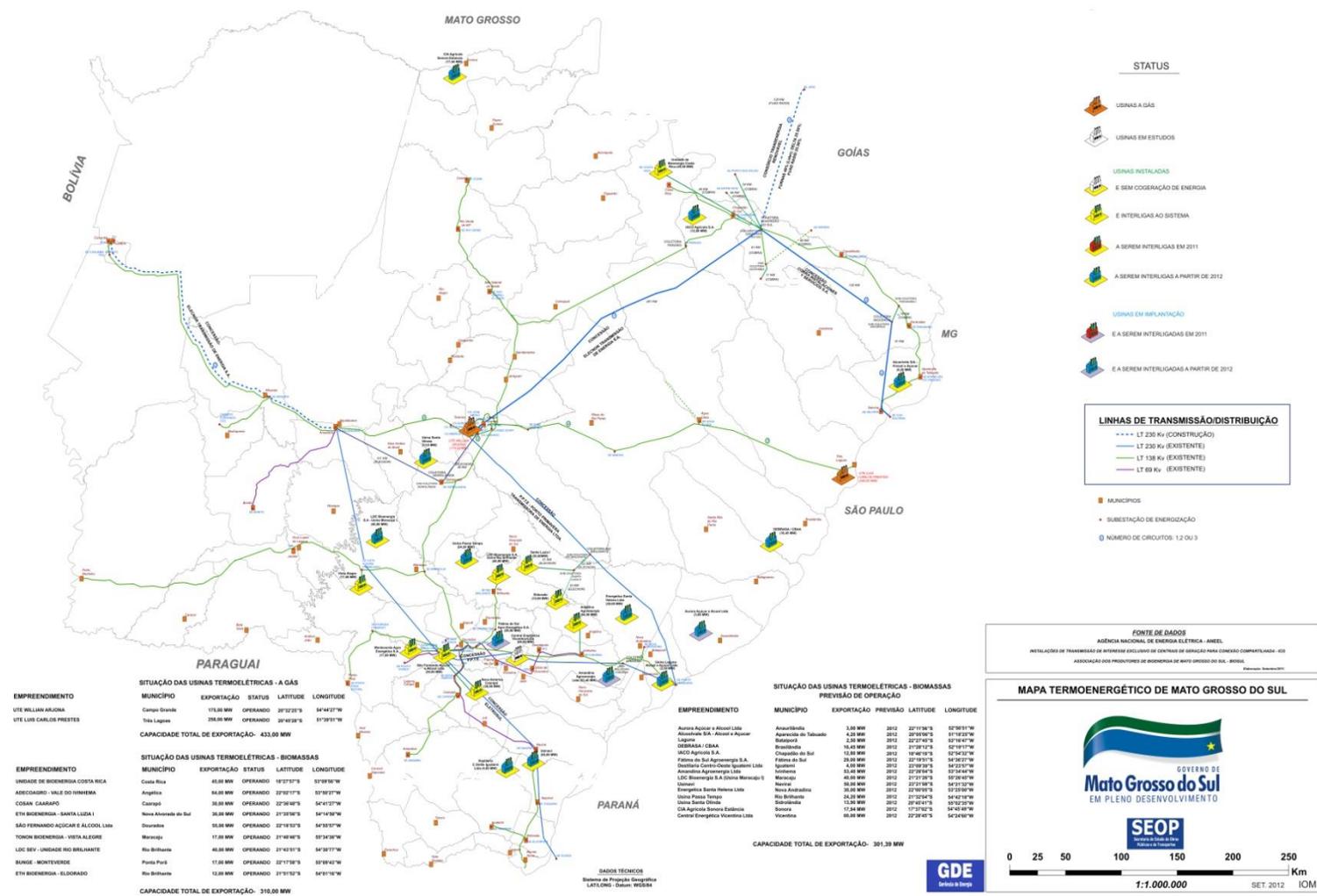
Observando a distribuição do potencial hídrico dos rios do Estado, o mapa acima mostra que grande parte do potencial está localizado na bacia dos Rios: Verde, Coxim , Pardo e Sucuriú, que banham as regiões norte e nordeste de Mato Grosso do Sul. Na região centro sul os maiores potenciais estão localizados nas bacias dos Rios: Ivinhema, Anhanduí, Amambai e Iguatemi.

O aproveitamento desse potencial energético poderia atender a demanda de polos econômicos como Chapadão do Sul, Três Lagoas, Aparecida do Taboado e Campo Grande na região centro norte do Estado, e mais ao sul poderia ser suprida grande parte da demanda de polos como: Dourados, Naviraí, Amambai e Nova Andradina.

Na geração com usinas termoelétricas, o Estado apresenta um potencial considerável, estando já em operação duas unidades termoelétricas a gás natural, localizadas nos municípios de Campo Grande e em Três Lagoas, onde juntas somam uma capacidade para geração de 433 MW. Estão também em operação oito usinas de cogeração com biomassa a partir da cana-de-açúcar, localizadas nos municípios de Angélica, Caarapó, Costa Rica, Nova Alvorada do Sul, Dourados, Maracaju, Rio Brilhante e Ponta Porã, somando uma capacidade total para geração de 310 MW e mais de 162 MW da biomassa originária da indústria de celulose.

Ainda no segmento de geração térmica, conforme mapa termoelétrico a seguir, mostra que Mato Grosso do Sul tem potencial para expandir a geração de energia térmica em mais 301,4 MW, se considerarmos mais 15 usinas que estão algumas em fase de estudo, outras em implantação ou prontas e que em breve serão interligadas.

FIGURA 4.5 – MAPA TERMOENERGÉTICO DE MATO GROSSO DO SUL
MAPA TERMOENERGÉTICO DE MATO GROSSO DO SUL



Consolidando o potencial de geração acima exposto, sendo 2,167,82 MW de geração hidroelétrica, somado a 1.044,39 MW de geração térmica a gás/óleo diesel e biomassa, aponta um potencial de geração estimado de 3.212,21 MW, isto sem considerar alternativas como a energia eólica e solar, com grande viabilidade para geração de energia limpa na região da Bacia do Rio Paraguai.

Como já foi colocado acima, hoje grande parte da energia que abastece Mato Grosso do Sul é adquirida de geradoras localizadas em outros Estados da Federação, percorrendo grandes distâncias em linhas de transmissão até chegar ao consumidor dentro do Estado, isso contribui para o encarecimento da energia, principalmente em função de perdas na transmissão, e mesmo a energia gerada internamente percorre grandes distâncias até chegar ao destino para consumo, tendo em vista que o Estado tem uma grande extensão territorial com vazios demográficos e distância que podem chegar a 1000 km.

O incentivo ao aproveitamento de todo o potencial energético, como a biomassa do setor industrial, o gás natural, a disponibilidade de rios para PCH's e hidrelétricas, somado a outras oportunidades como a energia eólica e solar e levando em consideração que todo esse potencial se distribui por grande parte do território estadual, principalmente na Bacia do Rio Paraná e ao longo de eixos como as BR's 163, 262, 060, 359 e 267 e dos ramais ferroviários da Novo Oeste e Ferronorte, é uma opção estratégica para o desenvolvimento regional do Estado, reduzindo custos e melhorando a capacidade de concorrência, principalmente da produção agroindustrial de Mato Grosso do Sul nos mercados nacionais e internacionais.

O suprimento de energia no Mato Grosso do Sul é realizado por uma malha de distribuição em classe de tensão: 69/34,5/13,8kV, alimentado por 6.218 km de linhas de transmissão nas tensões 230/138 kV e 98 subestações, estando em curso a construção de mais 290 km de linha de transmissão na tensão de 230 KV com previsão de conclusão para dezembro de 2013, que ligará o município de Anastácio a Corumbá.

4.3.9 - TRANSPORTES

A infraestrutura de transporte do Mato Grosso do Sul é constituída por uma malha rodoviária com 65.677,2 km de rodovias pavimentadas e não pavimentadas – por dois eixos ferroviários – NOVOESTE (900 km) e FERRONORTE (410 km) totalizando 1.300 km de trilhos e por duas hidrovias – Tietê-Paraná, que tem uma extensão de 2.400 km navegáveis, e a Paraguai-Paraná com 1.300 km navegáveis, que vêm possibilitar o transporte intermodal rodo-hidro-ferroviário, através da interligação em vários pontos das rodovias BR 163 e 262 com as linhas férreas e as hidrovias, conforme apresentada na figura 4.6.

Ao longo das décadas de 1980 e 1990 e primeiros doze anos do novo milênio, a malha de transporte rodoviário atravessou um lento processo de evolução, apresentando uma expansão média de 1,1% anual de sua extensão total. A malha pavimentada que oferece melhor qualidade de tráfego rodoviário cresceu 5,1% a.a., assegurando melhor qualidade na interligação inter e intrarregional do Estado; por outro lado, enquanto a malha ferroviária incorpora um novo ramal de 410 km na região nordeste do Estado, ocorre um processo de deterioração na parte da malha ferroviária mais antiga do Estado, que interliga fronteiras extremas – Três Lagoas a Corumbá – passando pelo coração do Estado, que é a Capital.

No ano de 1980 a infraestrutura viária do Estado estava centrada, como no resto do país, no modal rodoviário, contando com 46.748,0 km de rodovias e um ramal ferroviário com uma extensão de 1187 km de trilhos, a antiga NOROESTE do Brasil, que interligava o eixo Corumbá - Campo Grande – Três Lagoas a Bauru em São Paulo, e interligava Ponta Porã, no sul do Estado a Campo Grande, este último trecho foi desativado.

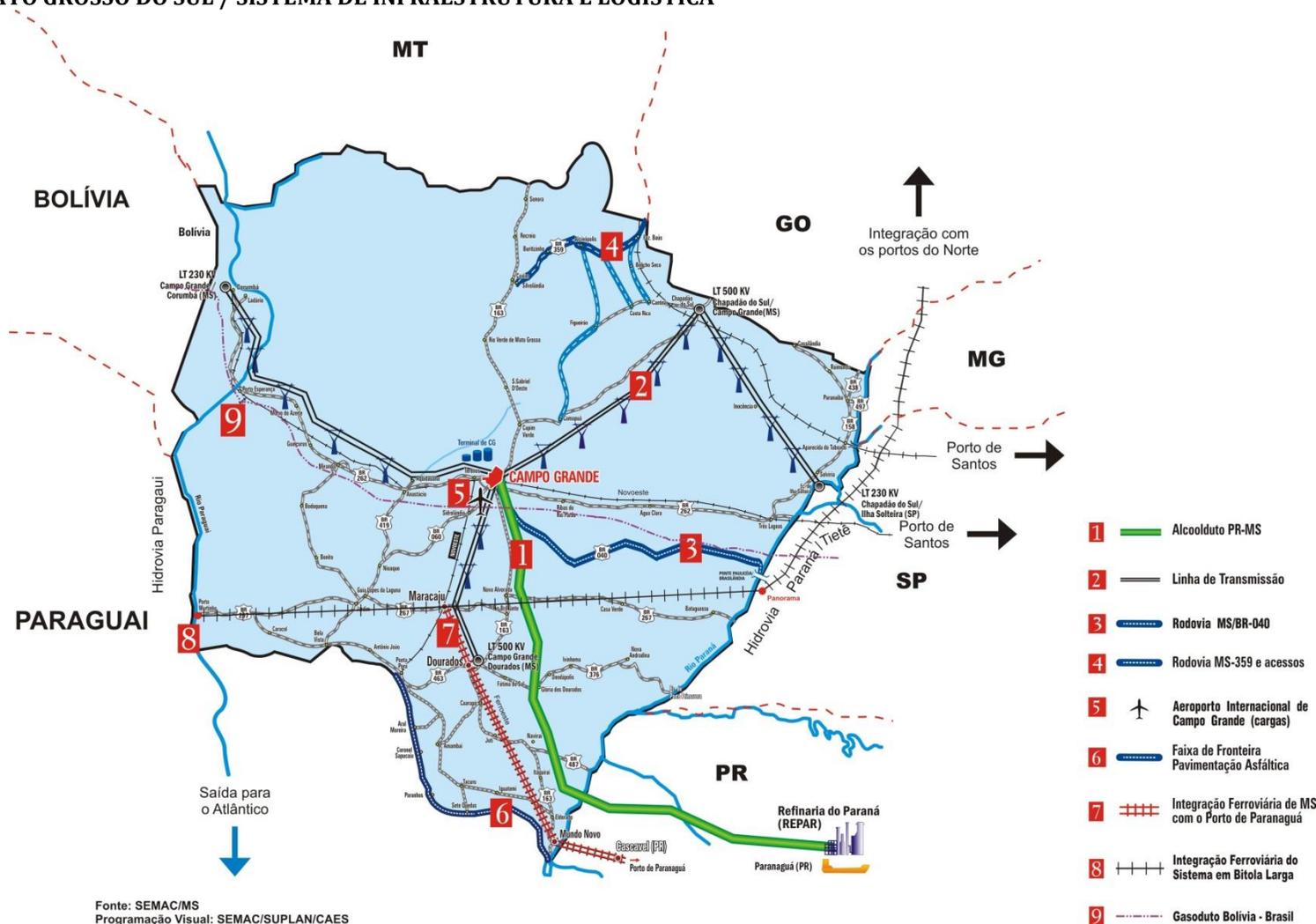
A malha rodoviária naquele ano se constituía na principal matriz de escoamento da produção da pungente fronteira agrícola que avançava pelo cerrado sul-mato-grossense e era constituída basicamente por rodovias não pavimentadas que representavam 96,5 % do total da malha, apresentando apenas 1.618,0 km de vias pavimentadas, formadas basicamente pelas: BR troncal 163, que liga o Estado aos seus vizinhos da região Centro Oeste e região Sul do Brasil e BR 267, única via pavimentada que ligava MS a SP.

Como destaque na evolução da malha viária ressalta-se a pavimentação da BR 262 com uma extensão de 746,0 km e a construção da ferrovia FERRONORTE com uma extensão de 410 km, buscando com isso atender a crescente demanda por transporte, concentrada principalmente no escoamento de grãos das regiões produtoras, de gado para o abate e de minério de ferro, por outro lado vale ressaltar que o escoamento da produção de minério de ferro da região de Corumbá ainda se dá pelo modal ferroviário da NOVOESTE e do transporte hidroviário pela hidrovía do rio Paraguai.

No período 1980-2012, enquanto a agricultura aumentou em 5,2 vezes o volume colhido e a pecuária aumentou em aproximadamente 4 vezes o número de animais transportados para abate ao ano, a malha rodoviária na sua extensão total expandiu-se apenas 1,4 vezes, embora os trechos pavimentados tenham crescido 4,9 vezes - passando de 1.618,0 km em 1980 para 7.959,8 km em 2012.

Considerando apenas a malha rodoviária e a produção de grãos, em 1980 Mato Grosso do Sul transportava 47 t por km de rodovia. Atualmente esse coeficiente de carga agrícola é de 175,9 t/km de rodovias, o que produz um aumento de 291,3% de peso médio de carga transportada nas rodovias do Estado no período 1980-2012, considerando uma produção de 11.550.508 t de grãos mais algodão em 2012. Quando se considera o modal de transporte ferroviário esta realidade não deve mudar muito, pois apenas 410 km da rede está voltada para o escoamento agrícola, dado que grande parte da malha ferroviária de Mato Grosso do Sul transporta basicamente minérios, álcool e outras mercadorias.

IGURA 4.6 – MATO GROSSO DO SUL / SISTEMA DE INFRAESTRUTURA E LOGÍSTICA



Malha Rodoviária

A malha rodoviária existente no Estado de Mato Grosso do Sul é composta por 65.677,2 km, dos quais 4.580,2 km (7,0%) são federais, 15.920,2 km (24,2%) estaduais e 45.176,8 km (68,8%) municipais. Desse total, aproximadamente 87,9% são constituídos de rodovias não pavimentadas e somente 12,1% são pavimentadas, denotando a deficiência existente neste setor, conforme a tabela 4.55.

TABELA 4.55 – MALHA RODOVIÁRIA, POR TIPO DE SUPERFÍCIE DE ROLAMENTO – 2012

(Em km)

DESCRIÇÃO	PAVIMENTADA	NÃO PAVIMENTADA	PLANEJADA	TOTAL
Federal	3.787,8	110,2	682,2	4.580,2
Estadual	4.172,0	9.592,4	2.155,8	15.920,2
Municipal ⁽¹⁾	-	45.126,1	50,7	45.176,8
Total	7.959,8	54.828,7	2.888,7	65.677,2

FONTE: AGESUL/MS

NOTA: Na malha federal não estão computados os trechos das rodovias federais que foram estadualizados pela MP 082/2002: 644 km pavimentados e 41 km de rodovias em leito natural

(1) As rodovias municipais sofreram retificações conforme atualização de dados junto às Prefeituras Municipais.

O Estado é cortado transversalmente pelas rodovias BR 262 e BR 267, que o integram a grandes centros consumidores do Sul e Sudeste do País. A primeira adentra no Estado através de Três Lagoas (a Leste, divisa com São Paulo) e atinge Corumbá (fronteira com a Bolívia). A segunda tem acesso por Bataguassu (também limítrofe com São Paulo), até atingir o Município de Porto Murtinho que faz divisa com a República do Paraguai.

No sentido longitudinal, encontramos a BR 163, que interliga Mundo Novo (ao Sul, divisa com o Paraná) a Sonora (ao Norte, divisa com Mato Grosso). A evolução da malha rodoviária de MS de 1980 a 2010 é apresentada na tabela 4.56.

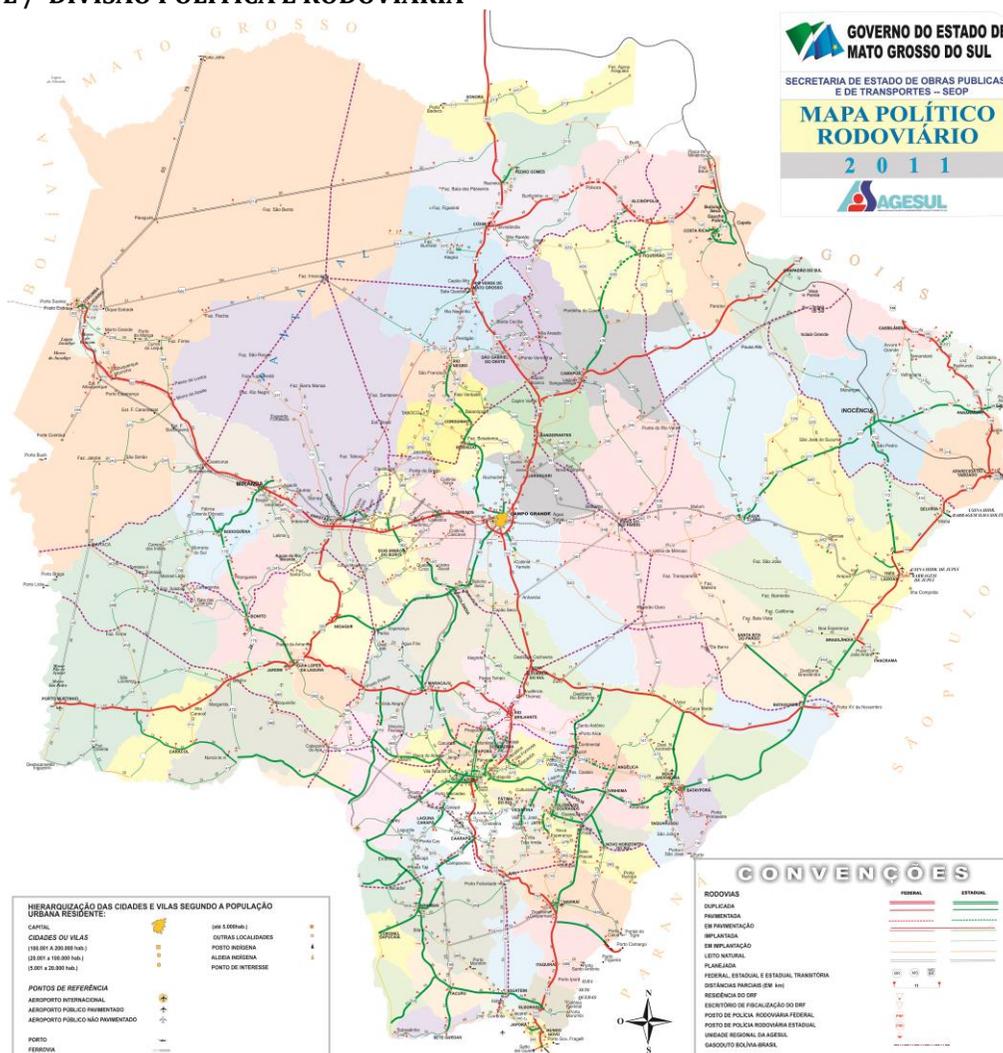
TABELA 4.56 – EVOLUÇÃO DA MALHA RODOVIÁRIA – 1980 - 2011

ANOS	PAVIMENTADAS (km)	NÃO PAVIMENTADAS (km)	TOTAL	PAVIMENTADAS (%)	NÃO PAVIMENTADAS (%)
1980	1.618,0	45.130,0	46.748,0	3,5	96,5
1990	4.303,0	48.447,0	52.750,0	8,2	91,8
1995	4.964,0	52.240,0	57.204,0	8,7	91,3
2002	6.021,7	60.898,2	66.919,9	9,0	91,0
2004	6.918,1	56.851,7	63.769,8	10,8	89,2
2006	6.690,7	53.789,7	60.480,4	11,1	88,9
2009	7.062,5	58.503,3	65.565,8	10,8	89,2
2010	7.338,8	58.273,1	65.611,9	11,2	88,8
2012	7.959,8	57.717,4	65.677,2	12,1	87,9

FONTE: SEOP/MS, SEMAC/MS

Diante dessa evolução de rodovias pavimentadas e não pavimentadas, em 2011, o novo mapa político rodoviário do Estado estaria conforme a figura 4.7.

FIGURA 4.7 – MATO GROSSO DO SUL / DIVISÃO POLÍTICA E RODOVIÁRIA



Destaca-se ainda a BR 060, que corta o Estado em sentido diagonal, interligando a região Nordeste do Município de Chapadão do Sul e a Sudeste, até Bela Vista, desenvolvendo papel estratégico para o desenvolvimento regional. Também de grande importância para o escoamento da produção estadual, temos a BR 158/MS 306 (Leste/Noroeste); a MS 141 (Sudeste); a MS 164, que interliga a MS 386 (Sul) e as MS 436/223 e MS 217, que interliga a MS/BR 135/359 (Norte).

Entre as onze MRG do Estado, as que possuem malha rodoviária melhor estruturada são as MRG Dourados e MRG Iguatemi, localizadas ao Sul, compostas por municípios altamente produtores e a MRG Nova Andradina, pólo de expansão de pecuária de corte. Também a MRG Campo Grande é muito bem estruturada, pois praticamente todas as rodovias trocais convergem para Campo Grande e favorecem o escoamento da produção estadual.

A MRG do Baixo Pantanal pode ser considerada a mais deficiente, pois é servida por apenas uma rodovia oficial pavimentada (que dá acesso a Corumbá), inibindo seu processo de desenvolvimento.

A dinamização do desenvolvimento do transporte regional avança com a já concluída pavimentação das rodovias: MS 267, que interliga o Centro-Sul do Estado ao porto de Porto Murtinho, da MS 395, que faz a ligação da região do Bolsão ao Sul do Estado, da MS 158 que liga Amambaí a Caarapó e da MS 384 que interliga Porto Murtinho a Ponta Porã. Para completar a integração rodoferroviária ainda necessita a conclusão da pavimentação da BR 359 em andamento, que interliga os eixos da BR 163 à FERRONORTE, na região nordeste do Estado. As dificuldades de integração entre as diversas regiões constituem-se no maior entrave para o desenvolvimento. A interligação regional por rodovias pavimentadas, além de acelerar o processo de desenvolvimento do Estado, vem possibilitar a efetiva complementaridade dos transportes mediante a intermodalidade, resultando na redução dos custos de escoamento da produção e de insumos. Na figura 4.8 são apresentados os eixos de integração e desenvolvimento de Mato Grosso do Sul

4.3.10 - ARMAZENAGEM

O avanço da agricultura estadual em nível comercial inicia-se no final da década de 1960 e início dos anos 70, com a introdução da lavoura industrial e exportação da soja, avançando posteriormente com outras culturas como trigo, milho, algodão, etc. Estas culturas se expandiram inicialmente pela ocupação de áreas novas e, mais recentemente, pelo ganho de rendimento. A privilegiada localização geográfica em relação aos grandes centros consumidores, a expansão da rede armazenadora e a infraestrutura de escoamento (rodovias troncais, ferrovia e portos) constituem-se em alguns dos fatores que favorecem o desempenho da fronteira agrícola.

Na agricultura o Estado, em 2010, era o quinto maior produtor de soja, o nono de milho e o quinto de sorgo do País. Essas culturas destacaram-se pela contínua melhoria em seus níveis de produtividade, apresentam-se como atividades que mais expandiram na região, liderando o processo de incorporação de novas áreas e de modernização da agricultura e contribuindo significativamente para a interiorização do desenvolvimento.

O último levantamento da pela Companhia Nacional de Abastecimento – CONAB, feito em 2010, estimava a capacidade estática da rede de armazenagem agrícola do Estado em 7,1 milhões de toneladas e uma produção de grãos, nesse mesmo ano, de 9,7 milhões de toneladas. Mesmo em nível de Estado, a rede armazenadora em 2010 não atendia a demanda por armazenagem em uma condição estática, apresentando déficit em várias regiões produtoras.

As maiores dificuldades na estocagem da safra de 2010 se encontram na MRG de Dourados que no confronto do volume da safra com a capacidade da rede armazenadora apresentou um déficit de 1.749.872 t e na MRG de Iguatemi, com um déficit de 477.990 t, o problema se acentua nos municípios de Maracaju e Sidrolândia, Itaporã, Ponta Porã, Aral Moreira, Caarapó e Itaquirai somando um déficit de 1.652.741 t entretanto, os maiores superávits estão nos municípios de Campo Grande com 337.753 t e Chapadão do Sul com 210.447t. Outras MRG do Estado também apresentaram situações deficitárias em 2010: Alto Taquari, Campo Grande, Bodoquena, Baixo Pantanal, Aquidauana, Paranaíba, nas duas últimas o déficit apresentado foi pequeno, de 7.003t e 7.460t, respectivamente. Na tabela 4.57 são apresentados os dados relativos à capacidade de armazenamento e situação da capacidade estática.

A estrutura de armazenagem do Estado, no ano de 2010, estava assim distribuída: 53,03% de armazéns graneleiros, 38,41% de silos, 8,72% de armazéns convencionais e 0,101% de depósitos simples, localizados principalmente ao sul do Estado, onde concentra-se a maior capacidade da rede, com 55,9% da oferta localizada nas MRG de Dourados e Iguatemi, e a região Norte/Nordeste, constituída pelas MRG de Alto Taquari e Cassilândia, sendo detentora de 36,8% da capacidade estática.

TABELA 4.57 – ARMAZENAMENTO – OFERTA E DEMANDA – CAPACIDADE ESTÁTICA – 2011/12

(continua)

MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS/MUNICÍPIOS	OFERTA DE ARMAZENAGEM (t)	PRODUÇÃO DE GRÃOS (t)	SALDO
MRG - Alto Taquari	856.531	993.003	-136.472
Alcinópolis	14.480	51.150	-36.670
Camapuã	84.947	34.440	50.507
Coxim	30.752	41.717	-10.965
Figueirão	-	4.348	-4.348
Pedro Gomes	28.820	33.960	-5.140
Rio Verde de Mato Grosso	-	18.984	-18.984
São Gabriel do Oeste	588.056	578.860	9.196
Sonora	109.476	229.544	-120.068
MRG – Aquidauana	24.162	54.120	-29.958
Anastácio	3.340	10.786	-7.446
Aquidauana	-	537	-537
Dois Irmãos do Buriti	-	15.544	-15.544
Miranda	20.822	27.253	-6.431

TABELA 4.57 – ARMAZENAMENTO – OFERTA E DEMANDA – CAPACIDADE ESTÁTICA – 2011/12

(continuação)

MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS/MUNICÍPIOS	OFERTA DE ARMAZENAGEM (t)	PRODUÇÃO DE GRÃOS (t)	DÉFICIT / SUPERÁVIT
MRG Baixo Pantanal	36.892	1.975	34.917
Corumbá	16.452	379	16.073
Ladário	-	72	-72
Porto Murtinho	20.440	1.524	18.916
MRG Bodoquena	63.762	160.343	-96.581
Bela Vista	993	71.376	-70.383
Bodoquena	-	8.264	-8.264
Bonito	45.247	54.060	-8.813
Caracol	-	3.432	-3.432
Guia Lopes da Laguna	-	2.997	-2.997
Jardim	17.522	17.994	-472
Nioaque	-	2.220	-2.220
MRG Campo Grande	890.808	638.586	252.222
Bandeirantes	31.327	77.085	-45.758
Campo Grande	397.884	47.928	349.956
Corguinho	-	155	-155
Jaraguari	8.368	14.340	-5.972
Rio Negro	-	11.265	-11.265
Rochedo	-	-	-
Sidrolândia	449.483	470.575	-21.092
Terenos	3.746	17.238	-13.492
MRG Cassilândia	1.181.520	960.733	220.787
Cassilândia	12.080	32.100	-20.020
Chapadão do Sul	701.071	449.798	251.273
Costa Rica	468.369	478.835	-10.466
MRG Dourados	3.912.132	5.337.533	-1.425.401
Amambaí	150.054	185.358	-35.304
Antônio João	6.236	58.402	-52.166
Aral Moreira	257.107	419.373	-162.266
Caarapó	297.330	453.876	-156.546
Douradina	58.412	71.440	-13.028
Dourados	945.176	746.376	198.800
Fátima do Sul	45.863	53.110	-7.247
Itaporã	129.242	440.074	-310.832
Jutí	-	58.048	-58.048
Laguna Carapã	255.553	372.920	-117.367
Maracaju	815.881	1.215.691	-399.810
Nova Alvorada do Sul	117.523	74.040	43.483
Ponta Porã	466.086	690.068	-223.982
Rio Brillhante	362.155	474.696	-112.541
Vicentina	5.514	24.061	-18.547

TABELA 4.57 – ARMAZENAMENTO – OFERTA E DEMANDA – CAPACIDADE ESTÁTICA – 2011/12

(conclusão)

MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS/MUNICÍPIOS	OFERTA DE ARMAZENAGEM (t)	PRODUÇÃO DE GRÃOS (t)	DÉFICIT / SUPERÁVIT
MRG Iguatemi	464.504	903.049	-438.545
Angélica	22.938	7.981	14.957
Coronel Sapucaia	-	40.728	-40.728
Deodápolis	42.365	44.788	-2.423
Eldorado	23.758	62.918	-39.160
Glória de Dourados	5.757	5.778	-21
Iguatemi	12.500	47.644	-35.144
Itaquiraí	36.311	170.889	-134.578
Ivinhema	10.671	7.510	3.161
Japorã	-	7.684	-7.684
Jateí	4.009	40.632	-36.623
Mundo Novo	35.264	26.563	8.701
Naviraí	231.482	371.046	-139.564
Novo Horizonte do Sul	4.565	4.718	-153
Paranhos	-	10.465	-10.465
Sete Quedas	13.886	1.845	12.041
Tacuru	20.998	51.860	-30.862
MRG Nova Andradina	199.705	100.185	99.520
Anaurilândia	-	11.486	-11.486
Bataguassu	137.232	-	137.232
Batayporã	4.356	38.540	-34.184
Nova Andradina	51.183	25.457	25.726
Taquarussu	6.934	24.702	-17.768
MRG Paranaíba	-	48.306	-48.306
Aparecida do Taboado	-	405	-405
Inocência	-	960	-960
Paranaíba	-	500	-500
Selvíria	-	46.441	-46.441
MRG Três Lagoas	92.978	73.183	19.795
Água Clara	75.670	59.820	15.850
Brasilândia	17.308	2.541	14.767
Ribas do Rio Pardo	-	10.305	-10.305
Santa Rita do Pardo	-	269	-269
Três Lagoas	-	248	-248
Total MRG	7.722.994	9.271.016	-1.548.022

FONTE: CONAB

Nota: oferta de armazenagem referente ao ano de 2012, e produção de grãos se refere a 2011.

4.3.11 - RECEITA TRIBUTÁRIA

As fontes de receita tributária do Estado estão centradas principalmente na arrecadação de ICMS, que representa 85,0% dos recursos, do Imposto de Renda – IR, que representa 5,9% e do Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores – IPVA, que responde por 4,0% da arrecadação tributária. As demais fontes estão distribuídas entre Impostos sobre Transmissão *Causa Mortis* e Doação – ITCD, taxas pela prestação de serviços e taxas pelo exercício do poder de polícia. Na tabela 4.58 são apresentados os dados de arrecadação ICMS por setores de atividade econômica.

TABELA 4.58 – RECEITA TRIBUTÁRIA DE ICMS A PREÇOS CORRENTES – 1994–2012

ANOS	SETORES DE ATIVIDADE ECONÔMICA (R\$ mil)						Total
	Comércio	Indústria	Pecuária	Agricultura	Serviços	Eventuais	
1994	214.533	24.177	108.413	73.478.00	37.029	12.140	469.770
1995	285.414	36.690	108.065	75.921	46.331	14.094	566.515
1996	309.009	40.615	94.446	75.746	69.613	14.357	603.786
1997	355.619	28.434	100.900	59.189	115.867	14.500	674.509
1998	343.387	25.023	74.448	53.326	138.179	18.560	652.923
1999	484.302	29.284	87.915	98.008	153.289	22.199	874.997
2000	617.030	34.839	89.678	97.492	174.470	23.652	1.037.161
2001	753.788	35.879	147.794	78.471	194.319	33.680	1.243.931
2002	763.135	44.839	164.657	86.038	222.561	47.864	1.329.094
2003	1.009.819	46.908	164.157	138.707	273.089	64.706	1.697.386
2004	1.198.028	74.307	213.256	170.084	299.780	73.449	2.028.908
2005	1.461.422	98.368	241.654	196.721	391.485	70.457	2.460.107
2006	1.801.928	122.150	238.415	199.971	500.934	45.159	2.908.557
2007	2.026.910	156.451	294.780	296.443	579.612	52.088	3.406.284
2008	2.628.209	212.297	318.791	365.016	528.371	58.132	4.110.816
2009	2.494.520	245.587	346.996	332.823	562.000	60.487	4.042.412
2010	2.805.756	304.525	304.572	346.261	551.123	83.909	4.396.146
2011	3.255.653	394.035	296.758	432.312	665.424	115.747	5.159.928
2012	3.568.039	425.581	305.172	466.631	639.138	131.673	5.536.234

FONTE: SEF/MS

4.3.12 - SANEAMENTO

Atualmente, os serviços de abastecimento de água tratada e esgotamento sanitário são executados principalmente pela Empresa de Saneamento de Mato Grosso do Sul – SANESUL, que atende 68 municípios. Em 09 municípios estes serviços foram municipalizados, sendo as prefeituras as responsáveis através dos Serviços Autônomos de Água e Esgoto e na cidade de Campo Grande esse atendimento é privatizado.

O nível de cobertura do fornecimento de água tratada vem evoluindo satisfatoriamente. Em 1995 atendia aproximadamente 74,2% da população, ampliando o universo de atendimento para mais de 798.000 hab. no período 1995 – 2010, com um índice chegando à casa de 92,2% em 2010, já no ano de 2012 esse serviço atendia 100% da população, levando esse serviço em Mato Grosso do Sul para 2.522.633 habitantes em 31 de dezembro.

TABELA 4.59 – EVOLUÇÃO DOS SERVIÇOS DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA – 1995/2012

ESPECIFICAÇÃO	1995	2000	2005	2010	2011	2012
Ligações de água	394.454	499.374	588.686	698.844	743.163	781.001
Rede de distribuição (km)	5.754	7.588	8.758	9.440	9.776	9.982
População MS (mil)	1.913	2.078	2.264	2.449	2.477	2.505
População atendida (mil) ⁽¹⁾	1.459	1.798	2.178	2.257	2.400	2.522
Índice de abastecimento	74,2 %	86,5%	93,6%	92,2%	96,89	100,67

FONTE: SANESUL, Águas Guariroba e Empresas de Saneamento Municipal.

(1) A população atendida foi estimada pela SEMAC/MS considerando a razão de 3,6 pessoas por ligação de AGU até 2005, passando para 3,23 por ligação em 2010.

No que se refere ao sistema de esgotamento sanitário, em torno de 46 municípios têm rede instalada, mas destes apenas 42 municípios contam com o serviço em funcionamento. Campo Grande com atendimento a 545.999 hab. e Dourados a 79.916 hab. em 2012, concentram grande parte da rede de esgoto no Estado. No ano de 2012, aproximadamente 264 mil domicílios estavam ligados à rede de esgoto, beneficiando em torno de 658.109 hab., significando 26,6% da população estadual.

TABELA 4.60 – EVOLUÇÃO DOS SERVIÇOS DE ESGOTAMENTO SANITÁRIO – 1995/2012

ESPECIFICAÇÃO	1995	2000	2005	2010	2011	2012
Número de Economias	53.019	55.178	94.117	203.749	238.147	264.244
Rede de distribuição (km)	472	912	1.511	2.554	2.766	2.902
População MS (mil)	1.913	2.078	2.264	2.449	2.477	2.505
População atendida ⁽¹⁾	190.868	200.808	338.821	658.109	769.214	853.508
Índice de abastecimento	6,7%	7,0%	11,8%	26,9%	31,05	34,07

FONTE: SANESUL, Águas Guariroba e Empresas de Saneamento Municipal.

(1) A população atendida foi estimada pela SEMAC/MS considerando a razão de 3,6 pessoas por ligação de esgoto até 2005, sendo 3,23 hab. Por domicílios em 2010.

A ausência do serviço de saneamento na área rural e a baixa cobertura na zona urbana constituem fator negativo diante do esforço de redução da taxa de mortalidade infantil e do combate à proliferação de doenças parasitárias e infecções intestinais, bem como as consequências de impacto ambiental.

O Estado ainda não dispõe de uma política de tratamento de resíduos nos sistemas de esgotamento sanitário, drenagem urbana de águas pluviais e de coleta, tratamento e destinação do lixo domiciliar urbano.

Serviços públicos necessários para manter a higiene e salubridade do meio ambiente são executados de forma relativamente precária na Capital e em algumas cidades de porte médio. Como podemos verificar na tabela 4.61 em 1980 25,36% dos domicílios era abastecida de água, e 6,55% possuíam sanitários ligados à rede geral de esgotamento, serviço de coleta de lixo não existia. Depois de uma década houve uma melhora no abastecimento de água passando para 63,76% e os serviços de coleta de lixo passando a atender 68,9% dos domicílios no Estado, como mostra a tabela 4.62. Em 2000, segundo o Censo, a maioria da população encontrava-se beneficiada com os serviços básicos, 78,30% dos domicílios atendidos com água, 80,6% com coleta de lixo e 11,8% com sistema de esgoto ligado à rede geral.

Segundo dados do Censo Demográfico de 2010 apenas 183.694 dos 759.299 domicílios estavam ligados à rede geral de esgoto ou pluvial, 69,3% dessas ligações estavam concentradas em Campo Grande de Dourados, quanto ao nível de atendimento dos domicílios municipais se destaca o Município de Bonito, onde 73,01% dos seus 6.188 domicílios estavam ligados à rede geral de esgoto e pluvial, em Campo Grande essa cobertura representava 44,31% e em Dourados 27,21%.

TABELA 4.61 – DOMICÍLIOS COM ABASTECIMENTO DE ÁGUA, ESGOTO SANITÁRIO E LIXO COLETADO - 1980

MICRORREGIÕES	TOTAL DE DOMICÍLIOS	DOMICÍLIOS ABASTECIDOS (REDE DE ÁGUA)	DOMICÍLIOS ABASTECIDOS COM POÇOS OU NASCENTES	DOMICÍLIOS COM SANITÁRIOS LIGADOS À REDE GERAL	DOMICÍLIOS ATENDIDOS POR FOSSA SÉPTICA	DOMICÍLIOS COM LIXO COLETADO
Alto Taquari	15.423	1.724	1.590	-	57	-
Aquidauana	-	-	-	-	35	-
Baixo Pantanal	37.016	13.236	1.911	857	128	-
Bodoquena	13.443	1.905	1.313	-	61	-
Campo Grande	80.791	29.250	12.060	14.002	883	-
Cassilândia	-	-	-	-	-	-
Dourados	102.703	15.844	13.792	1.657	1.144	-
Iguatemi	-	-	-	-	482	-
Paranaíba	16.095	2.652	2.552	961	15	-
Nova Andradina	-	-	-	-	4	-
Três Lagoas	16.436	6.887	1.057	992	93	-
Total	281.907	71.498	34.275	18.469	2.902	-

FONTE: Censo Demográfico - IBGE

Conforme o Censo 2000, o Estado tinha 1.601.341 pessoas atendidas pela rede geral de abastecimento de água, destas, 97,03% estavam em áreas urbanas e 2,97% são pessoas do meio rural. Quanto ao lixo, o Estado tinha 1.641.648 pessoas atendidas pela coleta, das quais 98,86% estavam na área urbana e 1,14% na rural e, ainda, 1.957.296 pessoas tinham sanitário em casa, sendo 85,96% na área urbana e 14,04% na rural.

A implantação de usinas de reciclagem do lixo doméstico e as melhorias nos atuais sistemas de depósito e destino dos resíduos do lixo e de esgoto sanitário constituirão instrumentos eficientes de ação preventiva da saúde pública, buscando persistentemente elevar o coeficiente de atendimento da população com rede de esgoto dos atuais 34,07%, em 2012, para parâmetros bem mais abrangentes. Esses pontos são essenciais para eliminar o quadro de morbidade e mortalidade por doenças por veiculação hídrica, típicas de áreas onde condições mínimas de saneamento estão ausentes.

TABELA 4.62 – DOMICÍLIOS COM ABASTECIMENTO DE ÁGUA, ESGOTO SANITÁRIO E LIXO COLETADO - 1991

MICRORREGIÕES	TOTAL DE DOMICÍLIOS	ABASTECIDOS (REDE DE ÁGUA)	ABASTECIDOS COM POÇOS OU NASCENTES	COM SANITÁRIOS LIGADOS À REDE GERAL	ATENDIDOS POR FOSSA SÉPTICA	COM LIXO COLETADO
Alto Taquari	21.549	11.474	3.102	1.148	211	9.052
Aquidauana	20.524	10.062	2.296	824	500	10.404
Baixo Pantanal	25.114	16.039	1.709	392	1.633	15.728
Bodoquena	19.958	10.352	2.125	681	2.225	9.903
Campo Grande	143.280	110.308	11.970	25.381	2.544	125.857
Cassilândia	9.632	5.291	2.208	-	16	6.111
Dourados	85.697	53.026	10.820	2.886	1.414	60.642
Iguatemi	46.969	24.448	7.838	-	45	21.376
Paranaíba	17.011	8.743	3.260	2.519	105	9.959
N. Andradina	14.633	7.875	2.581	-	15	9.308
Três Lagoas	25.423	16.402	4.551	2.471	146	17.816
Total	429.790	274.020	52.460	36.302	8.854	296.156

FONTE: Censo Demográfico - IBGE

Segundo os dados apresentados pelos dois últimos Censos Demográficos, 2000 e 2010, o atendimento de domicílios com rede de água tratada cresceu de 78,3% para 82,9% naquele período, no entanto o maior avanço em termos percentuais foi o número de domicílios com a presença de sanitários, saindo de 66.619 em 2000 para 183.694 em 2010, crescendo mais de 175,7% no mesmo período, conforme pode ser observado nas tabelas 4.63 e 4.64.

TABELA 4.63 – DOMICÍLIOS COM ABASTECIMENTO DE ÁGUA, ESGOTO SANITÁRIO E LIXO COLETADO - 2000

MICRORREGIÕES	TOTAL DE DOMICÍLIOS	ABASTECIDOS (REDE DE ÁGUA)	ABASTECIDOS COM POÇOS OU NASCENTES	COM SANITÁRIOS LIGADOS À REDE GERAL	ATENDIDOS POR FOSSA SÉPTICA	COM LIXO COLETADO
Alto Taquari	28.945	21.758	5.485	1.899	173	21.359
Aquidauana	25.146	18.262	5.552	2.296	1.776	15.406
Baixo Pantanal	29.086	25.113	2.750	2.534	5.529	22.671
Bodoquena	26.233	18.580	6.703	2.118	1.108	17.049
Campo Grande	202.130	172.869	27.964	35.501	19.937	189.422
Cassilândia	13.584	10.933	2.503	947	72	11.059
Dourados	109.416	78.628	29.672	12.724	4.637	84.088
Iguatemi	52.700	38.684	14.033	1.206	288	34.649
Paranaíba	20.969	12.859	7.834	3.426	96	15.672
N. Andradina	19.851	15.942	3.692	70	186	15.374
Três Lagoas	34.632	26.977	7.346	3.898	2.896	26.936
Total	562.692	440.605	113.534	66.619	37.081	453.685

FONTE: Censo Demográfico - IBGE

TABELA 4.64 – DOMICÍLIOS COM ABASTECIMENTO DE ÁGUA, ESGOTO SANITÁRIO E LIXO COLETADO - 2010

MICRORREGIÕES	TOTAL DE DOMICÍLIOS	ABASTECIDOS (REDE DE ÁGUA)	ABASTECIDOS COM POÇOS OU NASCENTES	COM SANITÁRIOS LIGADOS À REDE GERAL	ATENDIDOS POR FOSSA SÉPTICA	COM LIXO COLETADO
Baixo Pantanal	36.972	32.455	1.921	4.191	5.391	31.482
Aquidauana	31.058	24.884	3.900	5.142	4.899	23.097
Alto Taquari	38.667	32.271	4.955	5.270	2.433	32.462
Campo Grande	277.943	244.995	29.249	110.943	4.4302	263.059
Cassilândia	19.807	17.110	2.049	3.584	4.095	17.713
Paranaíba	25.831	17.123	8.087	5.453	1.993	21.835
Três Lagoas	49.154	40.789	6.626	10.223	10.908	42.145
N. Andradina	28.128	22.936	3.342	1.261	3.794	22.861
Bodoquena	32.157	25.868	4.652	7.866	4.333	24.679
Dourados	151.498	117.901	28.682	25.762	24.394	125.990
Iguatemi	68.084	52.923	9.038	3.999	3.902	51.106
Total	759.299	629.255	102.501	183.694	110.444	656.429

FONTE: Censo Demográfico - IBGE

Nos últimos trinta anos de período censitário (1980 a 2010) observa-se um grande descompasso na velocidade de evolução entre os serviços de saneamento básicos com o crescimento populacional e aumento no número total de domicílios existentes no Estado, o Censo de Demográfico de 1980 apontava a existência de 1.369.567 habitantes em 281.907 domicílios, o que dava uma média de 4,86 pessoas por domicílio, tendo naquele ano 71.498 domicílios abastecidos pela rede geral de água e 18.469 domicílios ligados á rede geral de esgoto. Já no Censo de 2010 foi apontando uma população de 2.449.024 habitantes, com 759.299 domicílios, o que dá uma média de 3,23 pessoas por habitação, apresentando 629.255 domicílios ligados á rede de água e 183.694 ligados á rede geral de esgoto. Comparando as variações, temos: enquanto a população nesses trinta anos acumulou um aumento de 78,8% o número de domicílios foi ampliado em 169%, avançou em velocidade mais que o dobro do crescimento da população, o que mostra que as famílias estão se fragmentando em uma velocidade muito rápida, gerando novas demandas por moradias, e sinalizando o aumento no número de pessoas que moram sozinhas.

Os serviços de saneamento básico vêm evoluindo em uma velocidade muito superior ao da população, tendo como referência os censos de 1980 e 2010, enquanto o crescimento total da população foi de 78,8%, o atendimento com rede de água se ampliou em 780,1% quando nos referimos em número de domicílios atendidos e, 485% quando se refere ao aumento no número de pessoa abastecida com rede d'água tratada. Também é notável o crescimento no atendimento dos serviços de rede geral de esgoto, tendo ampliado em 894,6% no período, embora atenda ainda um universo pequeno da população, aproximadamente 593.000 habitantes, cerca de 24,2% da população residente segundo dados do censo de 2010.

No setor de esgotamento sanitário, se considerarmos os domicílios ligados á rede geral de esgoto e aqueles atendidos por fossa séptica, o número de domicílios que contam com esses serviços sai de 21.371 em 1980 para 294.138 em 2010, em termos de cobertura do universo de residências registradas, há trinta anos atrás atendia 7,6%, evoluindo para 38,7% em 2010, já se atentarmos para a população beneficiada, em 1980 eram 7,6% contra 38,8% de cobertura baseado em dados do Censo Demográfico de 2010. Embora mostre uma evolução significativa em termos relativo, os dados mostram que mais de 60% da população sul-mato-grossense tem uma situação muito precária no que se refere ao sistema de esgotamento sanitário.

4.3.13 - REFORMA AGRÁRIA

Localizado em uma região de solos potenciais para a exploração de atividades agrárias – fato que o levou a se transformar em uma das mais promissoras fronteiras agrícolas a partir do ano de 1970, quando então, as suas imensas áreas de cerrado foram descobertas para o cultivo agrícola –, Mato Grosso do Sul, nos últimos anos, vem atraindo a atenção dos movimentos dos sem-terra, que têm dirigido suas ações para o Estado na busca de conquistar áreas para assentamentos de pequenos produtores interessados em produzir na terra.

O Estado possui atualmente, distribuídos em 53 municípios de seu território, 181 assentamentos, nos quais são beneficiadas 30.543 famílias, que ocupam uma área de 675.289 ha, e cuja atividade econômica está voltada para a produção de arroz, feijão, milho, mandioca e soja, além de pastagens para a criação de gado de leite e pequenos animais.

Considerando o conjunto dos projetos de assentamentos, o Estado tem um número médio de 169 famílias por assentamento, utilizando uma área média de 22 ha, localizados em 53 municípios, conforme tabela 4.65. Dos 53 municípios que têm assentamentos rurais destacam-se: Sidrolândia com 18 projetos, contemplando 3.925 famílias em uma área de 72.944 ha, Itaquirai com 12 projetos, beneficiando 3.185 famílias, que ocupam uma área de 45.604 ha, também ressalta-se Nova Alvorada do Sul e Rio Brilhante com 09 assentamentos; Nioaque com 08 assentamentos e especialmente Ponta Porã com 07 projetos, contemplando 3.407 famílias, em uma área de 65.313 ha, conforme tabela 4.65.

TABELA 4.65 – PROJETOS DE ASSENTAMENTOS CRIADOS PELO INCRA ATÉ 2012

<i>(continua)</i>			
MUNICÍPIO	Nº DE ASSENTAMENTOS	Nº DE FAMÍLIAS	ÁREA (ha)
Amambai	3	214	4.985
Anastácio	2	432	13.846
Anaurilândia	4	694	13.013
Angélica	1	150	1.824
Aquidauana	4	400	6.423
Aral Moreira	1	78	1.959
Bataguassu	5	599	21.087
Batayporã	3	228	3.259
Bela Vista	5	469	14.275
Bodoquena	3	355	8.880
Bonito	2	165	3.799
Brasilândia	1	85	3.344
Caarapó	1	41	1.193
Campo Grande	2	230	3.815
Chapadão do Sul	3	449	21.944
Corguinho	4	326	5.824
Corumbá	7	1.346	33.595
Dois Irmãos do Buriti	3	370	8.719
Dourados	2	218	5.198
Eldorado	1	185	4.981
Glória de Dourados	1	45	441
Guia Lopes da Laguna	2	162	4.509
Iguatemi	3	435	12.569
Itaquirai	12	3.185	45.604
Ivinhema	1	100	2.968

TABELA 4.65 – PROJETOS DE ASSENTAMENTOS CRIADOS PELO INCRA ATÉ 2012

(conclusão)

MUNICÍPIO	Nº DE ASSENTAMENTOS	Nº DE FAMÍLIAS	ÁREA (ha.)
Japorã	3	574	11.918
Jaraguari	3	317	5.216
Jardim	2	110	1.988
Jateí	1	113	2.757
Juti	2	132	2.923
Ladário	1	85	2.343
Maracaju	3	360	11.285
Miranda	2	193	3.903
Mundo Novo	1	83	1.949
Naviraí	1	113	2.606
Nioaque	7	1.243	33.503
Nova Alvorada do Sul	9	990	20.418
Nova Andradina	3	1.767	59.846
Novo Horizonte do Sul	1	757	16.580
Paranaíba	1	116	2.986
Paranhos	5	341	7.231
Ponta Porã	7	3.407	65.313
Ribas do Rio Pardo	3	769	22.921
Rio Brilhante	9	816	18.184
Santa Rita do Pardo	1	49	1.400
São Gabriel do Oeste	1	132	2.852
Selvíria	3	637	9.320
Sidrolândia	16	3.894	71.977
Tacuru	3	523	7.293
Taquarussu	1	80	1.862
Terenos	5	1.159	20.555
Três Lagoas	3	128	3.706
Total	173	29.849	660.889

FONTE: INCRA

Nota: Existem assentamentos em conjunto nos municípios: Dois Irmãos do Buriti/Anastácio, Maracaju/Nioaque, Ribas do Rio Pardo/Brasilândia/Santa Rita do Pardo e Ribas do Rio Pardo/Santa Rita do Pardo.

TABELA 4.66 – PROJETOS DE ASSENTAMENTOS CRIADOS PELA AGRAER ATÉ 2012

MUNICÍPIO	Nº DE ASSENTAMENTOS	Nº DE FAMÍLIAS	ÁREA (ha.)
Dois Irmãos do Buriti	1	61	1.525
Jaraguari	1	16	144
Maracaju	1	7	140
Nioaque	1	243	2.500
Santa Rita do Pardo	1	110	2.870
Sidrolândia	2	31	967
Sonora	1	226	6.253
Total	8	694	14.400

FONTE: AGRAER/MS

5. GOVERNADORES DE MS

1° - HARRY AMORIM COSTA – de 1/1/79 a 12/6/1979
(interino – Londres Machado, de 13 a 29/6/1979).

2° - MARCELO MIRANDA SOARES – de 30/6/79 a 30/8/1980
(interino – Londres Machado, de 30/10 a 6/11/1980).

3° - PEDRO PEDROSSIAN – de 7/11/80 a 15/3/83

Encerra-se o ciclo de governadores “biônicos” e realizam-se as primeiras eleições para governador pós-regime militar, em 1982. Os eleitos desde então foram:

4° - WILSON BARBOSA MARTINS – de 15/3/83 a 15/5/86 – o mandato foi concluído por Ramez Tebet, vice-governador.

5° - MARCELO MIRANDA SOARES – de 15/3/87 a 15/3/1991.

6° - PEDRO PEDROSSIAN – de 15/3/91 a 1/1/1995.

7° - WILSON BARBOSA MARTINS – de 1/1/95 a 1/1/1999.

8° - JOSÉ ORCÍRIO MIRANDA DOS SANTOS, o Zeca do PT – de 1/1/99 a 31/12./2006 (reeleito)

9° - ANDRÉ PUCCINELLI – governador – de 1/1/2007 a 31/12/2014 (reeleito)

10° - REINALDO AZAMBUJA SILVA - governador – de 1/1/2015 a 31/12/2018

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ✓ Produto Interno Bruto de Mato Grosso do Sul – PIB/MS – 2002-20012 – SEMAC/MS
- ✓ Macrozoneamento Geoambiental de Mato Grosso do Sul – SEMAC/MS – IBGE – 1986 a 1990
- ✓ Censo Agropecuário de Mato Grosso do Sul – IBGE – 1980, 1985, 1996 e 2006
- ✓ Censo Demográfico de Mato Grosso do Sul – IBGE – 1980 – 2010
- ✓ Produção da Pecuária Municipal de Mato Grosso do Sul – IBGE – 1980 a 2013
- ✓ Produção Agrícola Municipal de Mato Grosso do Sul – IBGE – 1980 a 2013
- ✓ Levantamento Sistemático da Produção Agrícola - LSPA/IBGE- 2013
- ✓ Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de Mato Grosso do Sul – IBGE – 1989 a 2012
- ✓ Cadastro Geral de Emprego e Desemprego – Ministério do Trabalho e Emprego – 1998 – 2012
- ✓ Banco de Dados do Estado de Mato Grosso do Sul – SEMADE/BDE/MS – 1985 – 2013
- ✓ Indicadores do Turismo de Mato Grosso do Sul – SEPROTUR – 2012
- ✓ Balança Comercial do Brasil – SECEX – 1992 – 2012
- ✓ Relatório de Atividades – INCRA – 2012

AUTORIDADES

GOVERNADOR

Reinaldo Azambuja Silva

VICE-GOVERNADORA

Rosiane Modesto de Oliveira

SECRETÁRIO DE ESTADO DE GOVERNO E GESTÃO ESTRATÉGICA

Eduardo Correa Riedel

SECRETÁRIO DE ESTADO DA CASA CIVIL

Sérgio de Paula

SECRETÁRIO DE ESTADO DE FAZENDA

Márcio de Campos Monteiro

SECRETÁRIO DE ESTADO DE ADMINISTRAÇÃO E DESBUROCRATIZAÇÃO

Carlos Alberto de Assis

SECRETÁRIO DE ESTADO DE INFRAESTRUTURA

Ednei Marcelo Miglioli

SECRETÁRIA DE ESTADO DE HABITAÇÃO

Maria do Carmo Avesani lopes

SECRETÁRIO DE ESTADO DE PRODUÇÃO E AGRICULTURA FAMILIAR

Fernando Mendes Lamas

SECRETÁRIO DE ESTADO DE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

Jaime Elias Verruck

SECRETÁRIA DE ESTADO DE DIREITOS HUMANOS, ASSISTÊNCIA SOCIAL E TRABALHO

Rosiane Modesto de Oliveira

SECRETÁRIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

Maria Cecília Amêndola da Motta

SECRETÁRIO DE ESTADO DE SAÚDE

Nelson Barbosa Tavares

SECRETÁRIO DE ESTADO DE JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA

Sílvio César Maluf

SECRETÁRIO DE ESTADO DE CULTURA, TURISMO, EMPREENDEDORISMO E INOVAÇÃO

Athayde Nery de Freitas Junior

PROCURADOR-GERAL DO ESTADO

Adalberto Neves Miranda

**SEMADE – SECRETARIA DE ESTADO DE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO**

SECRETÁRIO
Jaime Elias Verruck

Elaboração

TÉCNICOS
Eliandres Pereira Saldanha
Loraine Osterberg Benites Pereira

CAPA E MAPAS
Giorgia dos Santos Cara Vilela